MARÇO 91

Ano I

Nº 2

Preço: 50$00

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

A CABRA

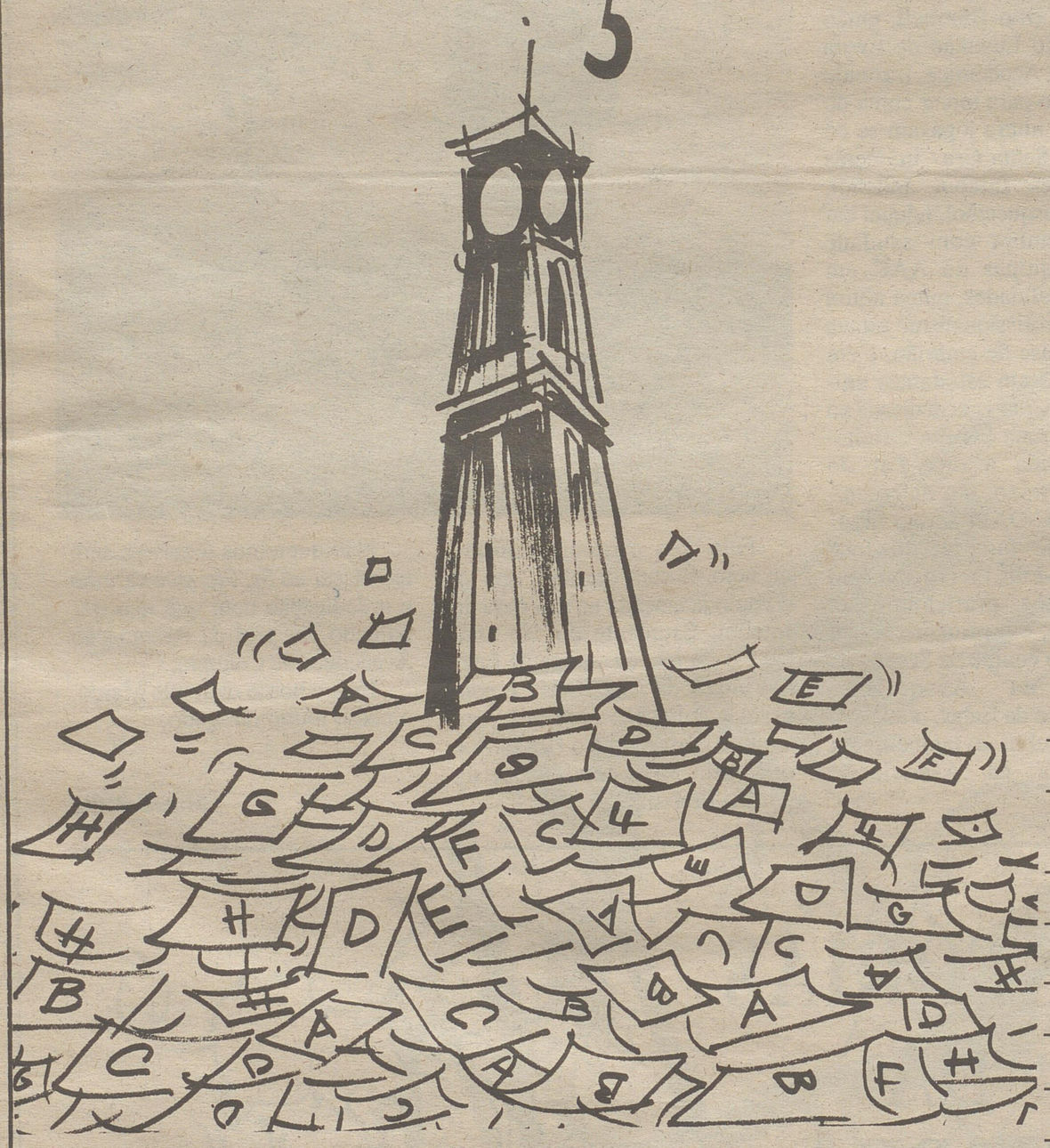
Director: José de Albuquerque

AGORA

32

PÁGINAS

ELEIÇÕES/91



ELEIÇÕES/91

ELEIÇÕES/91

ELEIÇÕES/91

ELEIÇÕES/91

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

700 ANOS

INSÓLITO

• Dirigente associativo impossibilita a 2ª Edição de "A Cabra".

Destacado dirigente tentou adquirir todos os exemplares de "A Cabra" para assim impossibiltar que o Jornal chegasse a todos os colegas. Este tipo de atitudes, não nos merece grandes comentários. Lamentamos apenas que a ideia aventada por tão ilustre personagem não se tenha materializado.

Ao terceiro número, uma 2ª edição é por certo um prémio de que não estávamos, nem estamos à espera tão cedo.

... Verdadeiros académicos! Pois então.

SONDAGEM

Após muitas pressões, aí está a sondagem de "A Cabra". Quem vence a primeira volta, quem vaí à segunda o que pensa a academia da campanha eleitoral.

Saiba primeiro lendo "A Cabra"

Pág. 7

ENTREVISTA

"A Cabra" colocou quatro questões a todos os candidatos. Propôs-lhes um desafio: em espaço limitado responderam a questões como irreverência, a principal vitória e derrota da actual D.G./AAC.

Pág. 8

◦ Teste

Serei eu um verdadeiro cábula?

Finalmente um teste que te permitirá descobrir se és um verdadeiro cábula, ou se apenas te gabas disso quando convêm...

Pág. 20

EDITORIAL

O mês de Março trouxe consigo episódios marcantes que o tornarão num mês impar na história da academia e não só. A D.G./A.A.C., a própria A.A.C. e guardarão na memória, os diferentes acontecimentos em que se viram envolvidos.

Para a Universidade de Coimbra, o mês de Março – o dia 1 de Março – foi o culminar das Comemorações do 7º Centenário, ainda que futuras realizações venham a ter lugar. Comemorações que pintadas de cinzento passaram, sempre, longe da Academia e ficaram muito aquém do esperado. A Reitoria, é sabido, evoca a existência de querelas históricas como justificação para o atraso na preparação das Comemorações, acreditamos que tais querelas não possam explicar tudo. No entanto, mais importante que as comemorações, que recordar o passado é sem dúvida questionar o futuro. Os problemas pedagógicos, o insucesso escolar, a falta de instalações bem como a falta de condições que a Universidade oferece para a realização na cultura e no desporto, são questões a que a Universidade de Coimbra terá forçosamente de responder sob pena de se deixar ultrapassar. Se no aspecto das instalações é notória a vontade de inverter a situação, o mesmo não se poderá dizer em relação às restantes questões. Sintomático é sem dúvida o projecto do Regulamento de Prescrições apresentado pelo Prof. Dr. Romero de Magalhães, que para além de revelar um desconhecimento da realidade e da especificidade da A.A.C., surge dissociado de toda um reflexão que urge fazer em torno do ensino universitário. Não é legítimo que se queira instituir um Regulamento de Prescrições sem se acautelar o trabalho que as Secções e Organismos Autónomos vêm realizando em prol da A.A.C. e da própria Universidade. A questão das prescrições não deve ser tabu, nem os estudantes devem ter receio de a discutir seja com quem for, desde que de uma forma global.

Para a A.A.C., o mês de Março significa Eleições. Este ano o cortejo apresenta novos intervenientes, o que por si só marca estas eleições. Na verdade, a existência de sete listas em vez das quatro tradicionais, carece de uma reflexão que mais cedo ou mais tarde terá necessariamente que ser feita. Para já, fica o registo de um cortejo numeroso que pode indiciar novos rumos para a Centenária Associação.

Para a D.G./A.A.C., o mês de Março significa ainda, a abertura de um novo espaço de lazer na A.A.C. – **a sala de snoocker.**

Há muito que se fala da necessidade de ser criada uma biblioteca na A.A.C., até porque são muitos e valiosos os livros que chegam todos os anos, dos mais variados lugares, à Direcção-Geral. O espaço sempre foi, no entanto, factor impeditivo, dizia-se, para a prossecução de tão nobre objectivo. Não discuto que o snoocker possa ser uma boa fonte de receitas para a A.A.C., questiono apenas, a sua oportunidade. Não seria o espaço disponibilizado pelo encerramento do Departamento Gráfico, o lugar ideal para a abertura da biblioteca? Não teria sido esta, a oportunidade há tanto aguardada para retirar os livros do pesadelo em que se encontram? Antes de tudo somos uma Associação de Estudantes, antes de tudo devemos preservar a Cultura.Não sou contra a sala de snoocker, pergunto apenas se não deperdiçámos a oportunidade de termos uma biblioteca na A.A.C., onde todos pudéssemos ter acesso aos livros que amontoados, cobertos de pó e de humidade, lamentam a sorte que lhes coube – uma sala fechada na Centenária Académica.

José de Albuquerque

"... Sou o funcionário mais antigo da A.A.C."



Não se pode falar na Associação Académica, sem falar no Freixo. Nascido em Elvas, no já longínquo ano de 1927; é ele, que, juntamente com a sua esposa se dedica à manutenção das instalações do velhinho campo de Santa Cruz.

Antes de vir para Coimbra, serviu o Lusitano de Évora em idênticas funções durante 8 anos. Em 1956, Otto Bümbell, então treinador do Lusitano de Évora veio para a Académica, trazendo o Sr. Freixo para tomar conta do campo. Na altura jogavam-se no campo de Santa Cruz inúmeras modalidades: futebol, andebol, voleibol, basquetebol, hóquei em patins. Lembra com saudade grandes equipas da AAC em várias modalidades, numa altura em que o profissionalismo estava ainda em fase de embrião, e em que só jogavam estudantes universitários. Uma vida dedicada ao desporto e uma família infinitamente ligada a ele. Pai do Gregório Freixo, um dos técnicos da AAC/OAF, antigo internacional de futebol; do José Freixo e de Luís Freixo, também eles antigos praticantes da modalidade, e o primeiro actual treinador da equipa da Secção de Futebol da Associação Académica; e da Isabel, praticante de basquetebol e também ela funcionária da Associação Académica.

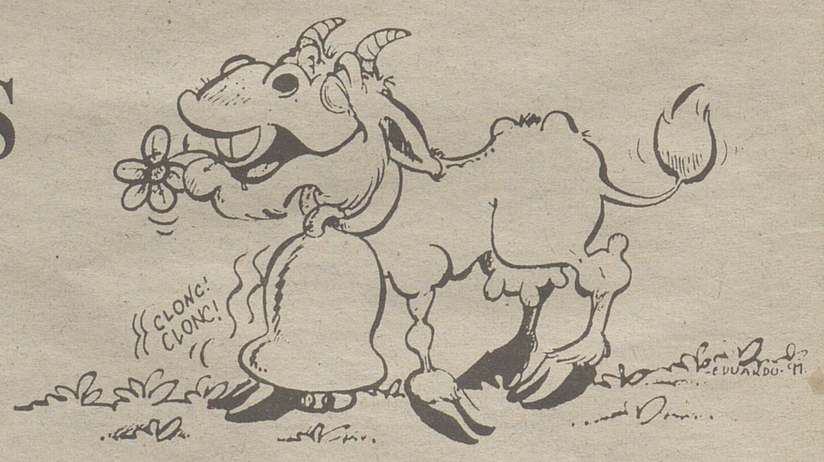
Fala com particular carinho no neto. É com orgulho, que vê o Paulo já lançado na alta roda do futebol. Estudante do 10º ano, ele é o capitão da equipa de futebol júnior da AAC/OAF; e pela garra e aplicação com que joga temos a certeza que o Gregório e o Zé têm ali o continuador da família Freixo.

Não queremos terminar, sem agradecer ao Sr. Freixo o carinho e a dedicação com que tem trabalhado em prol da Associação Académica de Coimbra.

Para o nosso eleito de Março, o nosso muito obrigado.

Miguel Pedra

HISTÓRIAS DA CABRA



António Nunes

Ai estavas a pensar que a Cabra era a Torre da Universidade? Pois cometeste uma grande cabriolice. Que a Cabra é um sino que toca de manhã e à tarde para nos azucrinar a cachimónia, lá isso é bem verdadinha.

À Cabra, tem-se feito das boas!

O badalo, esse já lho surripiaram duas vezes. Trovas, fartaram-se de lhas fazer António Nobre e Afonso Lopes Vieira, para gáudio dos serenateiros d' algum tempo: "A Cabra da velha torre, meu amor chama por mim"...

Enterros da Cabra só foram dois, com caixão, cortejo e carpideiras. E antes de lhe chamarem Cabra, dizem que era conhecida por Vaca.

O homem que a ordenha, perdão, que a tange é o Cabreiro, e se acaso se esquece do ofício, a coisa dá em feriado certo.

Há quem não goste nada de cabras. Imagine-se: os republicanos de 1910 mandaram dizer ao reitor que arrumasse a Cabra no curral, e vejam só, a coitada até 1919 ficou sem berrar pelo bode! Dizia-se nesse tempo que a Cabra era reaccionária!!

Associação Académica de Coimbra

Eleições /91

As eleições aí estão outra vez, como todos os anos, repete-se o cortejo de promessas e sorrisos, afirmam-se veementemente as ideias que se não têm. As jogadas baixas e os golpes de teatro sucedem-se numa monótona cadência. Tudo isto face à indiferença geral ou comum do estudante que assiste como se estivera no cinema ou no teatro, de fora.

Para quê tudo isto? O que faz um candidato? Parece bem que um pouco de tudo. Entre a ingenuidade, o carreirismo político e a simples generosidade se compõe um candidato.

De notável face as anteriores eleições apenas a inusitada quantidade de candidatos a "bombos da festa", mas também isso parece mais ser fruto de factores circunstanciais do que de uma hipotética vontade de participação da academia, da qual continuam não existir sinais evidentes.

Por: João Saraiva e José de Albuquerque



CAPITÃO NÃO TE ENTENDO !

A Lista A apresenta-se esta ano aos estudantes com um discurso absolutamente novo e primando pelo esotérico. De facto, duvida-se que alguém tenha ficado minimamente elucidado sobre os objectivos e propostas do projecto através da leitura dos comunicados "Oh captain, my captain" sobre Letras, Direito ou Medicina (muito densos e filosóficos). Após a leitura, a sensação que fica é a de que andaram a gozar connosco, depois pensa-se quando é que se irá finalmente perceber que escrever bem não é sinónimo de complicação, que a simplicidade é a mãe do estilo, que as mensagem são para ser compreendidas.

Só mais tarde, com a leitura do comunicado à imprensa, conseguiu "A Cabra" ficar com a ideia do que queriam os capitães. Assim, o ponto central do programa consiste no reconhecer à AAC um papel exclusivamente da Associação de Estudantes, ou seja, o abandono das actividades culturais e desportivas a favor dos aspectos meramente pedagógicos, o que parece uma concepção bastante restritiva de formação universitária .

No mesmo comunicado justifica a Lista A a sua sui generis campanha defendendo que para perturbar o poder instituído e o lugar comum das concepções vigentes é necessária a instituição de um discurso desconcertante, noutras palavras, incompreensível. Enquanto conceito é interessante mas muito, muito discutível. Polémico Nuno Alves, o cabeça de lista, é-o sem dúvida. Já o tinha demonstrado em Direito aquando da contestação ao regulamento de estágio, tendo inclusivamente sido vaiado em plena RGA, no entanto coragem política ninguém lhe pode negar.

Agora, coloca-se a questão: que ilações retirar de um programa que não tem propostas? Pretenderá a A ser eleita? É duvidoso, se atendermos a que não apresenta o programa aos estudantes. Sem dúvida que têm os cartazes esteticamente mais atraentes, no entanto são também, os mais inconsequentes.

Se a Lista A quer continuar assim, depressa se vai ver como as vacas do Hermínio, com água pela barriga. Pode ser que Nuno Alves marque uns pontos na JC, desejamos-lhe as maiores felicidades.

GRITOS ROUCOS

A Lista C, velha caminheira destas andanças, apresenta-se à campanha com o lema "Grita de novo Académica" numa clara alusão aos acontecimentos de 69. Há quem considere, no entanto, que a C usa e abusa de valores que sendo de todos, não devem servir para meras campanhas eleitorais.

O discurso e a campanha mantêm-se fieis à tendência dos últimos anos, as ideias pecam por uma falta de objectividade que permita concretizar o que é proposto. A campanha é toda ela virada para a crítica à actuação da actual DG, dando especial ênfase à questão dos Estatutos e ao Artigo 20º do Estatuto da Universidade.

Depois de uma pré–campanha que prometia, a Lista C descambou para a banalidade com um programa que não apresenta novidades, é no essencial abstracto e peca pela falta de unidade. A título de exemplo "Exigir que os S.M.S. sejam de uma vez por todas um verdadeiro centro de apoio médico aos estudantes da U.C.". Bravo! Mas como o vão conseguir, era o que todos gostávamos de saber.

Ideia interessante e que constitui o ponto forte da campanha, é a pretensão de "Fazer constar no curriculo da Secretaria Geral as actividades desenvolvidas na AAC", esta ideia numa altura em que tanto se fala de prescrições não deixa, pois de ser interessante.

O programa desportivo é de um inegável valor teórico, apresentando-se como um "Projecto diferente e inovador", que pretende impôr a formação de uma equipa B por cada profissional – pressupomos que a equipa B seja constituida por estudantes universitários, será? Por um lado defendem que as selecções universitárias devem ser escolhidas pelas secções, por outro, propõe-se organizar os Torneios Abertos da AAC de uma forma própria e condigna. Então a DG organiza e são as secções que vão escolher…

Ao nível da campanha duas iniciativas merecem especial destaque: a 27 de Fevereiro lançam o panfleto "Direitos e Deveres dos Estudantes" onde criticam severamente a passividade da actual DG em fazer aprovar no Senado o art. 20º, quando o art.78º prevê que a aprovação seja feita no prazo máximo de três meses; a 2 de Março distribuem pelas cantinas e pela AAC cópias do artigo do "Expresso" onde se referia que um dirigente estudantil estava sob suspeita, no caso, Tiago Silva teria desviado em seu proveito a verba de 700 contos. Tudo isto causou natural mau-estar à Lista D.

Falemos agora do lider da Lista C: Paulão, rapaz da casa tem-se mostrado pouco aguerrido, dando a espaços a ideia de estar precocemente cansado… A experiência adquirida na Secção de Fado ao longo dos anos, poderá constituir um importante ponto de referência.

PAIXÕES NA ACADEMIA

Assume-se a Lista D como a continuidade em relação à cessante D.G., para o melhor e para o pior, ou seja, a mesma grande capacidade para "fazer coisas" e uma certa dificuldade em olhar o fundo dos problemas, senão repare-se, prometem continuar com as Jornadas Pedagógicas, realizam o III Congresso do Ramo Educacional, mas esquecem-se, e esta falha no programa é sintomática, que na base da maior parte das reformas pedagógicas propostas nas IV Jornadas estava simplesmente uma maior dotação orçamental para a Universidade que permitirá então a contratação de mais professores, cursos de formação para os mesmos, a manutenção e modernização das instalações, em resumo o respirar na Universidade.

Nota-se que falta ali a imaginação, o pensar de soluções inovadoras. Basta dizer que numa questão tão importante para a Academia como é a revisão dos estatutos não conseguem passar de temerosos "há que ter cautelas" "há que criar consensos" que parecem reveladores de falta de propostas para os mesmos. Talvez não queiram fazer promessas que não podem cumprir, mas não lhe ficava nada mal avançarem uma ideias sobre o que devem ser os estatutos.

Quanto ao programa em si é pautado pelo pragmatismo o que, se é uma qualidade, é também o seu maior defeito pelas razões atrás apontadas.

Como pontos fortes sem dúvida o desporto e a cultura; o primeiro pela garantia do trabalho já realizado e a relativa certeza da sua continuidade, a segunda pela qualidade das propostas avançadas. Nem mal, nem bem está o ponto Administração e Serviços pois as ideias avançadas se bem que sejam interessantes parecem-se demasiado com promessas eleitorais casos da insonorização e instalação de ar condicionado na sala de estudo, quando neste momento chove lá dentro, ou, da informatização completa dos serviços.

Péssimos estão os pontos referidos aos Serviços Sociais e Gabinete de Apoio ao Estudante. O primeiro porque parece ignorar que as refeições nas cantinas vão de mal a pior; que um grill com bichas de 3/4 de hora não resolve a situação; que os Serviços Médico-Sociais continuam a mesma miséria de sempre, o segundo porque se a ideia que se tem de um gabinete de apoio ao estudante é a de um quiosque de informações é pena.

No que toca à campanha deve ser dito que parece não se ter distinguido muito bem onde acabava a DG e onde começava a Lista D só assim se compreendendo que a pré-campanha tenha sido baseada em publicações da DG/AAC, a saber, o boletim Especial Mandato e uma brochura sobre o Congresso de Coimbra., Foram pagos, presume-se, com dinheiros da Associação Académica. Quanto ao cartaz pareceu-nos simples e eficaz.

Como conclusão, e para isto não ser uma crónica de mal dizer, resta-nos dizer que Fernando Guerra é um bom organizador com provas já dadas, que a D.G. cessante foi uma das melhores de sempre e ainda que os rapazes são do melhor a arranjar subsídios.

TAXOS E PANELINHAS

A Lista E sempre foi um caso à parte nas eleições, pelo tipo de campanha que realiza, pelo original (e polémico) das suas propostas, pela personalidade do seu cabeça de lista.

Começando por esta última, sem dúvida que Quim Reis é um lider carismático e uma figura da academia. Mas, é lícito perguntar-se, até que ponto será um estudante. Até que ponto alguém que em princípio não quer tirar o curso em que se encontra inscrito já há 15 anos e que todos os anos se matricula apenas para se poder afirmar estudante, se identifica com o estudante universitário dos nossos dias? Que saberá ele do que é ter aulas? Do que é marrar sebentas? É certo que a figura do estudante boémio é de arreigada tradição entre nós, terá ela validade ainda hoje? Fica a interrogação.

Quanto às propostas em concreto pecam por utópicas, casos por exemplo da abertura de uma cantina no Estádio Universitário, quando as de cá de cima não chegam para as encomendas, a criação de uma editora da AAC quando acaba de falir a Secção de Textos, a instituição de professores–conselheiros quando os existentes são menos que poucos e se critica a sua formação pedagógica. Outras são, no entanto, extremamente positivas como a salvaguarda de um estatuto especial para os alunos das secções culturais e desportivas da AAC. Outras ainda, são pelo menos interessantes no que têm de polémicas. Assim, a concepção das relações DG/secções culturais representa um corte radical com o que tem vindo a ser feito até aqui. Propõe a E que todas as actividades culturais sejam deixadas às secções, devendo a DG limitar-se a dar-lhes o apoio necessário. Abandonando, pois, a realização de congressos, publicações, etc., que entende a E não serem dirigidos aos estudantes, – o lema é todo o poder às secções. Corte mais radical ainda, se tal é possível, verifica-se na concepção das relações a manter com as secções desportivas, entendendo a E que a DG deve deixar de apoiar o desporto federado profissional, devendo este auto-financiar-se. Assim, a DG limitaria o seu apoio ao desporto universitário e ao desporto de lazer. Ainda dentro desta área outra medida inovadora é a passagem da organização dos Torneios Abertos às secções.

Proposta muito discutível é a criação de um fundo comum das secções a gerir pela DG, que provavelmente viria a limitar drasticamente a liberdade de acção das secções que lhes é vital. A par disto, defende ainda a E a revitalização de órgãos que actualmente não funcionam, como o Conselho Fiscal, o Conselho Desportivo ou a Assembleia Magna, esta última após revisão parcial dos estatutos.

Quanto à campanha eles sempre tiveram piada, apesar de este ano, com a 2ª volta na mira estarem um tudo nada mais comedidos.

INÓCUOS FENENOS

Confesso que é um pouco desconcertante elaborar um comentário sobre a Lista F, grande enigma destas eleições.

A sua campanha se bem que engraçada é, afinal, inconclusiva sobre quem são e o que pretendem. Jorge Almeida, um desconhecido, e a sua lista no seu manifesto afirmam-se como uma projecto pluralista de reflexão e intervenção que visa uma maior participação dos estudantes na vida académica.

O que pouco adianta.

Corre o boato, nunca confirmado, e desmentido por Paulo Martins, de que seria uma lista criada pela C para diminuir os votos da Lista E. Tendo inclusivamente alguns elementos da Lista E protestado por elementos da F lhe terem arrancado os cartazes nas cantinas. O facto é que ambas as listas concorrem ao mesmo espaço, o das listas independentes,, utilizando um tipo de linguagem semelhante.

Talvez que após o fecho desta redacção (domingo, 3) se saiba algo mais. Para já, o que podemos adiantar é que a Lista F tem uma campanha inteligente. Arranjaram um óptimo slogan mas, no campo das propostas concretas parecem inconsequentes, pouco ou nada se conhece sobre eles. Provavelmente ficarão a saber mais sobre eles lendo a entrevista do candidato do que esta análise.

Do que não há dúvidas é que enfenenam, enfenenam mesmo, e abanar já abanaram muita gente.

SIMPLESMENTE VADIANDO

Porque analisamos conjuntamente a Lista G e a Lista H? É simples, porque a Lista H não existe, constituiu tão só um expediente utilizado pela Lista C para duplicar a dotação concedida pela DG para a campanha e ter dois tempos de antena na RUC. Azar da Lista E que nunca se lembrou de tal coisa. Se esta candidatura serviu para algo foi para revelar que algo está mal no sistema de inscrições de listas. Pois situações como esta, ou a inscrição da Lista fantasma B pela Lista C com o objectivo de impedir a interposição de uma das novas listas entre as tradicionais, atacam seriamente a credibilidade do sistema eleitoral. Ao presidente da Assembleia Magna, Pedro Amaro, não lhe ficava mal preocupar-se com estas situações.

Quanto ao programa da Lista G, uma única frase ocorre:

Estes romanos são doidos!!

É certo, que mais do que candidatarem-se À DG/AAC, pretendem fazer passar uma mensagem ecológico–pacifista, o que em si mesmo não teria mal nenhum e seria mesmo louvável, mas se querem ser ecologistas por favor sejam-no de uma forma inteligente e responsável, com um discurso coerente e fundamentado, não desta forma bacoca, feita de frases soltas e de passeios de matilhas pelo bar da Associação. A ecologia merece-nos demasiado respeito e tem demasiada importância para que nos agrade vê-la tratada assim à vol d'oiseau, com discursos infantilizantes ("como inscreveram o homem no livro vermelho") por quem provavelmente não realizou uma reflexão séria sobre o assunto.

Em suma, um muito mau serviço à causa ecológica e nem sequer se mencionou aqui frases como: "são todos uns fascistas" que muita tinta poderiam ainda fazer correr, não só pelo que têm de arcaicas, como pelo que denotam de falta de sentido das realidades.

A "POLÉMICA" SONDAGEM DE "A CABRA"

Lista D vence 1ª volta

As listas D e C seguem em frente
Lista E em processo de desaceleração

Gráfico I - Previsões gerais



Listas	(%) prevista
D	34,6
C	26,4
E	22,4
F	7,1
A	3,1
G	2,2
H	1,3
Brancos	2,7

Na sondagem efectuada por "A Cabra" a lista D surge como principal candidata à vitória na primeira volta das eleições para a D.G. da Associação Académica de Coimbra, com 34,6% dos votos, batendo a sua tradicional rival, Lista C, por cerca de 8%. Este comportamento eleitoral, não condizente com o verificado no ano anterior (Lista C e D com cerca de 34%), parece derivar, essencialmente, da existência de um número mais elevado de listas concorrentes forçando a uma maior dispersão de intenções de voto surgindo, como maior prejudicada a lista C e, em menor escala a lista E. Aliás, da análise do gráfico II parece comprovar-se, pela menor quantidade de indecisos, uma superior capacidade de fixação e mobilização do eleitorado afecto à Lista D.

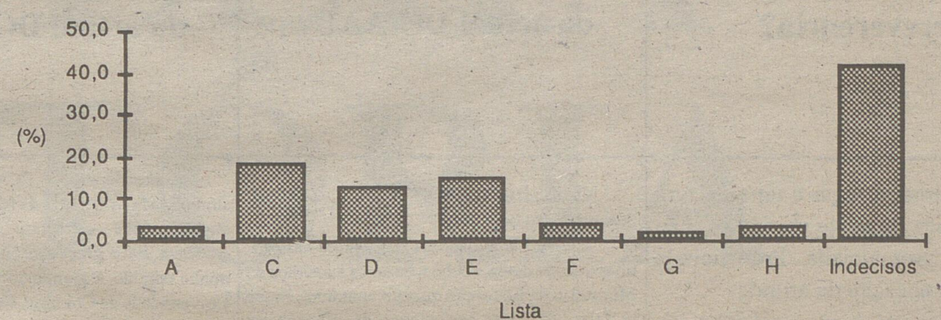
Daí resulta também a diminuição do peso relativo das três principais listas em relação ao total dos votos expressos que, na 1ª volta de 1990 correspondeu a cerca de 90%, e se prevê corresponder em 1991 a 84%.

A lista E surge como terceira força eleitoral, com 22,4% das intenções de voto e parece ter, mais uma vez, poucas esperanças de disputar a segunda volta, apesar de, em termos relativos, poder vir a aproximar a sua votação da obtida pela Lista C. Verifica-se pela primeira vez em quatro anos, uma possível estabilização no processo de crescimento do seu eleitorado. Indicia-se, assim, a detenção de peso eleitoral suficientemente importante para impedir a vitória das listas afectas à JSD e à JS na primeira volta mas, simultaneamente, a incapacidade de participar na decisão eleitoral final.

Em quarto lugar apresenta-se a lista F, pela primeira vez a sufrágio, e que recolhe 7,1% das intenções de voto, ultrapassando largamente as previsões para os restantes projectos minoritários. Destes, somente a lista A possui tradição eleitoral, e os resultados previstos apontam para a possibilidade de existir um crescente esvaziamento da sua base de apoio. As lista G e H, apresentam possibilidades de voto bastante pequenas rondando os 1-2%.

A percentagem de indecisos, verificada a poucos dias das eleições, apresenta-se bastante elevada rondando os 20% do total dos que afirmaram "ir certamente votar" ou "talvez votar".

Gráfico II - Talvez vote...

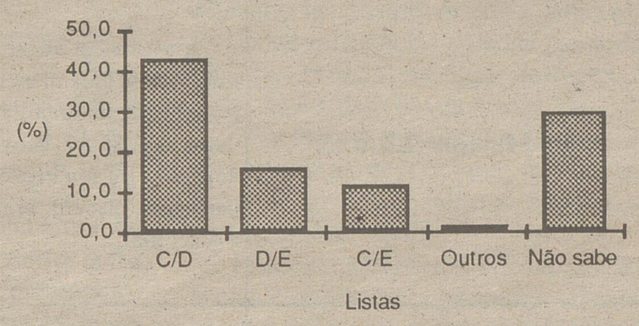


No gráfico II, apresentam-se os valores referentes aos inquiridos que afirmaram não saber ainda da sua participação ou não no acto eleitoral (25% do total). Logicamente, a maior percentagem pertence aos duplamente indecisos, ou seja, que não sabem ainda se irão votar e, votando, em quem.

Estes valores surgem ainda como indicadores da desmotivação actual do eleitorado. Os possíveis votantes na Lista C constituem o maior grupo de desmotivação, seguindo-se o agregado à Lista E.

Confirmando os dados referentes para as intenções de voto, as listas C e D apresentam-se aos olhos do eleitorado como as constituintes do par mais lógico para a disputa da segunda volta (Gráfico III). Cerca de 25% do eleitorado acredita que a lista E possa disputar com a lista D ou a lista C a segunda volta, o que ultrapassa em pouco a percentagem de votação prevista para a lista E. Daí resulta que poucos dos potenciais votantes nas listas C e D acreditem ter como opositor na segunda volta a lista E ou, logicamente, qualquer uma das restantes.

Gráfico III - Listas presentes na 2ª volta



Em conclusão, não parece, poder vir a verificar-se qualquer cenário eleitoral substancialmente diferente do verificado nas eleições do ano anterior. Assim, a lista C e a lista D deverão disputar a segunda volta partindo, no entanto, para essa fase, com uma diferença de peso relativo razoavelmente elevada. Este cenário resulta, essencialmente, da actuação de 2 vectores comportamentais:

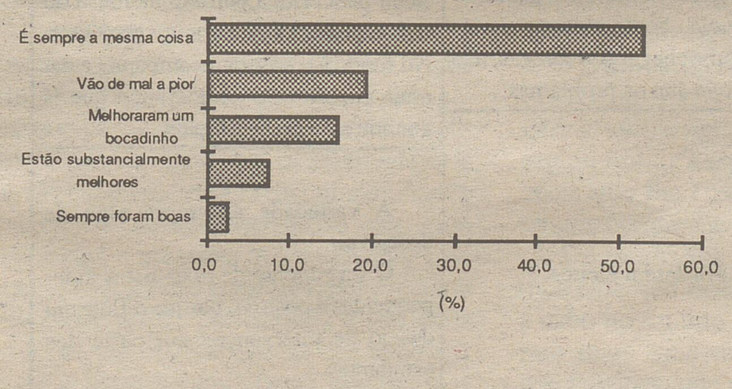
- a dispersão do eleitorado por listas minoritárias parece poder vir a punir mais fortemente o projecto "C" que o projecto "D", cujo eleitorado é, actualmente, mais estável e
- a lista E deverá ver interrompido o seu processo de crescimento estabilizando em níveis que lhe não permitem ultrapassar a primeira volta.

A lista F poderá vir a constituir uma pequena surpresa, tendo um papel algo semelhante ao da lista E em eleições anteriores, retirando votação às listas que, tradicionalmente, disputam a Direcção Geral. No caso vertente as transferências não parecem afectar a "D" mas a "C" e, curiosamente, a "E".

No campo das listas "sérias" e políticas a lista A não consegue fazer vingar o seu projecto.

No caso da previsível passagem à segunda volta das Listas C e D, pode-se especular sobre a capacidade de atracção que cada um dos projectos exercerá sobre os votantes nos projectos derrotados anteriormente. No ano passado, a Lista D demonstrou uma maior eficiência pois, partindo de uma posição de empate técnico com a Lista C, terminou com razoável vantagem o processo eleitoral. Como é sabido, parte desse sucesso derivou directamente de um fenómeno de "fulanização", ou seja, de maior identificação do eleitorado "E", com o líder da Lista D, em contraposição com uma certa oposição ao "cinzentismo" do líder da Lista C. Este ano, essa vantagem parece ter-se diminuído ou, eventualmente, invertido e, nada garante que o votante "E" típico prefira, com tanta naturalidade, a Lista D. E restam ainda como possíveis incógnitas o comportamento do eleitorado "F", caso se venham a verificar os dados apontados na sondagem, assim como a capacidade das "máquinas partidárias" actuarem just-in-time no dia das eleições..

Gráfico IV - Opinião sobre as campanhas

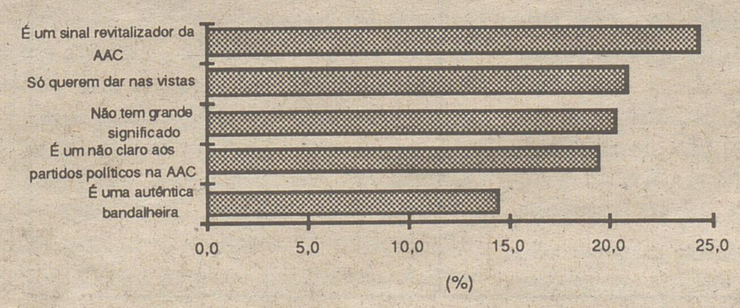


Não gostamos da campanha...

A maioria dos estudantes tem, em relação à campanha eleitoral para a D.G., uma opinião francamente depreciativa considerando que "ou é sempre a mesma coisa" ou "vai de mal a pior" (ver Gráfico IV). Este sentido crítico, factor a somar a outros e que conduzem ao abstencionismo crónico na participação nos actos eleitorais torna evidente os sintomas de não-identificação do(s) o(s) eleitorado(s) com os eleitos, que têm vindo progressivamente a banalizar e infantilizar as formas de comunicação específicas tidas no processo eleitoral.

Simultaneamente o aumento do número de listas não é também encarado de forma positiva por cerca de 60% dos inquiridos considerando que as novas listas têm um significado diminuto ou procuram essencialmente a promoção dos seus elementos (ver Gráfico V).

Gráfico V - Aumento do nº de listas



Interpretação de dados: Carlos Curto

Ficha Técnica

A sondagem de "A Cabra" foi efectuada em 28/2/90, tendo sido inquiridos, aleatoriamente, 580 estudantes, num universo possível de 16000 estudantes.

ENTREVISTA	Como defines irreverência?	Qual foi a grande derrota da actual DG/AAC?	Qual foi a grande vitória da actual DG/AAC?	O que pensas do aumento do númenro de listas, este ano?
Nuno Alves (Lista A)	Em primeiro lugar é uma palavra que, na boca de gente como nós, não devia ser pronunciada. Pronunciá-la significa a negação da atitude. Em segundo lugar, será uma atitude que consiste em fazer o contrário daquilo que é suposto, perseguindo um ideal com coragem. Enfim: irreverência = Oh captain, my captin.	O mandato actual da DG/AAC foi bom, mesmo muito bom. Soube tirar a máquina registadora das cantinas quando devia, soube recusar os subsídios do Ministério da Educação quando convinha, soube ir falar com os professores de Engenharia Electrotécnica e simbolizar a gloriosa marcha de Direito a Lisboa. Enfim, cumpriu o seu papel: fazer barulho dentro da Universidade fazendo o que era suposto e contentando o Magnífico Reitor, fazendo barulho no país, fazendo o que era suposto, contentando o país e o govemo. Uma vitória dentro do sistema; uma derrota num novo.	A grande vitória da actual DG/AAC foi simbolizada pelo que atrás foi dito. Deu o aspecto que convinha, constituiu o símbolo que se esperava. Foi a grande vitória da DG/AAC e, na minha opinião, a grande derrota dos alunos e da Universidade de Coimbra. Continua-se a agir circunstancialmente, em suma, a reagir. Continua-se a dar mostras de falta de vontade de delinear um plano para a Universidade e de o aplicar. São os alunos o corpo da Universidade mais interessado na sua radical mudança. A grande vitória da AAC, não significa mudança, significa estagnação. Por isso é uma derrota dos alunos e da Universidade em Geral.	É suposto considerar-se positivo e a isso sou obrigado, de facto. As novas listas vêem substituir a Lista E em criatividade, imaginação e desinstitucionalização. Aparecem porque a Lista E hoje, só não é igual em discurso e atitude às Listas C e D porque não tem o aparelho. A lógica do poder pelo poder, a venda das ideias aos votos é a mesma. As Listas F, G, e H substituem-na. E para melhor, penso.
Paulo Martins (Lista C)	Irreverência é Coimbra e a Academia. É toda uma maneira de estar que se aprende naturalmente, nos corredores da AAC, no convívio, no debate de ideias. Eu sou irreverente, gosto de participar, discutir, brincar, dizer bem e dizer mal...	Serviços Sociais, Artigo 20º dos Estatutos da Universidade, Desporto Universitário, Chiasmus – 90, Festa das Latas, Via Latina, SIDA, droga, viagem a Macau. Fundamentalmente uma DG/AAC fraca, com um predidente acima da média. Estatutos da AAC, nem uma ideia, é triste...	Emídio Guerreiro e a sua popularidade a apagar a má imagem, construida em Terras do Oriente.	A legitimidade de concorrer, de veicular uma mensagem é universal. Saúdo todos os que estiverem neste processo de boa-fé, com o desejo de construir uma Académica que grite de novo.
Beto Guerra (Lista D)	Irreverência é a maneira como nós, estudantes da Universidade de Coimbra, encaramos a vida. Como nós encaramos, responsavelmente as tretas que nos querem impingir ou a forma como gozamos a esperteza saloia. Irreverência é: "Bardamerda para as prescrições!"	Não considero que tenha havido alguma grande derrota durante este mandato. Reconheço, obviamente que como seres humanos tivemos algumas falhas. Não somos perfeitos. Nunca dissémos que éramos os melhores do mundo. No entanto, penso com convicção, que essas falhas não se traduziram em alguma grande derrota. Noutra perspectiva, o tempo passou rápido, mas no entanto deixou-nos uma grande vontade de continuar o trabalho.	A grande vitória da actual DG foi obtida na alteração do percurso que vinha a ser seguido pela Académica. Reivindica, participa, actua na defesa dos direitos e interesses dos estudantes. Digamos que saiu à rua contra todos aqueles que nos queriam prejudicar. Acordou do adormecimento e reagiu contra os problemas que afectam no quotidiano e que vinham a arrastar pelo tempo. Pedagogia não é demagogia, como alguém afirmou, pedagogia é uma realidade!	Em minha opinião o aumento do número de listas é salutar. Demonstra que o interesse pela vida da Académica está, novamente, bem vivo. Vivemos em Liberdade e Democracia onde todos podemos participar vivamente no quotidiano. Assim, fico satisfeito de ver este número de pessoas interessadas em concorrer para os órgãos da nossa Académica.
Quim Reis (Lista E)	Furar as consciências dos bons burgueses, fazendo-os afundar no mar das suas gargalhadas, sempre com estilo e nunca perdendo o sentido das proporções, ou seja o "bom gosto".	Não ter a E ganho as eleições o ano passado.	Ter implementado parte do que a E tem vindo a dizer de há quatro anos a esta parte. Não implementou todo o projecto E porque ainda não se sentiu à vontade, este ano damos explicações práticas.	Sempre é salutar, todos não somos demais quanto mais não seja e mesmo que daí se não queira passar, uma boa gargalhada é sempre bem vinda. A sério, a Academia não pode adormecer nos braços pensantes das "Jotas", como tal, sentir que se pode assumir projectos alternativos, só faz acreditar no futuro independente da Académica.
Jorge de Jesus (Lista F)	Irreverência é uma forma activa de encarar a vida, desta feita a vida académica que é aquela que me toca mais de perto. É uma postura inconformada contra aquilo que podemos modificar, é acima de tudo a força que nos leva a lutar por aquilo em que acreditamos e temos direito.	Para mim penso que foi ter falhado na resolução dos problemas que há muito se arrastam e passar ao lado daqueles que nos tocam tão de perto. A gerência da nossa Academia não devia ter passado pela exploração da figura simpática do lider Emídio. Os problemas das faculdades as suas amarguras mais prementes continuam no ar.	Não a presenteio com grandes vitórias porque delas não dei conta. Mas se me perguntares qual foi o lider mais carismático dos últimos 4 anos responderia que foi o "Guerreiro". Não fora as suas dívidas partidárias e noutro contexto, poderia ter exercído uma gerência com alguma notoriedade. Soube chegar aos colegas, não soube resolver-lhe os problemas.	De certa forma é o acentuar da irreverência. É o levantamento contra a partidarização que vem desunir o estudante que no seu dia a dia tem problemas em comum. É o surgir de alguém que não se ficou pela crítica perdido na mesa do café e quis dar a cara a novos projectos. No fundo é o colorir a campanha e dar mais voz ao acto democrático que já ganhou raíz no nosso país.
Fernando Machado (Lista G)	Teixeira. Elvis. Van Gogh.	A votação conseguida pela Lista E nas últimas eleições.	Foi serem eleitos.	A variedade é sempre algo de desejável. O surgimento de mais listas independentes é positivo porque reflete um desejo de intervenção por parte dos estudantes.
DESCONHECIDO LISTA H				

A VELHA HISTÓRIA

por TATANKA

Lembro-me da velha história que o meu avô Yofauker contava à lareira, nos dias lamacentos dos anos sessenta, quando o Inverno me impedia de pontapear uma bola. Falava da "guerra" travada entre duas companhias que participavam nas manobras militares que ciclicamente os seus Regimentos efectuavam. Após uma manhã repleta de peripécias, o general que apreciava o simulacro manda chamar os comandantes das forças antagónicas e pergunta-lhes que raio de posições eram as em que se haviam metido. De facto, tacitamente ambos estavam derrotados.

Fernando Alberto Rodrigues Alves Guerra e Paulo José Cunha Martins, também sociais-democratas, discordando das vendas eleitorais que sempre patrocinaram em campanhas anteriores, descrentes das capacidades dos caciques partidários que promoveram meses atrás, movimentando-se como dois comandantes derrotados pelos buracos em que se estenderam.

O primeiro apresenta-se na grandecíssima lata de afirmar que a Universidade de Coimbra necessita de renovar a mentalidade vigente. Porém quando se lhe pergunta quais as ideias e propostas sobre os estatutos que devem reger as actividades da Associação endossa a bola para o actual Presidente da Assembleia Magna.

O outro propõe a criação de núcleos de Faculdade de estatutos que permitam a melhor participação dos estudantes no contexto associativo, a existência de um senado académico. Não compreendo onde parava este interface craneano nas épocas de 1986/87 e 1988/89, quando participou ou colaborou nas Direcções Gerais de então. Provavelmente, ocupado a limpar os ossos do Quim dos cujos.

É evidente que o principal berbicacho associativo, se contaria de momento nos estatutos. É evidente que o golpe estatutário de 82, subscrito pela linha social-democrata de então, que os referendava e simultaneamente concorria em simultâneo às eleições associativas desse ano, com duas listas - uma das quais apelidada de pirata, contestando a linha oficial - antevia a perda de poder que detinha à três anos consecutivos. Daí a pressa em produzir uma constituição associativa que lhe permitisse destruir o funcionamento da Assembleia Magna, assim como dos Conselhos; estes últimos consignados nos estatutos de 1963, apesar do regime ditatorial em que o país vivia, preservavam a personalidade académica e estudantil que a academia sempre viveu.

Não eram necessários núcleos porque havia conselhos, não faltavam os dirigentes porque o incentivo à participação era um facto, estava assegurado, havia também uma Assembleia Magna activa, o maior obstáculo à situação que hoje vivemos.

Nessa altura descutiam-se conceitos ideológicos, debatiam-se ideias, lutava-se pelo que se considerava a melhor orientação para os estudantes, através de uma direcção sindical com preocupações desportivas, estéticas e culturais. Dispensavam-se espelhos, perfumes, clipes, réguas, laranjas e os etc...s, das campanhas eleitorais.

Mas se efectivamente os estatutos então aprovados atingiram essencialmente áreas sensíveis como: a Assembleia Magna de voto - só é considerada deliberativa após a participação de 50% dos estudantes da Academia, números nunca atingidos numas eleições e a Assembleia Magna, onde o quorum passou de 10% para 25% dos estudantes que frequentam a Universidade, mais do que isso, o grande óbice de hoje reside na ignorância que os futuros dirigentes associativos manifestam sobre estas e outras matérias que envolvem a vida Associativa. Comprovámo-lo através das suas entrevistas à Cabra.

Poeta Guerra, o estigma da contradição, quando afirma que os estatutos para a actual Direcção Geral são fruto de um trabalho de equipa em que participa, todavia, não pretende imiscuir-se no trabalho do Presidente da Assembleia Magna.

A ideia foi péssima, a resposta infeliz. Beto Guerra afirma-se como um actor demasiado rasca. Um candidato à presidência tem ou não tem o aval dos seus colegas para se candidatar, confia ou não confiam nele, consegue ou não consegue transmitir o fio de pensamento do projecto ideológico que os seus apoiantes subscrevem?

Podemos dizer-lhe que Pedro Amaro, Presidente da Assembleia Magna, após várias tentativas infrutíferas nunca conseguiu reunir a equipa de homens experientes que lhe fizessem a revisão dos estatutos porque lhe disseram não.

De momento, todo o forcing que ele ou a Direcção Geral actual pretendam levar a cabo no sentido de dizerem que cumpriram mais uma das promessas eleitorais que manifestaram no programa referendado pelos estudantes, não deixam de pecar essencialmente por queimar o tempo ideal, que não este, ideias, acicatar espíritos e lançar a suspeição sobre futuros relacionamentos.

A proposta, se é que existe, não amadureceu, não foi precedida do trabalho necessário à sua compreensão e aceitação, não gerou debate. Ao cheirar a encomenda, não sai pela porta da frente, com a dignidade que a Associação Académica exige. Conseguirá a do cavalo se tiver a lembrança de fazer seguir a proposta para as Secções, Organismos, tertúlias, "notáveis" do Bar e juventudes partidárias.

É preciso não esquecer que os estatutos para serem revistos, terão de ser os do consenso, capazes de rebentar com os 50% de votos expressos e exigidos pela Assembleia Magna de voto, já que a única porta utilizável fica no ponto 3 de Art. 24.

Ao afirmar que a Assembleia Geral de voto não terá uma duração inferior a 12 horas, não menciona o encerramento. Poderemos então assistir ao absurdo de um processo eleitoral ad eternum. Quando o cansaço trouxer o resultado à estaca zero, se faltar o empenho e a arte do consenso, resta-nos lembrar a figura do golpe de estado académico. Só que desta feita, ouvir-se-ão as minorias, eternamente ignoradas pelas maiorias.

Anos após os acontecimentos de 1982, paradoxalmente terão que solicitar a presença dos descendentes ideológicos dos escorraçados. O que dirão?

Mas se tudo isto é grave, não deixa de ser preocupante o desconhecimento do conteúdo dos estatutos vigentes.

Paulão Martins o insigne social-democrata do P.S., será que estamos perante um lapsus linguae ou uma gralha tipográfica, não tem que exigir a participação da D.G. na gestão das secções. Tem somente que ler os actuais estatutos e saber que o Art 47º 1º diz:

As secções têm um orçamento próprio, fixado pela D.G., de quem dependem financeiramente;

e o 47º 2º afirma: as receitas próprias de cada secção só podem ser utilizadas por estas tendo obrigatoriamente que constar das contas.

Os próprios estatutos de 1963, previam a fiscalização das contas pelo Conselho de Tutela, inclusivé através dos balancetes que deveriam ser assinados pelo Presidente. Que o Art 48º permite-lhe a dissolução de qualquer secção, se verificar a oposição das suas acções aos princípios e objectivos da A.A.C., definidos nos estatutos.

Embora considere que os actuais estatutos tenham necessariamente que contemplar a Associação do futuro, é obrigação de qualquer candidato e da sua equipa conhecer os mecanismos de competência da Direcção Geral. A pugna terá de ser travada necessariamente pela participação e pelo rejuvenescimento dos quadros associativos e sobre isto, nenhum dos candidatos adianta uma linha.

A prática diz-nos que o recrutamento da rapaziada assenta em pressupostos que não mantêm afinidades com a Associação, a Academia. Que chegamos a dar exemplos de como pensávamos a maneira de construir novas formas de participação. Hoje, copiamo-las dos tiques parlamentares, das trocas de influências datadas por todas as razões, menos as que interessam à Associação, das conveniências, etc...

Observamos uma academia respeitada e respeitadora, de cócoras; subserviente, puxando sotainas e batinas reitorais, incapaz de impôr respeito.

Primeiro assistimos à Reitorização de áreas e espaços estudantis. Depois à benção das tribos partidárias. Mais tarde à extinção dos dirigentes de origem estudantil em inúmeras secções, hoje, o envelhecimento evidente de tantos que criticaram a brigada das bengalas, acomodados a meia dúzia de bocas sobre a bola e algumas saias.

Os estatutos de amanhã, terão de integrar a gente nova, de levá-los a participar na vida académica e associativa, de possuir os instrumentos necessários ao combate das prescrições, ao conservadorismo dos doutores, às negociatas de ex-contestatários hoje de cátedra ao pescoço, pressionando no alinhamento das suas posições, cultivando a imbecilidade que anteriormente criticavam.

Os estatutos de hoje, nunca poderão ser os do retorno ao passado. Os progressistas terão de o ser de facto, lutando pela participação.

De se assumirem; são eles que pensam na necessidade de mudança, que a juventude não necessita de implementar cumplicidades, que as resoluções surgem do debate e não da figura estereotipada de um presidente todo poderoso.

As Assembleias Magnas terão de ser restituídas aos estudantes; dinamizadas, funcionarão quer queiram quer não como um espaço vital, onde e porquê também se saibam coisas, tais como; que contratos mantem a Associação com os seus atletas, as cabalas fiscais que se praticam e o porquê das visitas cada vez mais frequentes das finanças ao edifício associativo; os cheques dirigidos à Secção de Fado por diferentes entidades e sacados pelo Organismo Autónomo de Futebol, só porque os emissores se enganam na morada.

Será que os dois homens que costumam alternar o poder não sabem disto?

Ou será que quando se sentam a observar os espectáculos culturais e desportivos, se esquecem de ver o que dizem querer transformar na procura de umas dúzias de votos.

Temos que os comprometer à boca das urnas; temos que criar verdadeiras alternativas de poder.

ESTÁ NA HORA CARTÃO JOVEM





INSTITUTO DA JUVENTUDE – CARTÃO JOVEM – R. BRAAMCAMP, N.º 15-3.º Esq.º – 1200 LISBOA

VIAGEM A CANNES

(A preencher em letra de imprensa)

NOME _____ DATA DE NASCIMENTO ano | mês | dia

TELEFONE _____

MORADA _____ CÓDIGO POSTAL _____

LOCALID. _____

OCUPAÇÃO { ESTUDANTE ☐ CURSO/ÁREA _____ ANO _____ / EMPREGADO ☐ DESEMPREGADO ☐ PROFISSÃO _____

Junto envio crítica do filme _____

e os três Bilhetes de Cinema comprovativos.
Declaro, para os devidos efeitos, ser verdade os elementos constantes nesta ficha.

ASSINATURA _____

INFORMA-TE 01.534570

Vem connosco a Cannes

Uma viagem a Cannes para assistires ao Festival de Cinema que se realiza nessa cidade, entre os dias 11 e 20 de Maio. É essa a nossa proposta.
Depende agora de ti aproveitares o programa do Festival. Através de um livre trânsito que te será oferecido, terás a hipótese de veres as estrelas de cinema e desfrutares do sol e do azul do Mediterrâneo. Tudo isto sem te preocupares com as viagens que serão oferta da "Wasteels - Turismo Juvenil" nem com o alojamento que será garantido por nós.
Para participares basta teres entre 18 e 25 anos, e que, de 20 de Janeiro a 15 de Março, assistas a pelo menos três filmes, em qualquer das salas existentes no Continente ou nas Regiões Autónomas, e que utilizes a tua imaginação e o teu sentido crítico, para que nos envies, juntamente com a tua ficha de inscrição, uma exposição sobre um deles.

Já começou

A tua crítica não deverá ultrapassar duas páginas A4, dactilografadas a dois espaços.
Nesta primeira fase serão apurados *40 finalistas* -
- *20* - O melhor de cada Distrito ou Região Autónoma;
- *20* - Os 20 melhores de todos os restantes, a nível Nacional.

Os 40 finalistas virão no fim-de-semana de 5/6/7 de Abril a Lisboa, para determinarmos quais os dois vencedores. Este fim-de-semana será preenchido com um programa elaborado e oferecido por nós. Vais ver que farás amigos e que te divertirás.

Assistirás com os restantes finalistas a um mesmo filme, numa mesma sala, a determinar pela organização. Depois terás que criticá-lo. Tudo depende de ti.

Se venceres, enviaremos a tua crítica para França, e através dela poderás ser eleito, entre todos os vencedores dos países que editam o Cartão Jovem, para fazeres parte do Júri Jovem internacional, que escolherá os melhores filmes Francês e Internacional de entre os apresentados no festival.Caso efectivamente venças partirás para Cannes logo no dia 9 de Maio.
Não te importes se não fores um dos eleitos...
Já passaste um fim-de-semana diferente, com jovens como tu que gostam de cinema, e, além disso, existem prémios para os 5 primeiros classificados, tendo todos os restantes uma lembrança pela sua participação.

Agora é mãos à obra e começares por um dos filmes. Não te esqueças que terás de assistir a pelo menos <u>três</u>, no período válido para o concurso, não deitando os bilhetes de cinema fora, pois serão necessários para no-los enviares juntamente com a tua crítica e ficha de inscrição.

Secção de FADO da A.A.C.

1 - As Raízes Históricas da Secção de Fado da A.A.C.

Como raízes mediatas, podemos apontar o movimento do início do Séc. XX que levou à formação de um organismo denominado "Fado Académico". Tratava-se de um espaço aglutinador de Académicos ligados ao fado e guitarra de Coimbra, de onde se destacou o célebre guitarrista Jorge Morais ("Xabregas").

O surgimento do "Fado Académico" deveu-se, em parte, ao desenvolvimento da mesma actividade a nível de sectores não académicos (vulgo Futrica).

Com o desenvolvimento deste organismo ("Fado Académico") e, de acordo com as necessidades e vocações culturais da Academia, criou-se um departamento teatral, que, mais tardiamente, originou o alicerce do T.E.U.C. (Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra).

Com a crise estudantil de 69 e a revolução de 74, o fado de Coimbra caiu no marasmo e esquecimento publico, sendo excepção a escola de guitarra da responsabilidade da Câmara Municipal de Coimbra (Escola do Chiado), criada após o 1º Seminário do fado em 1978.

Impunha-se fazer algo. É assim que em 1979, e tendo por base o Movimento de Pró-Reorganização e Restauração da Praxe Académica, surge a ideia da criação, dentro da Academia, de uma Secção que tivesse por objectivos aqueles que presidiram a criação do "Fado Académico", designadamente ensino e divulgação desta área da cultura coimbrã.

Tal ideia adquiriu consistência em 25 de Junho de 1980, com a entrega de uma sala nas instalações Académicas.

Hoje, a Secção de Fado, sendo embora uma das Secções culturais mais jovens da Academia, é, no entanto, a maior, quer pelo número de sócios (900), quer pelo número de actividades. A comprová-lo estão os resultados obtidos com as escolas de Fado (guitarra portuguesa, viola e canto), de onde saiu grande parte dos grupos de fado destes últimos anos, e a gravação de diversos trabalhos, quer no que diz respeito ao fado, quer à Música Tradicional Portuguesa (1º LP da Estudantina Universitária), bem como a futura inscrição da Orquestra Típica e Rancho na Associação Nacional de Folclore.

2º Por uma corresponsabilização da A.A.C. no ensino da canção Coimbrã

Sem menosprezo para ninguém, a Secção de Fado tem sido, nestes últimos anos, o suporte do ensino e divulgação do Fado de Coimbra. Tal deve-se em grande parte, ao esforço e dedicação de dirigentes, seccionistas e monitores desta secção. Mas, boa vontade não chega; forçoso se torna que as estruturas sociais e económicas tanto da cidade como da Academia, se compenetrem do esforço desenvolvido por esta Secção em prol desta actividade. É que as dificuldades económicas da Secção de Fado são originadas pelos elevados encargos e pelos nulos apoios económicos concertados com as suas próprias necessidades, reflectindo-se negativamente nas escolas de fado, já que as outras actividades demonstram capacidade de construir o seu próprio caminho.

O "Ex libris" de Coimbra devia ser mais acarinhado pelas Direcções Gerais, Câmara Municipal e outras estruturas vocacionadas para a dinamização da cultura popular.

O papel desempenhado por esta Secção Cultural da Associação, não tem sido correspondido pelo apoio financeiro que se exigia por parte das sucessivas Direcções Gerais, havendo inclusivé, situações de utilização dos recursos angariados pelas nossas actividades para financiar outros objectivos dessas D.G., constituindo um desrespeito para todos os seccionistas e para a canção Coimbrã em geral.

Numa altura em que se aproximam as eleições, em que muito se falará de cultura, é triste ver como as sucessivas Direcções Gerais têm votado ao esquecimento, inclusivé desviando verbas destinadas à cultura para outros fins, designadamente para pagamento de pessoal administrativo.

Esperamos que o papel que vimos desempenhando em prol da cultura de Coimbra não seja posto em causa pela ausência desses apoios, ou pela continuação da prática atrás referida.

O que sinceramente esperamos da nova D.G. que se aproxima é que assuma o seu papel; Nós, SECÇÃO DE FADO, assumimos o nosso. "É QUE O FADO DE COIMBRA FICARÁ SEMPRE NO CORAÇÃO DE TODOS NÓS"

João Andrade
(Presidente da Secção de Fado da A.A.C.)

Vem comprar na A.A.C...

Papelaria
Fotocopiadora
Livraria
Material Desportivo
Campismo e Turismo
Bar

... Para te servir melhor

O LOCAL DOS SEUS MOMENTOS DE LAZER

Récristia

DAS 10 ÁS 2 HORAS DA MANHÃ

Rufus — Industria Hoteleira Café-Bar, Lda.
Largo da Sé Velha, 20 • Tel. (039) 2 48 04
3000 Coimbra — PORTUGAL

Participa

Secção de JORNALISMO

Horário de expediente
das 18 às 20H.

Coro Misto da Universidade de Coimbra

O Coro Misto da Universidade de Coimbra (CMUC), um dos sete Organismos Autónomos da A.A.C. tem pautado a sua existência através de uma actividade cultural de qualidade, com base na responsabilidade e coerência Académicas.

Assim, no decorrer do tempo, foi-se apercebendo da necessidade de conhecer as formas de trabalho e disciplinas de outros grupos corais, por forma a melhorar a sua competência artística e experiência. Tornava-se imperioso arquitectar um acontecimento novo que, para além de responder aos anseios do CMUC, pusesse à prova o público de Coimbra bem como a sua camada estudantil, reabilitando-a como Ser intrinsecamente Cultural.

Por conseguinte, aquando da Comemoração do 30º Aniversário deste Organismo Autónomo, surgiu o I Encontro Internacional de Coros Universitários (EICU), manifestando-se como um acontecimento de louvável continuidade, dado o impacto que o caracterizou.

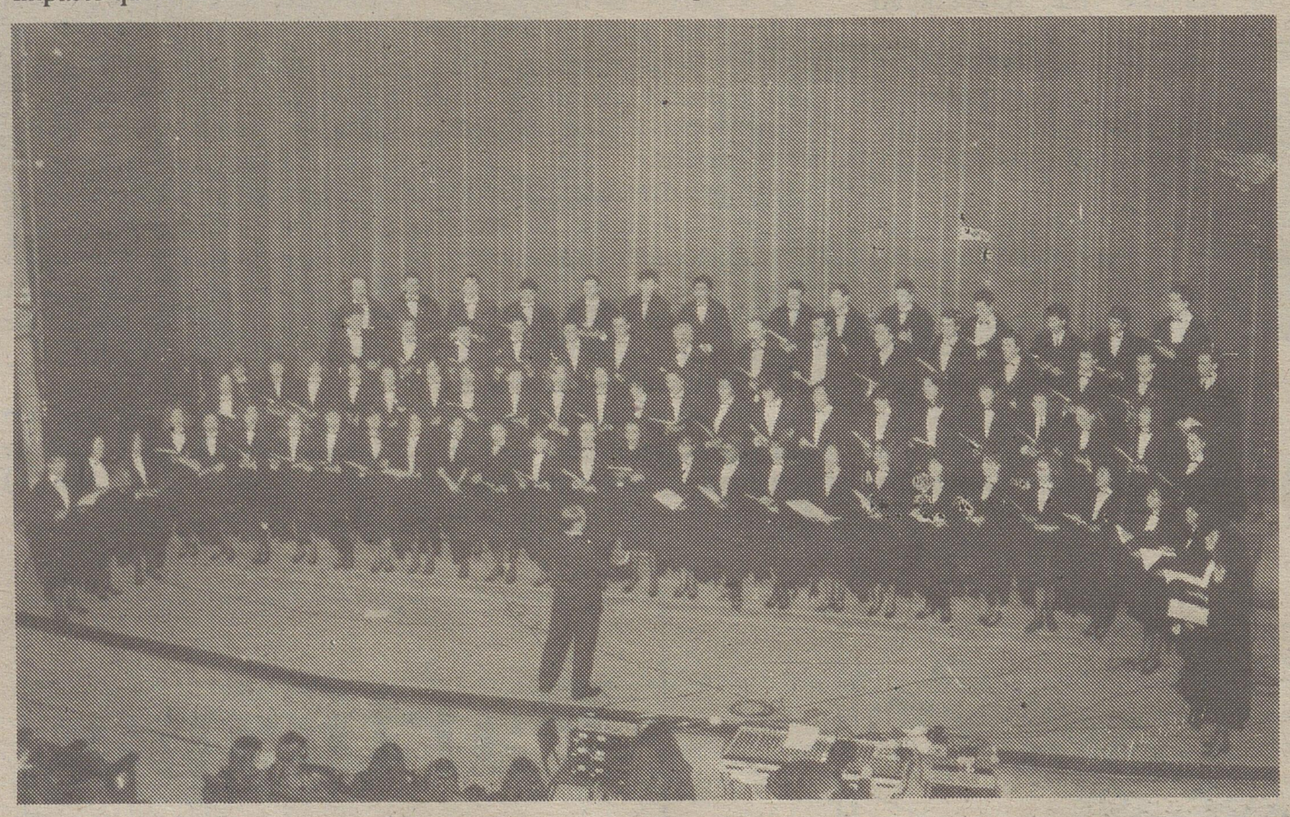
No seu seguimento, novas ideias foram aparecendo, entre as quais levar a cabo homenagens a personalidades ligadas à Música Polifónica que mantiveram ou mantêm um papel relevante no contexto musical português. Nos II e III EICU's, honrou-se o Coro Misto homenagear duas figuras ímpares do panorama músical: Fernando Lopes-Graça e Manuel Faria. O IV EICU, integrado nas Comemorações dos 700 Anos da Universidade de Coimbra, concretizou uma homenagem aos Jovens Compositores Portugueses realizando o Concurso Nacional de Composição Coral.

Estes Encontros poderam contar com a participação de Coros oriúndos dos mais diversos cantos da Europa, designadamente de Espanha, Itália, Dinamarca, Bulgária, Suécia, França, Irlanda, e de diversos Coros nacionais.

O próximo Encontro Internacional de Coros Universitários, revestir-se-á de um programa cultural particularmente enriquecido. É, pois, com orgulho que o Coro Misto da Universidade de Coimbra proporcionará à Cidade e à sua Academia a oportunidade, diríamos singular, de assinar a espectáculos de qualidade inquestionável. Deste modo, destacamos a presença do Círculo Portuense de Ópera, que apresentará a ópera "Carmina Burana" de Carl Orff, em versão cénica, e dos Madredeus. A par destas actividades realizar-se-á um Colóquio subordinado ao tema "Os Descobrimentos e a Influência das Culturas Africanas e Asiáticas na Poesia e Música Portuguesa". Os espectáculos de Música Coral contarão com a presença de Coros de Espanha, Polónia e Bulgária, concentrando em Coimbra cerca de 300 estudantes de Universidades, além de 4 Coros Universitários Nacionais.

Actualmente, o Encontro Internacional de Coros Universitários é já uma iniciativa bem implantada na Cidade e no País, assumindo um carácter incontestavelmente ímpar. É pretensão do Coro Misto da Universidade de Coimbra afirmar de forma cada vez mais determinante o EICU, a nível Nacional e Internacional.

O CORO MISTO é, definitivamente, um POLO DE CULTURA.



Detalhadamente, o Programa do I Encontro Internacional de Coros Universitários consistirá no seguinte:

Programa do V EICU

Dia 11 de Março
21. 30h - Espectáculo de abertura com o Círculo Portuense de Ópera que interpretará a obra "Carmina Burana" de Carl Orff, em versão cénica - Teatro Académico de Gil Vicente.

Dia 12 de Março
Chegada dos coros estrangeiros participantes (5) a Coimbra.
15h - Conferência de imprensa para divulgação dos prémios referentes ao II Concurso Nacional de Composição Coral por nós organizado - Sala de Ensaios do Coro Misto da Universidade de Coimbra.

21. 30 - Concerto de música portuguesa pelo agrupamento "Madredeus" - Teatro Académico de Gil Vicente.

Dia 13 de Março
10h - Colóquio "Os descobrimentos e a influência das culturas afro-asiásticas na música portuguesa" - 1º Workshop - Teatro da Faculdade de Letras
14. 30h – 2º Workshop do colóquio
21. 30h – Concerto de música portuguesa pelo agrupamento "Madredeus" - Teatro Académico de Gil Vicente.

Dia 14 de Março
9. 30h-17. 30h - "Passeata" por pontos de significado histórico da cidade de Coimbra.

21. 30h - Espectáculo de Música Coral - Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 15 de Março
Espectáculos de música coral a cargo dos coros estrangeiros, noutras cidades do país.

Dia 16 de Março
21. 30h - Espectáculo de Música Coral - Teatro Académico de Gil Vicente
24h - Ceia/convívio dos coros convidados

Dia 17 de Março
10h - Espectáculo de encerramento "para a cidade de Coimbra", com a participação dos coros convidados - Praça do Comércio (espectáculo ao ar livre).
15h - Despedida dos coros participantes.

A CABRA

FICHA TÉCNICA:

Director: José de Albuquerque
Redacção: João Saraiva, José de Albuquerque e Teresa Gomes
Colaboradores permanentes: António Nunes, ; Carlos Ramos, João Garção, J. Enes Rodrigues, Ramiro Correia, Rui Cunha, Tatanka.
Colaboraram neste número: António Vilhena, Armando, Castro Soutinho (desporto), Miguel Pedra, Pedro Alexandre, Secção de Fado, Grupo Ecológico, Coro Misto
Colaboraram no suplemento: Prof. Dr. Manuel Rodrigues, Prof. Dr. J. Ferreira Gomes, António Pinheiro, Jorge Cravo
Reporter Fotográfico: Teresa Gomes
Dep. Gráfico: João Peres
Ed. Electrónica: Carlos Curto, Nuno Branco
Impressão: Fotocomposição e Indústrias Gráficas
Tiragem: 3 000 Exemplares
Propriedade: Secção de Jornalismo da AAC

Apoios:
- Reitoria Da Universidade de Coimbra
- Direcção-Geral da AAC
- Secretaria de estado da Juventude
- Direcção-Geral do Ensino Superior
- Governador Civil
- Instituto da Juventude

UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Ao reservar algumas páginas de "A Cabra" às comemorações do 7º Centenário da Escola dionisiana, procurámos desde o primeiro momento pautar-nos por duas vertentes complementares:

– em primeiro lugar, dar notícia daquilo que foi comemorado em diversas frentes: DG/AAC, Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, Reitoria, Comissão para o 7º Centenário. E ao sonhado e não concretizado.

– em segundo lugar, criar dentro do suplemento um forum aberto onde pudessem confrontar-se ideias diversas, cujo fio condutor girasse em torno da Universidade e da Academia.

Convidados foram bastantes, intenções essas eram boas e de promessas estamos fartos. Professores, estudantes e pensadores independentes. Excluíndo dois ou três partos precoces, os restantes exigiram cesariana e tiragem a ferros. Falamos dos textos prometidos... e não devidos!

Seleccionamos os textos, todos eles da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, sai o que agora se vê, sem que em parte alguma do dito suplemento se possa achar a Torre, enferma de convencionalismo, muro das lamentações de todos aqueles que em Coimbra teimam em não enxergar outros monumentos e paisagens.

Coordenação de António Nunes

SETE SÉCULOS DE HISTÓRIA

A Universidade de Coimbra é, juntamente com as de Bolonha, Padova, Napoli, Palencia, Salamanca, Valladolid, Paris, Montpellier, Toulouse, Orléans, Oxford e Cambridge, uma das mais antigas Universidades do mundo. Instituída pelo Rei D. Dinis em 1 de Março de 1290, a sua fundação foi confirmada pelo Nicolau IV em 9 de Agosto seguinte. Assim se deu satisfação ao pedido feito ao Pontífice Romano a 12 de Novembro de 1288 por vários eclesiásticos portugueses. As suas primeiras Faculdades foram as de Cânones, leis, medicina e Artes ás quais se juntaria a de Teologia por volta de 1380.

Tendo alternado o seu funcionamento entre Lisboa e Coimbra, fixou-se definitivamente nesta cidade em 1537, por decisão do Monarca D. João III, que ao mesmo tempo a reformou profundamente. Foram então criados vários Colégios, entre eles o das Artes, mais tarde entregue à Companhia de Jesus. Reforma importante seria ordenada em 1772 pelo Marquês de Pombal, Primeiro Ministro de D. José I, que então lhe deu novos Estatutos. As Faculdades passaram a ser, além das de Teologia, Cânones, Leis e Medicina, também as de Matemática e de Filosofia, sendo ainda criados diversos institutos científicos. Em 1836 as Faculdades de Cânones e de Leis fundiram-se numa única faculdade – a de Direito.

Em 1911, um ano após a implantação do regime republicano, deixou de funcionar a Faculdade de Teologia, sendo criada a de Letras; as Faculdades de Matemática e de Filosofia fundiram-se, originando a de Ciências; e foram instituídas as Escolas de farmácia e Normal Superior. A de farmácia seria mais tarde elevada á categoria de faculdade. Em 1972 a Faculdade de Ciências passou a faculdade de Ciências e Tecnologia e foi criada a faculdade de Economia. Posteriormente à Revolução de 25 de Abril de 1974 foi criada a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Hoje a Universidade de Coimbra rege-se pelos Estatutos de 28 de Agosto de 1989 na sequência da Lei de Autonomia de 24 de Setembro de 1988.

Pela Universidade de Coimbra, única no País, até 1911, passaram ao longo dos séculos milhares de estudantes do espaço português – do Continente, dos territórios insulares e do antigo Ultramar: do Brasil, da África Ocidental e Oriental, de Goa, de Macau e de Timor –, os quais marcaram profundamente a vida política, religiosa, docente, militar, forense, científica e cultural do seu tempo. Quando elevados ao magistério deixaram obra científica de reconhecido mérito.

Hoje, a Universidade de Coimbra – que conta cerca de 17 000 alunos – encabeça o chamado «Grupo de Coimbra», que engloba 23 Universidades europeias, algumas das quais são das mais antigas do Mundo: Gottingen, Heidelberg, Wurzburg, Leuven, Louvain la Neuve, Aarhus, Barcelona, Granada, Salamanca, Caen, Poitiers, Bristol, Edinburgh, Oxford, Thessaloniki, Groningen, Leiden, Dublin, Galway, Bologna, Pavia e Siena. Assim permanece a tradição multissecular das relações da Universidade de Coimbra com as suas congéneres estrangeiras.

O arquivo da Universidade, que conserva a mais vasta e rica documentação da história da instituição, elaborou um plano editorial comemorativo do 7º Centenário da fundação da *Alma Mater Conimbrigenis*. Na sua concretização serão gradualmente publicadas obras sobre os Estatutos, textos-fontes relativos aos sécs. XIX e XX, em especial o primeiro período da República, um Livro sobre os Reitores e um registo dos Professores.

Merecerão edição especial (fas-similada) o *Documento Precioso* da fundação da Universidade, *o Livro Verde* (célebre cartulário do séc. XV) e alguns dos *Estatutos* que regeram a vida universitária.

Arquivo da
Universidade de Coimbra

Quando se refere a Coimbra, fala-se de estudantes e de capas... mas... Em Coimbra não existiu/existe um povo com formas culturais específicas?

Não serão as feiras populares, os trajos, o teatro, as serenatas, as procissões, as fogueiras do S. João, a Queima de Judas e os mil ofícios cujos nomes subsistem afixados como topónimos de ruas e becos, as veras manifestações culturais da cidade?

Ou a cidade é dos estudantes e não tem povo?

A Dualidade Cultural de Coimbra



Cultural, provêm de cultura. Ambiente, o meio em que vive um ser humano. Ambiente cultural, o conjunto de condições culturais que rodeiam o cidadão em determinado espaço geográfico. Ambiente cultural de Coimbra o círculo cultural que envolve e caracteriza a cidade do Mondego.

Caracterizar o ambiente cultural coimbrão, aquele que se respira na urbe mondeguina, implica compreender o termo "cultura" em toda a plenitude que o vocábulo encerra, e analisar quem detêm a cultura, quem a ministra e a quem se destina. Equacionados estes parâmetros, interpretado o termo na sua generalidade e na sua personificação, pode caracterizar-se o ambiente cultural de Coimbra.

Por outro lado, que cultura? Erudita? Popular? As duas componentes se, porventura, podem dissociar-se? E na erudita, apenas uma cultura tradicional académica? E a cultura tradicional futrica ou popular?

Na componente académica entende-se a que se inscreve, lecciona e apreende nos centros da Academia, tendo um destinatário e comungando de predicados e objectivos a quem se destina. Tradicional futrica, resultante das relações vivênciais da população e assenta numa base de costumes e tradições ancestrais, presente nos habitantes, continuados e enriquecidos de geração em geração.

Neste último campo cultural e procurando encontrar a essência da questão formulada pelo coordenador deste suplemento especial do Jornal "A Cabra" importa salientar que Coimbra possui, ainda, latente e a revitalizar-se uma cultura tradicional popular, marcante nas saudosas fogueiras de S. João com os seus bailaricos de roda e a sua marcha até à Fonte do Castanheiro, festas populares que agregavam, outrora, os "doutores" e os "futricas" sendo ocasião soberana para um aproximar sempre compreendido, dos detentores e "aprendizes" da cultura tradicional popular. Hoje, diluiu-se o compartimento estanque e democraticamente, as fogueiras de S. João organizam-se, festejam-se e participam-se por uma heterogeneidade de valores humanos, indistintamente, do estrato cultural ou profissional em que se inscrevem.

Noutra área citadina encontramos as feiras para estudantes com as "benesses" de taxas, decretadas pelo poder instituido e reservadas aos mesmos com local certo, exemplo, da Feira dos Estudantes, no Largo da Feira (Sé Nova); e as feiras populares abertas a toda a população, exemplos, da feira de S. Bartolomeu, dos Lázaros e até do mercado municipal na Praça do Comércio.

A Romaria do Espírito Santo, festividade popular, de cariz tradicional futrica, misto de religioso e profano, mas que os usufrutuários de cultura académica frequentavam e onde comungavam das mesmas recreações dos populares, assinala outro momento de pujança tradicional popular.

O Cortejo Académico e as festas da Queima das Fitas, acontecimentos específicos da Academia, mas que são parcialmente partilhados pela população. Uma forte tradição de cultura académica, em que os populares participam.

A Procissão do Corpo de Deus que constituiu a grande e verdadeira festa da cidade e do povo. Durante três dias, englobava corridas de touros na Praça Velha, exercícios de tiro ao alvo, jogos de destreza e fogos de artifício, danças que percorriam as ruas, banquetes oferecidos pela Câmara, artérias atapetadas de verdura, luminários em todo o lado. A procissão com as mais diversas alegorias religiosas em movimento, representadas ao vivo, contradanças, músicas, folias, números ensaiados, bandeiras, tambores, pífaros, violas, tudo numa diversidade de cores, de barulho, de movimento, de alegria, de folgança, louca e irreverente, num cortejo que fazia vibrar a cidade.

Face às considerações apresentadas e fundamentadas com factos concretos, registados e em revitalizações, entende-se que coexistiram na cidade de Coimbra as duas formas culturais, que permanecem nos nossos dias. Aliás, torna-se compreensível, atentando que um estudante oriundo da província ou mesmo citadino, era possuidor de uma cultura tradicional, angariando a outra, logo que avançava no círculo cultural adstrito à Academia. Todavia, não abandonava as suas raízes e coabitava a sua pessoa numa dupla cultura. Aqueles que não beneficiavam dos privilégios académicos, bastavam-se na sua cultura tradicional, embora procurassem, tal como os outros, romper a "tradicional" ponte de separação.

Coimbra, pode afirmar-se, bebeu, porque existiram e existem duas formas de cultura que "A Cabra" procurou dividir, jogando com subtis interrogações.

Pedra da Ferida

PRAXE: RENOVAÇÃO E CONSERVAÇÃO

As crises estudantis dos anos 60, nomeadamente a de 1969, ditaram a Captura da Praxe. Durante um décimo –, excluindo a prática da chamada "praxe debaixo de telha", forjou-se uma Comunidade Académica Nova, avessa à Tradição. O retorno da Praxe, a partir de 1979, demonstrou a permanência de trocos estruturais latentes, ou de longa duração, afinal um problema de mentabilidade, que um décimo não foi capaz de deluir.

Da Sociedade Académica erguida na década de 70 cabe respigar a explosão demográfica estudantil, que veio contribuir de modo decisivo para a fragmentação da consciência étnica tradicional, traduzida em grande parte num fenómeno novo: o êxodo da população académica para zonas periféricas da urbe. Como salientou Vasco Pereira da Costa, in Amanhece a Cidade, "a era dos apartamentos destronou a era das repúblicas". Entretanto, outros hábitos conquistaram terreno. A cerveja destronou o vinho, grangeando as simpatias de Baco. As tabernas deram lugar aos bares e às discotecas.

Ergueu-se um novo filho da noite, desencapado, avesso a serenatas e galinheiros, peregrino da discoteca, a arremeter contra os tambores do lixo no revés da viagem. Deixou-se de "ir às putas". Instaurou-se o namoro, a sedução no acto sexual, entre colegas, como conduta normal. As mulheres conquistaram novos espaços de acção/intervenção, na política e nos organismos autónomos, especialmente em sectores anteriormente masculinos, como o Orfeon e a Tuna.

Passados que são dez anos sobre "a restauração da Praxe", constata-se uma crescente imposição de antigos ritos, sobretudo a partir de 1984, altura em que o Conselho de Veteranos, mediante Decretus, reabilitou a Praxe punitiva/sancionatória. Ao mesmo tempo, este órgão, detentor das funções de legislar, executar e julgar, alargava e reforçava extraordinariamente os seus poderes. E as suas zonas de intervenção indo ao ponto de tocar em áreas impensáveis. Cite-se a exoneração da Comissão Central da Queima/1990.

A fé quase cega na lei geral a abstracta do Código de 1957 gerou a ideia de que não há Praxe sem código. A par deste entendimento, alicerçou-se uma outra teoria: a emergência da Praxe teria de ocorrer unilateralmente, por força de gabinetes e decretos.

Entre 1979 e 1991, as estruturas da "Praxe restaurada" forjaram uma Comunidade Académica a tender para o estático, de índole fortemente conservadora. Poucos são os que têm questionado a validado modelo vigente. Melhor dizendo, como salientou a socióloga Maria Eduarda Cruzeiro, em entrevista à Via Latina, edição 1987, não haverá em todo este movimento uma forte componente de artificiosismo?

O estudante do presente, concretamente aquele que se assume como praxista (uma vez ultrapassada a falsa conjuntura que tendia associar a imagem do



praxista com o Estado Novo), tende a reger-se por um sincretismo de acções, conducente a uma escatologia de ancestralidade. "Nós somos os melhores porque somos os mais antigos". O paradigma da ancestralidade, pretende demarcar uma diferença de terreno, fortemente minado pelo assédio de outras escolas mais jovens. Esta atitude do culto do Eu, visando a conservação institucional ameaçada, por oposição ao Cultodo Eu, ao Japão, é deveras preocupante, num tempo em que as escolas politécnicas e universidades de sangue jovem, desenvolvem toda uma campanha de afirmação existencial, que tende a passar pela praxe. A sua eficácia depende largamente de investimentos regionais, radicantes em instituições fortemente empenhadas, como sucede no Porto, Aveiro, Braga, Évora ou Vila Real, a que se alia uma maior facilidade de acesso à comunicação social. Foram ameaças deste tipo que estiveram na base das tentativas de criação de uma nova Queima, em 1988, 1989 e 1990, que, como é sabido contaram com forte oposição.

Dentro de Coimbra, o ensino superior politécnico proliferante cedo compreendeu as vantagens decorrentes da adopção de práticas praxísticas universitárias. bem menos numerosos, vantagem que afasta desde logo o espectro da falta de coesão grupal, aguerridos e empenhados em tomar por sua uma cultura capaz de proporcionar vantagens, os institutos superiores de Coimbra colocaram aprioristicamente de lado qualquer hipótese de criação de um capital cultural próprio. Num caso concreto, os estudantes da E. Superior Agrária, recusaram cem anos de cultura específica, tendo adoptado práticas características da cultura tradicional universitária. De certo modo, os elementos destas escolas já beneficiavam de um processo de integração, porquanto bolseiros, utentes das cantinas e residências universitárias, lado a lado com os estudantes universitários, a que se adicionou desde cedo um outro processo de integração por militância em grupos artísticos, cujo exemplo mais declarado se consubstancia nos FANS. Daí que a resistência oficial do Conselho de Veteranos a uma integração já plenamente concretizada não passe de sermão no deserto.

A vivência temporal do estudante praxista decorre de condicionalismos específicos, inerentes à interiorização de uma cultura vincadamente assente na Oralidade, na Diferença do Grupo, por oposição ao Japão, no crédito de dogmas revelados, a apontar para o poder sagrado de taumaturgos unificados em torno do grupo dos mais velhos. Logo, autoridade e sacralidade são prerrogativas específicas de antiguidade, numa comunidade de ordens hierarquizadas, embora móveis, na medida em que qualquer "animal" pode escender a "doutor".

Sucede que o grosso dos rituais que hoje se reconhecem como praxe autorizada, se encontram totalmente, ou na sua maioria, em completo divórcio com os contextos historico-sociais que os ditaram. Isto, tem o condão de afastar potenciais interessados, num tempo em que os esdantes dispostos a trajar capa e batina rejeitam integralmente interdições absoletas.

Isto não impede a existência de um intercâmbismo frutuoso entre prática política e prática praxística, não obstante certos perigos de aproveitamente da primeira pela segunda, como sucedeu durante algum tempo com a extinta Recepção ao caloiro.

A praxe académica contém em si os mecanismos próprios inerentes à renovação e mudança, bem como os processos embrionários de transformação e assimilação de novos elementos. Nenhuma sociedade é estanque. A repetição mecânica de gestos e ritos tem como fim os museus e a morte, atitude perigosa que hoje grassa na Academia. Constata-se igualmente que o modo de afirmação cultural do estudante praxista, pouco ou nada tem a ver com movimentos de vanguarda. Os trabalhos experimentais, inovadores, orientados segundo uma visão mais lata das coisas, promanam de grupos como o TEUC, o CITAC ou o Centro de Fotografia. A qualidade de projectos de nível internacional como os Encontros de Fotografia ou a Bienal de Teatro, nada deve à praxe. Também é evidente a atitude e a diferença de produção e exigência etnoantropológica entre o GEFAC e a TÍPICA e RANCHO da Secção de Fado. No domínio das ideias, há um contraste flagrante entre a produção das últimas duas Vilas Latinas e jornais ou revistas como o BICO.

Seria tempo de equacionar os porquês destas diferências, abissais, tentando perceber até que ponto a passividade, a modorra, a falta de exigência, não têm directamente a ver com a praxe, enquanto rito iniciático, conducente à obediência e ao servilismo. Se assim é, dúvidas não restam quanto á existência de uma nefasta confusão entre respeito ritualístico e falta de sentido crítico ante a realidade.

A imagem que a sociedade portuguesa, em geral, tem de Coimbra, não se referencia á cultura popular citadina, nem a uma cidade real: aponta para mitos, capas ao luar, terra sem idade, sincretismo oral que a edilidade local ou a Região de Turismo do Centro tentam aproveitar o melhor possível. A realidade, essa, é bem outra.

O estudante põe-se em fuga para a casa paterna, no entardecer de cada quinta-feira, levando consigo a agressividade trazida pela demanda de um curso, cuja duração média atinge escandalosamente 7 ou 8 anos, quando o seu tempo é de 5/6. A isto se junta uma nova classe de mendicantes, parasitária, a do estudante bolseiro, alojado em galinheiros que dão pelo nome de residências universitárias, que não contemplam situações específicas, como as de jovens casais, deficientes, ou a necessidade de espaço individual. O estudante bolseiro deve comer, dormir e estudar, acossado de um lado pela sombra do serviço militar, e do outro pela ameaça de perda de bolsa e alojamento. A cidade, teima em viver da prestação de serviços aos estudantes – comida, trajo académico, lavagem de roupa, serviços de fotocópias, prestação de alojamento a preços exorbitantes, ante uma oferta de condições precárias.

Em Coimbra não existe um complexo desportivo com o mínimo de condições, nem um casa de espectáculos magna, nem uma fundação com os fins da Gulbenkian ou Serralves. Nem Carnaval. Nem São João, nem festas cívicas da cidade. Os símbolos turísticos rentabilizados pela edilidade local remetem para guitarras, capas e estudantes. Resta saber se a Academia está disposta a aceitar tal papel.

O estudante de Coimbra confunde-se hoje com aberrações como Machado Soares. Os velhos falam patriarcal e hipocritamente em nome dos novos, como se uma geração de vinte anos fosse mentecapta. O trajo académico é de quem o quiser usar, em qualquer parte do país.

Não é tarefa fácil opôr um discurso de inteligibilidade a um conjunto de atitudes interiorizadas no domínio do sensível.

Sucede que a Praxe não se constrói em torres de marfim. Muito menos em gabinetes. Nem com sacerdotes que desconhecemos. A praxe, já o afirmei ateriormente, tem de ser devolvida aos estudantes.

Constrói-se a par e passo com a vida, e com os seres vivos de cada geração. Resulta de mil subtilezas, de mil interacções. Para que o processo de construção da praxe possa seguir o seu curso normal é necessário quebrar as ortodoxias e os obstáculos que teimosamente a amordaçam.

Gostaria de saudar efusivamente a atitude de um conjunto de jovens que pontifica na Tertúlia Praxis Dixit. Pelo seu empenho na construção da Praxe, pelas suas dúvidas, pela sua novidade.

Sim, porque nós orgulhamo-nos de pertencer ao mundo dos vivos! Não alimentamos esse passeio de fantasmas que é Coimbra, não servimos nem nos apagamos ante as vozes do passado.

Digo estas palavras esperançado de que a Praxe encontrará, em si mesma, alento para sobreviver. A continuar como está, para citar Maria Eduarda Cruzeiro, num estudo de dedicado à Academia de Coimbra, publicado em 1979, o Conselho de Veteranos corre o risco de oficiar para uma multidão de turistas.

Não será graças a nós que se perpetuarão estas gerações de praxistas sem ideias, despidos de exigências etnoantropológicas, enfeudados ao culto de um passado em vias de cristalização, que teimam em sustentar-se de nomes de heróis, de título de honras, de datas e falsas datas, de mitos oníricos e estoriazinhas em vez de História.

Ser praxista é viver de mitos, afirmou recentemente o Dux Veteranorum, ao Jornal de Direito/Dezembro de 1990.

Ora, adeus! A esses oferecemos grinaldas e velório!

António Nunes



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS COMEMORAÇÕES DOS 700 ANOS

Na altura do encerramento oficial do 1º ano de comemorações, não quisemos deixar de responder ao apelo de "A Cabra" para nos pronunciarmos sobre a comemoração de tão importante e digna efeméride para a Universidade de Coimbra, nomeadamente sobre as questões em que nós A.A.C. participámos directamente.

Desde a campanha eleitoral fomos os únicos (a então Lista D, mais tarde D.G. da A.A.C. 1990) a dedicar atenção e a interessarmo-nos pela questão da comemoração do 7º Centenário da Universidade de Coimbra. Isto porque entendemos não só, que é uma data histórica e importante para a nossa vetusta, grande e tão querida Universidade de Coimbra, mas também porque ela foi, é e será, em primeiro lugar, uma escola onde há estudantes que dela são parte integrante e que contribuiram numa actividade e dimensão únicas a nível mundial (isto pelo que modestamente nos é dado a conhecer do panorama universitário internacional) para o seu engrandecimento, para o seu longo e imponente historial, mito e património.

Assim, não nos reconhecemos minimamente na opinião de alguns sectores da academia mas fundamentalmente na actuação da D.G./89, que colocava o 7º Centenário como uma data meramente pertencente à Universidade (seria da reitoria?) e que nada tinha a ver com a A.A.C.. O que fizeram os directores gerais de então em largos meses em que possuiam assento na Comissão Executiva do 7º Centenário? É que quando tomamos posse como representantes da A.A.C. naquela comissão não havia um único projecto da nossa Associação para comemorar o 7º Centenário!!!

O "ambicioso, brilhante e diversificado" projecto da D.G./A.A.C. 90

Apresentamos então "fins de Março" imediatamente um vasto e empenhado projecto que promovesse a A.A.C. na história da Universidade de Coimbra, dignificasse os actuais estudantes e homenageasse todos aqueles que aqui estudaram durante sete séculos.

O projecto foi apelidado de "ambicioso, brilhante e diversificado" (se não acreditam consultem as actas das reuniões da Comissão), mas como nunca há "bela sem senão" haviam 100 mil contos para comemorar o 7º Centenário (verba atribuída pela Assembleia da República) e só o nosso projecto rondava os 40 mil!

Procedemos então à imprescindível selecção de projectos (pela importância e prioridade) que a exiguidade da verba impunha e, em Junho, conseguimos finalmente aprovar na Comissão daquilo que era o nosso projecto global (reduzido a menos de metade):

– O Chiasmus;
– A viagem a Macau;
– O Encontro Internacional do Desporto Universitário;
– Projecto ROSAS.

De fora ficaram o Congresso de Coimbra (que com sucesso se viria a realizar em Dezembro mas fora do âmbito das comemorações), dois super espectáculos da A.A.C. em Lisboa e no Porto e as Conferências do Séc. XXI.

Até aí e durante muitas, muitas reuniões nunca nos cansámos de defender os projectos dos Organismos Autónomos e Secções da A.A.C. (C.M.U.C., Orfeon, T.E.U.C., C.A.P.C, C.E.F.) tudo isto por entre insistentes propostas (nossas) de criação de um gabinete de marketing que efectivaria e angariaria fundos e apoios para as comemorações suprindo a manifesta falta de verbas. Lembremo-nos da Universidade de Bolonha em que o magestoso 9º Centenário foi suportado integralmente pelas grandes multinacionais. Não nos esquecemos inclusivamente do ridículo de termos sido nós a impor a necessidade imprescindível de um logotipo para o Centenário, em Abril!

Em Junho havia já, e depois de um pré-meeting realizado em Coimbra em Abril (pré-meeting onde conseguimos trazer para a A.A.C., para Portugal, um encontro, disputado, um acontecimento único a nível nacional, no plano associativo e académico) uma enorme e completa estrutura montada que obrigou alguns de nós a ficar de férias em Coimbra, e permitiu realizar o Chiasmus 90, Encontro Europeu de Estudantes.



O Chiasmus 90, a grande odisseia

O Encontro Europeu de Estudantes – 1990, realizou-se em Coimbra de 5 a 10 de Setembro, foi difícil e muito trabalhoso, mas valeu a pena!

Os difíceis contactos, os vistos para os colegas de Leste (o papel do nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros) o aeroporto de Lisboa, os transportes, as recepções, a logística, a estrutura organizativa, o secretariado, o protocolo, a imprensa, os patrocínios, os workshops (sessões de trabalho), uma experiência inolvidável!!!

Quando a Universidade de Coimbra fazia 700 anos, na Cidade, na A.A.C., na Universidade, estiveram cerca de 350 estudantes de toda a Europa (muitos de Leste) representando 68 diferentes Associações e Universidades (Oxford, Cambridge, Sorbonne, Bolonha, Montpellier, Alma-Ata, Vilnius, Kiev, Budapeste, etc., etc., etc) e quase todas as nacionais.

Para a história do Encontro Europeu de Estudantes fica a Universidade de Coimbra, a A.A.C. e o próprio País.

Foram 5 dias extraordinários e muitos estudantes de Coimbra tiveram oportunidade de conhecer, conviver e trocar de tudo um pouco com os nossos colegas participantes. Naquela altura quem é que à noite não foi à esplanada no jardim? Não dormimos!

A A.A.C. deu mais um importante passo na vanguarda, não só do associativismo nacional mas fundamentalmente no associativismo internacional, passando definitivamente a fazer parte do fluxo de influências, do movimento estudantil europeu.

Foi um momento único no centenário historial da A.A.C. e a grande realização académica do 7º Centenário.

Desculpem-nos a ousadia, mas maior não podia ser!

O bloqueio do nosso programa. O Projecto ROSAS.

Não se efectivaram (do nosso programa aprovado) o Encontro Internacional de Desporto Universitário e o Projecto ROSAS. Isto porque perdemos o crédito por toda a cidade. Corajosamente avançámos com o Chiasmus 90, mas só bem há pouco tempo a Comissão acabou por efectivar os pagamentos dos últimos encargos do Encontro.

Quanto ao meeting desportivo teria três modalidades (rugby, judo e futebol) e equipas universitárias de Bolonha, Montpellier, Poitiers, Heidelberg, Salamanca, Amesterdão, Lisboa e Porto.

O arrojado Projecto ROSAS, em edição bilingue (Português/Inglês) era no fundo o grande memorial dos estudantes de Coimbra e dos seus feitos em 7 séculos.

Ambos pela sua envergadura implicavam avultadas verbas, que jamais podíamos suportar, e difícil foi a opção. A Comissão Executiva do 7º Centenário da Universidade de Coimbra não nos deu qualquer garantia e a D.G. sabendo das dificuldades da casa, não podia de todo em todo avançar. As propostas foram suspensas. No caso do Projecto ROSAS, é caso para dizer que pena!! O trabalho entregue à coordenação de António Barros, estava em fase muito adiantada, mas como explicámos, não foi para a tipografia.

Já disponibilizámos, no entanto, o trabalho efectuado à equipa de historiadores (que com agrado recebeu a ideia) e que vai realizar a grande obra que se anuncia no âmbito do 7º Centenário a "História da Universidade".

Críticas

Pela nossa parte, tudo fizémos, desportiva, cultural, histórica e associativamente, para comemorar o 7º Centenário da Universidade de Coimbra em toda a sua grandeza e na parte que nos competia, a parte académica.

Enquanto membros da Comissão Executiva das Comemorações do 7º Centenário da Universidade de Coimbra, não podemos deixar de tecer contundentes críticas (à Reitoria?) à falta de estruturas, planeamento e julgo que principalmente ao atraso com que se iniciou o trabalho. Até porque houve genericamente algumas iniciativas de valor e que deram brilho às comemorações, mas que se perderam por falta de publicidade e de programação conveniente.

Aproveito a oportunidade (e falo agora na 1ª pessoa) para agradecer a todos aqueles que trabalharam meses a fio no Pelouro dos 700 Anos da D.G. da A.A.C. e particularmente aos muitos (incluíndo a Elsa Coimbra) que conseguiram por de pé o Chiasmus 90.

Pela D.G.
O Coordenador do Pelouro dos 700 anos
António Pinheiro
(Membro da Comissão Executiva das Comemorações do 7º Centenário)

CELEBRAÇÕES

Os 700 Anos da Universidade de Coimbra começaram a ser celebrados oficialmente a 1 de Março de 1990, que era o preciso dia jubilar da criação da "Alma Mater Conimbrigensis". Com efeito, foi a 1 de Março de 1290 que El-Rei D. Dinis emanou de Leiria o célebre documento "Scientiae thesaurus mirabilis" que dava existência legal ao Estudo Geral, que começou a funcionar em Lisboa.

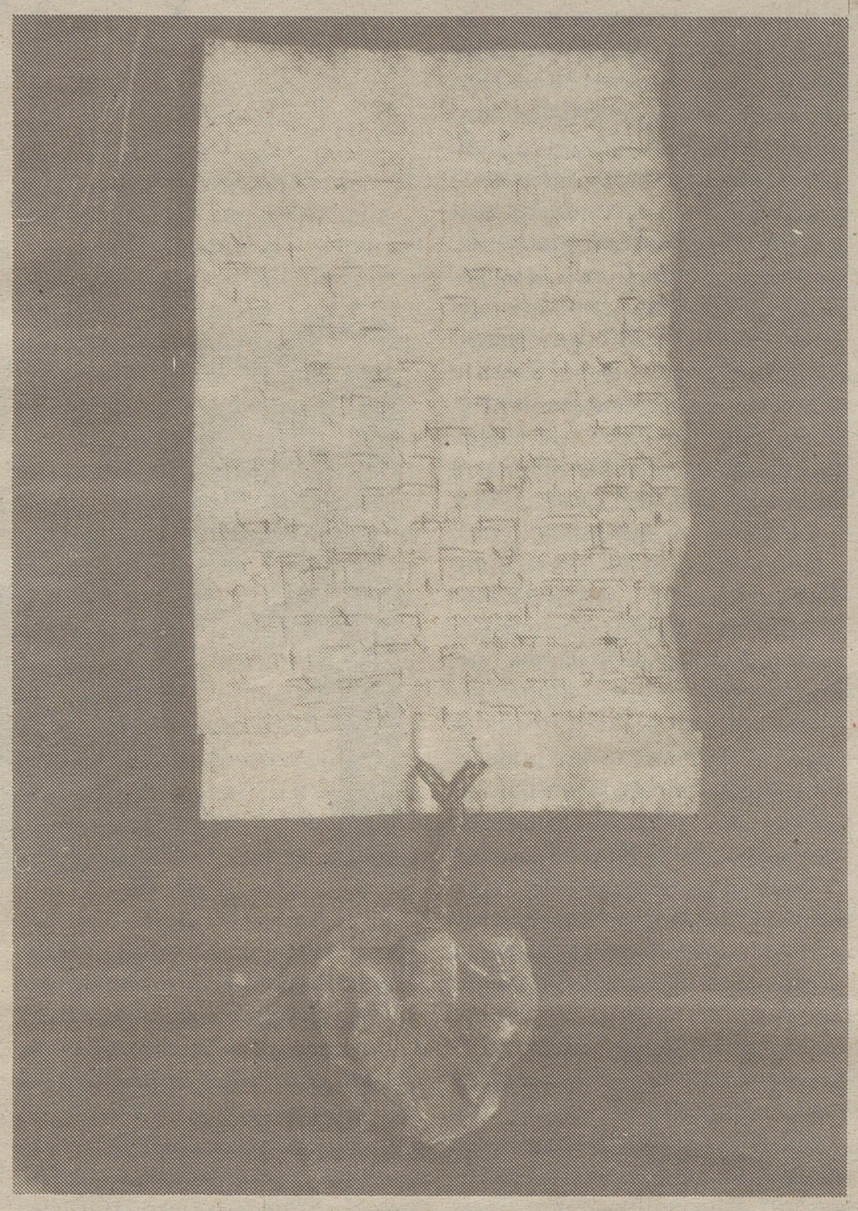
Mas já em 1288 se evocara a súplica dirigida ao Papa Nicolau IV a solicitar a criação de uma Universidade em Portugal. Uma exposição documental realizada no Arquivo da Universidade subordinada ao tema "Universidade de Coimbra – Sete Séculos de História (1288-1988)", a cuja abertura presidiu o Reitor Rui de Alarcão, assinalou esse importante texto assinado por 27 eclesiásticos em Montemor-o-Novo, entre os quais se encontrava o Dom Abade do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e o Dom Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. É possível que já então funcionasse o Estudo Geral.

1 - Em 1989 continuaram a surgir diversas realizações evocativas do 7º Centenário. Eram como que a preparação do ano jubilar propriamente dito. O lançamento do número especial da "Revista Crítica de Ciências Sociais", do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia, dedicada à efeméride; a viagem ao Brasil dos Antigos Estudantes da Universidade, que inclúi a assinatura de um protocolo com a Universidade Federal de Pernambuco, no Recife, uma homenagem ao Padrão de 1500 e a Bartolomeu de Gusmão, em Santos, e uma visita ao Colégio dos Jesuítas, Universidade, casa de Portugal e Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em São Paulo; a constituição de uma comissão executiva das comemorações em Setembro de 1989; a realização de uma Exposição na Biblioteca da Universidade de Viena sobre "Universitat Coimbra – Siebenjahrhunderte Geschichte", levada a efeito pelo Arquivo da Universidade com a colaboração da Embaixada de Portugal em Viena; a evocação da já referida petição feita ao Papa Nicolau IV para a criação do Estudo Geral em Montemor-o-Novo numa realização da associação dos Antigos Estudantes a 17 de Fevereiro de 1990, a qual foi seguida de uma sessão evocativa de Pedro Nunes em Alcácer do Sal no dia seguinte; uma sessão no Arquivo da Universidade para apresentação de três obras: uma pasta em carneira contendo o documento da fundação e a Bula de Confirmação de Nicolau IV, o "Livro Verde" e "A Universidade de Coimbra e os seus Reitores: Para uma história da instituição"; a abertura em Leiria de uma exposição "Leiria e os 700 anos da Universidade em Portugal (1290-1990)", organizada pelo Arquivo e pela Escola Superior de Educação daquela cidade; e a concessão pela Assembleia da República de uma verba especial para a celebração do 7º centenário, a 6 de Dezembro de 1989 – eis em síntese o que antecedeu a abertura solene das comemorações a 1 de Março de 1990.

2 - Na Capela da Universidade foi nesse dia celebrada uma eucaristia comemorativa do 7º centenário pelo Bispo D. João Alves, com a presença do Núncio Apostólico e do Reitor da Universidade Católica, D. João Policarpo. Seguiu-se na Sala dos Capelos uma sessão solene, a que presidiu o Presidente da República, que usou da palavra na circunstância, depois de terem falado o Reitor, o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica, o presidente da Câmara Municipal de Coimbra e o Ministro da Educação. Todos esses discursos foram depois publicados em brochura especial.

3 - O Documento Precioso da fundação da Universidade esteve exposto ao público e inaugurou-se no Arquivo uma Exposição sobre a "Alma Mater Conimbrigensis (1290-1990): tradição e futuro"; foram colocados em vários postos da cidade pendões triangulares alusivos aos 700 anos da Universidade, uma iniciativa do Município local, e dedicado um número especial do "Diário de Coimbra" à efeméride; e aberta na Biblioteca da Câmara Municipal uma exposição bibliográfica sobre a Universidade de Coimbra.

Um importante acontecimento foi o Congresso de História da Universidade, organizado por vários Institutos da Faculdade de Letras e de Psicologia e Ciências da Educação com a presença de 500 participantes, tendo sido apresentadas 139 comunicações de especialistas portugueses, brasileiros, espanhóis, franceses, alemães, italianos e canadianos. Um programa social vasto e diversificado enriqueceu o Congresso, sendo de salientar o concerto de órgão pela organista holandesa Dorthy de Rooij na Capela da Universidade. As Actas do Congresso foram publicados no dia 1 de Março findo.



Ainda em Março, foi lançada a reedição dos discos "Tempos de Coimbra: Oito décadas no canto e na guitarra", pelo grupo de Guitarras e Cantos de Coimbra, organizado pelo Teatro Académico Gil Vicente; e teve lugar o IV Encontro Nacional de Coros Universitários, promovido pelo Coro Misto, que contou com a participação do Coro da Universidade do Minho, do Orfeão da Universidade de Aveiro, do Coral da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, do Coro Juvenil da Academia Musical de Vilar do Paraíso, do Coro Universitário de Ovideo, do Coral da Universidade de Cádiz e do Coral Lorenzo Vallà da Universidade de Pavia.

A inauguração no Antigo Colégio das Artes da exposição "Fundamentos da Arquitectura" com trabalhos de estudantes de arquitectura da Universidade de Karlsruhe, organizado pelo Goethe-Institut (Casa Alemã) – que desde o princípio se associou à celebração do 7º centenário com diversas manifestações culturais – com a colaboração do grupo de arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e do Museu Nacional da Ciência e da Técnica.

Outra exposição de relevo foi a realizada na sede da UNESCO em Paris, promovida pela Delegação Permanente de Portugal a que preside o Prof. Doutor José Augusto Seabra junto da UNESCO e pelo Arquivo da Universidade, que contou com a presença do Reitor Rui de Alarcão. A participação do Orfeon dos Antigos Estudantes de Coimbra, uma homenagem a Miguel Torga e uma série de conferências valorizaram aquele acto cultural. Está em preparação uma publicação com as intervenções feitas no dia da abertura da exposição, em que falaram o Prof. José Augusto Seabra, Reitor Rui de Alarcão e o Sub-Director da UNESCO, o brasileiro Eduardo Portela.

No mês de Abril destacou-se a realização da Assembleia Geral das Universidades do Grupo de Coimbra, de que fazem parte actualmente 24 Universidades. No dia 7 teve lugar o momento alto do encontro com uma sessão solene na Sala dos Capelos, tendo depois sido assinada a "Declaração de Missão e Objectivos". A representação de duas peças de Shakespeare o "King Lear" e a "Midsummer nignt's Dream" pela famosa companhia inglesa "The Renaissance Theatre Company" foi outro acontecimento cultural de elevado nível artístico.

Em Maio foi lançada a medalha comemorativa do 7º Centenário, gravada em bronze por Manuel da Silva a partir do desenho do escultor Vasco Berardo, sob a coordenação de J. Carmo Santos, Lda.. Reproduz no inverso um trecho da Bula de Papa Nicolau IV, de 9 de Agosto de 1290, em que são mencionadas as Faculdades de Arte, Cânones, Leis e Medicina, e o selo pontifício; e no reverso uma alusão à Universidade de hoje, cuja insignia é fielmente reproduzida, contendo sete folhas de um livro, correspondentes a outros tantos séculos de histórias, que servem de fundo a uma representação do Mundo, onde o saber não conhece fronteiras e no qual a Universidade se projecta para o futuro. Fez-se uma tiragem numerada "UC-2000" em bronze e outra de cobre "1-1000" em 90 mm. e também em 50 mm. e ainda de prata e estanho, de 90 mm.

A Queima das Fitas foi dedicada, como seria de esperar, aos 700 anos da Universidade.

Em Junho teve lugar o espectáculo pelo Grupo de Bailado do Teatro Estatal de Ópera e Bailado de Krasnoyarsk (URSS) e foi inaugurado o 66º Curso de Férias da Faculdade de Letras. Entretanto o Governo criava uma Comissão Nacional das Comemorações do 7º Centenário da Universidade de Coimbra.

O I Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, dedicado ao tema "Saber e imaginar o social: Desafio às Ciências Sociais em Língua Portuguesa", organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia, constituiu um encontro importante do mês de Julho. Foi na altura concedido o grau de doutor "honoris causa" ao Prof. Florestau Fernandes, da Universidade de São Paulo. Foi aberta uma exposição documental e fotográfica sobre o 25 de Abril, uma exposição pelo Centro de Estudos de Fotografia (que ao 7º Centenário tem dedicado especial atenção) e lançada uma edição de mil colecções de 16 postais com fotografias da Universidade e da Cidade.

CELEBRAÇÕES

A Presidência Aberta do Presidente da República em Coimbra, cujo Gabinete de Trabalho funcionou nos Paços das Escolas foi outro acontecimento relevante, entre 28 de Julho e 6 de Julho, tendo no dia 6 o Dr. Mário Soares dirigido uma mensagem ao País sobre a missão da Universidade ao serviço da educação, da ciência e da cultura. A 4, dia da Rainha Santa Isabel, Sua Excelência inaugurou no Arquivo uma exposição medalhística.

A 21 de Julho o periódico "Correio da Manhã" dedicou um número especial ao 7º centenário, o mesmo vindo a fazer "O Jornal", a 26 de Outubro e o "Jornal de Notícias" a 28 de Outubro.

A evocação da Bula do Papa Nicolau IV, de 9 de Agosto de 1290, que confirmou o Estudo Geral foi assinalada com uma missa na Capela da Universidade e um concerto na Sé Velha e a emissão de um carimbo dos C.T.T. alusiva ao Centenário. A mensagem de João Paulo II dirigida à Universidade constitui um ponto alto desse dia histórico.

As palavras de Sua Santidade sobre o passado e o futuro da Universidade revestem-se de um significado muito profundo e ficarão indelevelmente marcadas nos anais da Escola: "Ao longo de sete séculos de existência a Universidade de Coimbra vem prestando relevantes serviços à Nação com a promoção dos genuínos valores espirituais, culturais e cintíficos, com reflexos evidentes tanto no País como noutros territórios e continentes, em especial no Brasil e nas terras de África e do Oriente, onde, com a cultura e a língua portuguesa, se ia divulgando a luz do Evangelho e dilatando a cristandade". E quanto ao futuro: "A comemoração do sétimo Centenário da "Alma Mater Conimbrigensis" que agora ocorre, é um virar de página que, nesta época em que o Mundo assite a tantas e tão profundas transformações de ordem política, cultural e científica, há-de significar um desejo sincero de colocar a ciência e suas inerentes conquistas ao serviço da pessoa e da sociedade humana, e sob a luz da Fé cristalizada no pensamento cristão e no Magistério da Igreja".

A realização da 1ª Conferência da Associação Europeia de Antropólogos Sociais e de uma exposição, sobre Instrumentos Musicais no Museu e Laboratório Antropológico, em finais de Agosto e Setembro; e neste mês o meeting Chiasmus (Encontro Europeu de Estudantes) com a presença de cerca de 500 estudantes; a Conferência Internacional sobre Estudos de Ciências da Educação pela Rede de Amsterdão; o Curso de Verão "Da Monarquia Constitucional à 1ª República" e a 29 e 30 o XX dia do Antigo Estudantes dedicado ao 7º centenário; e em Outubro o Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, o II Colóquio Penisular sobre História Antiga e a Visita à Universidade de Coimbra do CRE (Conselho dos Reitores, Presidentes e Vice-Chanceleres das Universidades Europeias) – eis em resumo os actos comemorativos destes três meses.





Em Novembro e Dezembro tiveram lugar novas iniciativas, como o Congresso sobre "João Jacinto de Magalhães no 2º centenário da sua morte", o 7º Colóquio de Associação Internacional de Direito Económico, a Internacional Conference on Forest Fire Research, o doutoramento "honoris causa" do insígne professor Ian Scott, pela Faculdade de Farmácia tendo na circunstância sido impostas insígnias a doutores da faculdade; uma exposição medalhística no Casino Estoril organizado pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra radicados em Lisboa e pelo Arquivo da Universidade; a sessão especial de homenagem à Universidade pela Academia Portuguesa de História, a apresentação de um disco compacto na Capela da Universidade pela organista Dorty de Rooij que dedicou o seu trabalho ao 7º Centenário de Coimbra e início de um ciclo de conferências pela Associação dos Antigos Estudantes sobre "A Academia de Coimbra e as ideias em Portugal", "A preparação do novo século" organizado pela Associação Académica de Coimbra.

De Janeiro até ao presente ocorreram outras acções comemorativas, como uma exposição medalhística em Braga pela Delegação dos Antigos Estudantes, a vinda a Coimbra do Primeiro-Ministro aproveitando a Abertura Solene do ano académico de 1990-1991, que anunciaram o início das obras do Polo II as 2ª Jornadas de Geografia Humana, o Colóquio sobre o Cânon-Anglo-Americano e o 3º Encontro sobre Formação Educacional.

Até ao final do ano – em que serão encerradas oficialmente as comemorações – estão ainda previstos diversos actos: o LNETI (Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial), à frente do qual está o Prof. José Veiga Simão, ilustre Professor da nossa Universidade tem um projecto de elaborar um Atlas Arquitectónico da Universidade, da Sé Velha e conjunto da Sé Nova e edifícios à volta, e ainda do da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e pretende levar a efeito diversas realizações, como um Colóquio sobre "Tecnologia Ciência e Cultura".

A realização em Abril de um Congresso sobre a Universidade do Futuro, o lançamento de outras publicações e a organização de outros actos celebrativos do centenário estenderá e valorizará ainda mais a comemoração desta tão significativa enfeméride.

Pensamos, entretanto, no final das comemorações elaborar um relatório exaustivo de todas as actividades levadas a cabo durante a efeméride que encerrará, como já ficou dito, em Novembro.

No dia 1 de Março foram apresentadas diversas publicações: o Boletim do Mosteiro de Santa Cruz (Séc. XVI) e os Estatutos de D. Manuel I (1503?) ambos em edição fac-similada. As obras do Dr. António de Vasconcelos sobre a Capela da Universidade e o Selo, e ainda mais volumes das Actas do Senado e da Faculdade de Direito; as Actas do Congresso sobre História da Universidade, realizado o ano passado, e a História da Faculdade de Direi-to, ambas as obras em cinco volumes, foram também lançadas nesse dia; e foi aberta uma exposição sobre o Livro Antigo. De manhã foi celebrada Missa na Capela da Universidade.

No dia 2 realizou-se na Sé Nova um Concerto pela Nova Filarmonia.

Prof. Dr. Manuel Rodrigues

Pró-Reitor para as Comemorações dos 700 Anos

UNIVERSIDADE QUE FUTURO ?

Quando se pôs o problema da integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia, houve quem, legitimamente, se interrogasse (e se interrogue ainda) sobre o futuro da nossa Indústria, do nosso Comércio e da nossa Agricultura, pois as suas estruturas frágeis e a sua produtividade não competitva iriam fazê-las correr graves riscos. E o problema, na sua essência, continua de pé.

A progressiva transformação da Comunidade Económica Europeia, sem deixar de ser uma Comunidade Económica, numa Comunidade Cultural, de que é prova, ao nível universitário, *o Projecto Erasmus*, terá necessariamente repercussões na nossa Universidade, repercussões que não podem deixar-nos indiferentes. *A mobilidade* de estudantes e de professores permitida e fomentada pelo *Projecto Erasmus* constitui um desafio à nossa Universidade, desafio que deve ser encarado com coragem, com determinação e com dignidade.

Não me parece legítimo afirmar, logo à partida, que todas as Universidades dos outros onze parceiros da Comunidade Económica Europeia constituam um paradigma, um *ideal* que a Universidade Portuguesa deveria imitar. Mas é legítimo e até imperioso pensar que todas as Universidades dos doze parceiros terão que se melhorar para estarem à altura do *Ideal Europeu*, que todas se devem propor a imaginar, a construir e a realizar.

Neste contexto, impõe-se perguntar: Que futuro para a Universidade e, no que nos diz respeito, que futuro para a Universidade Portuguesa?

O futuro é, por natureza, *utopia*, isto é, aquilo que, sendo embora objecto das nossas mais fundas aspirações (e também dos nossos mais fundos temores...), *não tem lugar*, não existe. Mas é evidente que o *futuro* virá a existir, virá a ser presente. Deixará então de ser *utopia*, para ter lugar no tempo vivido pelos homens. E que tempo ou que tempos iremos nós viver daqui a dez anos, daqui a vinte ou trinta anos? Não o sabemos. Dizer que o sabemos revelaria, no mínimo, uma certa dose de leviandade, pois seria, antes do tempo, transformar o futuro em presente, transformar, prematuramente, a utopia em realidade. Dizer que sabemos o que vai ser o futuro, dizer que sabemos o que vamos fazer no futuro seria, de certo, ir contra a própria noção de progresso, pois se o soubéssemos, não esperaríamos dez ou vinte anos para fazer, mas fá-lo-íamos já agora.

A Idade Média, porque viveu fundamentalmente *sub specie aeternitatis*, não teve um sentido muito bem definido do *tempo* e, consequentemente, da *história* e do *progresso*. A nossa época, sobretudo nos países tecnologicamente mais avançados, tem um sentido muito agudo do tempo, da história, de evolução, do progresso, da mudança. Vivemos numa época de aceleração da história. Mas um qualquer cataclismo imprevisto pode, como factor perturbador, fazer regredir a mais promissora evolução histórica, como um novo invento inesperado pode acelerar a história de uma maneira tão acentuada que serpreenda os espíritos mais atentos e mais progressistas. É por isso que os planeamentos a longo prazo são sempre falíveis.

A única atitude sensata perante o futuro é uma atitude de «douta dúvida». Será, por isso, «duvidando» do que vou dizer que vou «imaginar» algumas «tendências» da Universidade do futuro, que, embora, por mim, neste momento, «idealizada», não será propriamente a Universidade *ideal*.

A Universidade do futuro continuará, sem dúvida, a ter como missão fundamental a realização dos três grandes objectivos que, desde há algumas décadas, vêm sendo atribuídas à Universidade; transmissão do saber, investigação científica e serviço à Comunidade. Mas terá de realizar esses objectivos de uma *maneira* diferente do que o tem feito até agora. Qual será essa maneira? Não o sabemos, pois se o soubéssemos já o faríamos no presente. Insisto: é contra a noção de progresso saber, com precisão, o que se vai fazer no futuro e sobretudo como se vai fazer. O *tempo* e o *modo* estão indissoluvelmente ligados. Se o *tempo* ainda não existe, não é possível saber qual é o modo.

É certo que a evolução histórica tem as suas *leis*, leis que nos permitem prever, ao menos «tendencialmente», o que irá acontecer no futuro. É tentando ler essas «leis tendenciais», mas sempre dominado pela dúvida e pela incerteza, que vou dizer algumas palavras sobre como antevejo a Universidade do futuro.

O Ensino Superior (note-se que digo o Ensino Superior, e não a Universidade), o Ensino Superior, em Portugal, num futuro que antevejo relativamente próximo terá de arranjar estruturas para acolher 20 a 30% dos jovens do grupo etário dos 18 anos 24 anos e, numa segunda fase, não muito distante no tempo, 30 a 40% dos jovens desse grupo etário. Neste momento, o Ensino Superior em Portugal (o público e o privado) é frequentado apenas por cerca de 12% dos jovens desse grupo etário, ou seja, por cerca de 125 000 jovens – uns 115 000 na Universidade e menos de 10 000 no Ensino Politécnico, o que constitui uma gravíssima distorção... –, quando devia sê-lo, para estarmos ao nível dos outros países da Europa Comunitária, por mais de 20% ou seja, por, menos, 200 000 a 250 000 jovens. Exige-o o processo da Sociedade e irão exigi-lo os próprios jovens, em nome da justiça.

De 125 000 alunos que agora acolhe, o Ensino Superior deverá passar a acolher, num futuro relativamente próximo, 200 000 ou 250 000. Em meu entender, a maioria desses jovens deverá frequentar o Ensino Superior não-universitário, Ensino que é (deve ser) mais prático, mais caracterizadamente profissional, menos empenhado na investigação fundamental, mais ligado ás actividades de desenvolvimento regional e de mais curta duração...

Mas uma boa fatia desse número baterá às portas da Universidade.

Como consequência do que acaba de ser dito, o «numerus clausus» deixará de ter sentido, podendo, todavia, as exigências da Sociedade impor que se mantenha em alguns Cursos.

Como ministrará a Universidade ensino eficaz e eficiente a um número acrescido de alunos? Como incutirá nesses alunos e espírito da investigação que os prepare para, a vida pos-universitária, continuarem a aprender por si mesmos, a adaptarem-se ás mudanças, a serem empreendedoras e construtores de futuro? Que tipo de serviços, que qualidade e que quantidade de serviços vai a Universidade prestar à Comunidade?

Até ao nível da Licenciatura, a Universidade do futuro será, mais ainda do que já o hoje, uma Universidade de *massas*. Deverá, por isso, multiplicar os Cursos de post-graduação, quer a nível de Mestrado quer a nível do Doutoramento, para acolher os melhores dos seus licenciados, aqueles que estiverem interessados em dedicar-se à investigação científica.

Ao longo da sua história, a Universidade nunca foi *autónoma*, uma vez que sempre esteve ao serviço ou de uma religião, ou de uma ideologia ou de uma classe ou de um regime político. Prova disso é a situação de «conflito» e de «ambivalência» em que sempre viveu – na Idade Média, na Renascença, no Iluminismo, no Liberalismo e em outros momentos históricos – entre o poder religioso e o poder político. No futuro, embora sem estar necessariamente ao serviço de qualquer religião, de qualquer classe, de qualquer ideologia ou de qualquer regime político, a Universidade também não poderá ser inteiramente autónoma, não apenas porque não tem meios próprios de subsistência, mas sobretudo porque terá de cumprir os objectivos que a Comunidade em que se insere dela espera e até exige. Por este mesmo motivo, nem as Universidades privadas (mesmo aquelas que dispões de amplos recursos financeiros...) poderão ser inteiramente autónomas. A Universidade não é, nem pode ser, uma *Ilha*. Tem de ser um *Continente* e com muito boas vias de comunicação que a liguem a todas as outras Instituições e a todos os indivíduos que com ela vivem nesse Continente.

Embora não sendo, nem podendo ser inteiramente autónoma, a Universidade do futuro deverá ser o mais possível «desburocratizada», do ponto de vista financeiro, administrativo, pedagógico e científico.

Mais que qualquer outra Instituição, a Universidade do futuro deverá ser um *espaço* da *liberdade:* «liberdade de cátedra» e de investigação para os docentes e investigadores e liberdade de aprender para os alunos.

É bem possível que essa *liberdade* nem sempre se conjugue com alguns objectivos que a Comunidade espera ver realixados pela Universidade. Daí poderão surgir «conflitos», conflitos, porém, que, numa sociedade democrática, poderão ser factores de progresso.

A Universidade do futuro será uma Comunidade altamente participativa. Participativa em dois sentidos: *ad intra*, isto é, dentro de si mesma, na sua vida interna, dando a *voz* e *ovoto* a todos os seus membros, e *ad extra*, isto é, escutando e procurando satisfazer as necessidades e os anseios da Comunidade em que se insere, Comunidade que, através dos seus órgãos económicos e culturais mais representativos, deverá também ter *voz* e*voto* na elaboração e na condução da política universitária.

Sem deixar de manter sempre bem a *memória* do passado colectivo, nomeadamente através da investigação histórica, a Universidade do futuro deverá ser um motor e um fermento de progresso. Por isso, além dos Cursos que actualmente ministra e da investigação que actualmente faz, deverá ministrar outros Cursos e fazer investigação em outros domínios, pois, com o desenvolvimento da Ciência, novos «saberes» se irão tornando autónomos.

A Universidade do futuro não ensinará apenas a saber, mas ensinará também a saber fazer.

Dando – por exigência do mundo em que vivemos e sobretudo do mundo em que vão viver as novas gerações – cada vez mais importância às *tecnologias*, a Universidade do futuro deverá dar uma importância acrescida às *ciências humanas* e *sociais*, pois a sua missão não será formar *robots*, mas *homens* e homens *cada vez mais «humanizados»*.

A Universidade do futuro não terá como objectivo apenas o desenvolvimento das faculdades intelectuais, mas procurará formar o homem integral, dando especial ênfase à formação da *afectividade*, como elemento fundamental do equilíbrio humano, e à formação *física*.

Mais ainda que no passado, a Universidade do futuro cultivará o *associativismo* em cada um dos corpos que a integram e, de modo especial, no corpo discente. Com efeito, a Universidade não é apenas as salas de aula, os laboratórios, as bibliotecas, os estádios e os pavilhões desportivos, os museus, as salas dos Conselhos..., mas é também, como no caso de Coimbra a Associação Académica, com os seus múltiplos organismos, os quais poderão contribuir decisivamente para a formação intelectual, afectiva e física dos estudantes.

São estas, em meu entender, algumas linhas de rumo que a Universidade Portuguesa deve procurar seguir e concretizar para que, em conjunto com as suas congéneres europeias, possa dar um contributo válido e decisivo para aformulação e para a realização do *Ideal europeu*.

Nota: os dados estatísticos do texto referem-se a 1988.

Joaquim Ferreira Gomes

POR UMA CANÇÃO DE COIMBRA

1. O ambiente musical no início da Década de 80

Pertenço à geração do chamado Fado de Coimbra que não encontrou um "mar de rosas" quando se resolveu a pegar nas guitarras e a vir para a rua cantar! Se por um lado o "habitat" natural da canção de Coimbra estava ausente, fruto de aproximadamente uma década sem tradições (1969/79), o que nos dificultou a aprendizagem quer do canto quer da guitarra (e daí o aparecimento de escolas), por outro lado, sofremos também a contestação daqueles que, movidos mais pela emotividade do que pela razão, e numa obediência cega a certos esquemas ideológicos de perfeita alienação, recusavam do passado tudo aquilo que sendo válido merecia ser respeitado, antes procurando destruir toda e qualquer iniciativa em prol do ressurgimento das tradições. Um ressurgimento que terá tido como pontos-chave: a Serenata Monumetal na Sé Velha, integrada no 1º Seminário de fado (1978) e a "Semana académica" (1979) _ autêntico balão de ensaio para a Queima das Fitas de 1980! Daí que muitas situações tivessem sido vividas intensamente e, claro está, a Canção de Coimbra incluída!

Em termos musicais, em 1980, existiam em Coimbra duas escolas de aprendizagem de guitarra: a Secção de fado da AAC, que então nascia e dava os seus primeiros passos, e a Escola do Chiado, ligada à Câmara Municipal, e que na altura foi bastante impulsionada pelo Dr. Rodrigues Costa, tendo nos seus dois monitores (o Jorge Gomes e o Dr. Fernando Monteiro), a efectivação desse projecto. Uma Escola que tinha dado os primeiros passos, alguns anos antes, pela mão do Dr. Mendes Silvaa: do FAOJ foi transferida para o A.C.M., seguindo-se-lhe o Edifício do Chiado e o C.R.do Bairro Norton de Matos.

É desta Escola e do trabalho dedicado e amigo de Jorge Gomes, que entre 1980/81, surge o embrião do grupo Académico e Canções de Coimbra! Eramos à data considerados "persona non grata" por algumas pessoas ligadas à Secção de fado, talvez por a Escola do Chiado ser também aberta a não-estudantes, não ser alitista e não estar sedida na Padre António Vieira! Seja como for, o facto é que mesmo não sendo um grupo da Secção, cedo começámos a colaborar com a AAC: em Janeiro de 1981, estávamos a participar na Serenata da "Recepção ao Caloiro", ao lado do Grupo de Fados e Guitarras de Coimbra, (este sim, oriundo da própria Secção), a convite do Mário Afonso (Presidente da Secção entre 1980/82), que numa atitude umparcial e honesta nos reconheceu o esforço que então realizámos em prol da defesa e exaltação da Canção Coimbrã!

2. Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra
–seu percurso e filosofia–

Entre 1980/82, o G.A.F.C.C. sofreu algumas mutações na sua constituição, ou por opções familiares ou por imperativos de ordem dinâmica. O Grupo ganha então um ambiente cada vez mais são, de grande entuasiasmo e certo rigor na sistematização do trabalho; ganha um maior equilíbrio potencial, onde o estudo, a investigação e a reflexão aliados à imaginação e improviso contribuíam para uma margem de erro cada vez mais curta em relação aos objectivos a que nos propunhamos: exaltar o Passado Histórico da Canção Coimbrã numa inovação fiel às suas raízes!

De início, dominou-nos a divulgação de alguns Clássicos que são a verdadeira escola por onde todos devem começar. Mas, a certa altura, a nossa maneira de pensar estava a mudar: para além das serenatas e do canto de amor, um amor mais universal, mais em relação com a vida e com os valores significadores da pessoa humana, podia e devia também ser exaltado, pois o produto final de um qualquer trabalho com raíz coimbrã, não pode nem deve ser apenas uma canção de embalar ou uma melodia romântica. A Canção de Coimbra tem variantes que se podem inserir no imaginário colectivo e na cultura musical, projectando-a para um âmbito muito mais vasto.

Assim, a partir do momento em que encontrámos algo que nos dizia alguma coisa e que poderia ser um ponto de partida para uma orientação posterior, tudo mudou! Aliás, a nossa postura nunca foi a de alimentar a nostalgia de um certo público, antes, o saber conciliar o culto



das raízes autênticas com uma certa capacidade de renovação; e como sempre considerámos a Canção Coimbrã um discurso dinâmico, dialéctica presente-futuro, uma forma de comunicação entre pessoas e uma mensagem de juventude (porque deve continuar a ser cantada por jovens ou por gente de espírito jovem), foi amadurecendo em nós, a ideia de gravar um disco que reflectisse a nossa maneira de estar, de pensar e agir ao passar por Coimbra! Surge então o album "Canções d'Aqui" (1989), numa altura em que sentíamos a necessidade de gravar, por ter algo a transmitir às pessoas e porque acima de tudo pretendíamos uma maior fidelidade a nós próprios e ao nosso tempo! Trata-se de um disco que testemunha a passagem por Coimbra de um grupo de jovens que se dedicou à Canção Coimbrã, respeitando valores e princípios, e onde a amizade entre todos tornou possível uma convivência de dez anos!

É evidente que hoje já não gravaríamos da mesma maneira: as pessoas tendem a encarar os temas de forma diferente, para melhor!! Seja como for, a edição de album "Canções d'Aqui" foi como que um virar de página para o G.A.F.C.C., que teve a sua existência durante toda a década de 80, extinguindo-se naturalmente, isto é: quando parte dos seus componentes, por imperativo das suas vidas familiar e profissional, incompatibilizavam a manutenção do grupo com o mínimo de qualidade de espectáculo. O facto é que o G.A.F.C.C. está na prateleira e só de lá sairá quando for solicitada a sua colaboração em qualquer História que se faça sobre a Canção de Coimbra dos anos 80! Por outro lado, o grupo enquanto colectivo com uma identidade própria (que ficou bem vincada através da sua postura ao longo da Década de'80), nada tem a ver com a mentalidade(!) da Década de 90!!

3. Em defesa de uma memória histórica

A atitude mais clara e honesta que se tem de exigir a um qualquer cultor, será sempre a de executar de uma forma séria e responsável a Canção de Coimbra. Já basta o péssimo contributo de fadistas de Lisboa, que movidos pelo lucro fácil, fazem uma triste divulgação dos temas tradicionais de Coimbra (quantos deles tão mal interpretados que chegam a envergonhar os seus autores). São pessoas que apenas contribuem negativamente para a Canção Coimbrã, inflacionando a sua qualidade natural! Mas quando no meio musical coimbrão, existem cultores com responsabilidades que rivalizam com Lisboa na busca da pior postura de divulgação de um tema de Coimbra, então algo vai mal!

A tentativa de libertação de certas tutelas na procura de novas formas de cantar o clássico (ou o novo), não pode ser sinónimo de um progressivo afastamento das verdadeiras raízes, pois se assim for, a música tradicional Coimbrã cairá num cançonetismo descarado, perdendo a sua identidade e diferença face a outros géneros musicais. Perante tal situação, duas questões se têm de colocar:

1ª _ O que faz correr tanta gente para a Canção de Coimbra?

2ª _ O que representa para alguns que nela se movimentam?

A Canção de Coimbra nunca esteve nem nunca pode vir a ser moda! Não basta dizer que se canta "fado", que se vai à TV ou ao estrangeiro! Porém, ela reflecte a própria sociedade: egoísmo, individualismo e materialismo exagerado! Existem, de facto, alguns cultores levianos, que se comportam como autênticas meretrizes, procurando atingir posições que nada têm a ver com a dignificação da Canção de Coimbra; são pessoas que se auto-proclamam "grandes artistas", que se auto-promovem doentiamente, entretanto numa competição maquiavélica, conducente à criação de falsas referências no panorama musical de Coimbra. Ora, o futuro da Canção Coimbrã passa pela urgência de banir essa auto-promoção, a avidez do ser falado e notado, e o excessivo interesse monetário –: alguns dos piores inimigos que ela enfrenta nesta viragem de século!

Hoje, há uma grande ignorância face à memória histórica da Canção de Coimbra, e é urgente que alguns cultores se mentalizam de que o autêntico discurso estético necessita ser reencontrado: há que recomeçar a redescobrir os clássicos, sem se ter pudor ou leviandade no olhar o passado, mas sim a certeza de que só o trabalho com perda de tempo e com alguns sacrifícios é que poderá reactivar o respeito pela Canção de Coimbra. Infelizmente, as serenatas na Sé Velha são o reflexo da crise de identidade que se instaurou no seio da Canção Coimbrã! Se por um lado se assiste a um comportamento de ridícula veneração a deus Baco por parte de uma franja de público, que apenas revela o seu grau de estupidez e ignorância face a uma manifestação tradicional de Coimbra, (a propósito, para quando serenatas sem amplificação sonora?), por outro lado, há executantes que não se sabem dar ao respeito, pois apresentam quase sempre trabalho de duvidosa qualidade. Mais: a Sé Velha não pode ser um local de lavagem de roupa suja entre grupos intervenientes, nem ser encarada de ânimo leve ou esquecida, por quem tem responsabilidades; mas os jogos mesquinhos que se vão revelando na Canção de Coimbra são a certeza da podridão mental de alguns dos seus executantes! Daí que não seja surpresa, face ao baixo nível da maioria das prestações que hoje se fazem ouvir, que o público amante e conhecedor do fenómeno musical Coimbrão se retire progressivamente da Sé Velha por não suportar estar entre um fogo cruzado: falta de educação de um lado e leviandade artística do outro!

A memória histórica da música de Coimbra merece e obriga a uma outra atitude mental pois se assim não for a Canção de Coimbra nunca existiu! Será inventada amanhã?

Jorge Cravo

GRUPO ECOLÓGICO

O Grupo Ecológico da AAC, entrevistou João Paulo Queiros um apaixonado pela natureza e em especial pela montanha. "A Cabra" reproduz a entrevista e oferece aos seues leitores toda a beleza que este desporto permite usufruir.

Quando é que começaste a fazer montanhismo?

Comecei a fazer montanhismo há três anos. Certo dia, vi um panfleto na cantina "amarela" que anunciava um curso de iniciação a esse desporto que era organizado pelo Grupo de Montanha do Clube de Campismo e Caravanismo de Coimbra. Como desde pequeno me senti atraído pelas montanhas e, particularmemte, pelo alpinismo, nem pensei duas vezes.

Porquê? Porque é que gostas desse desporto?

O perigo sempre me atraíu porque eu gosto de viver a vida intensamente. Assim, conseguirei tirar maior prazer dela. Fiz o referido curso e, aí, verifiquei que o montanhismo se pode dividir em diversas modalidades: escalada livre em rocha, escalada em gelo, marcha ou "trekling"; alpinismo, himalaísmo, esqui de montanha, além de tantas outras actividades que se podem praticar nos locais mais elevados do nosso planeta.

Este desporto motivou-me de tal maneira que nunca mais larguei o Grupo de Montanha (G.M.) fazendo parte, neste momento, da Direcção do C.C.C.C. como Vogal de Montanha. Pratico todas as modalidades que o G.M. pode oferecer, isto é, a marcha, a escalada em rocha, a alta montanha, a escalada em gelo, o "parapente" (ou pára-quedas de montanha) e a bicicleta de montanha.

Onde é que praticas esse desporto?

Habitualmente, pratico estas modalidades durante todo o ano (exepto a escalada em gelo, como se compreende) na Serra da Lousã ou na Serra do Sicô (perto de Pombal). Outras vezes, também na Serra da Estrela, e no Parque Nacional da Peneda -Gerês. Claro que já visitei muitas outras serras





e "calhaus" por esse país fora mas os locais referidos são os mais visitados pelo G.M.. Por outro lado, costumo sair para o estrangeiro duas ou três vezes por ano. A Sierra de Gredos (no centro de Espanha) e os Pirinéus foram as montanhas que já me viram mais vezes. Mas também já fui aos Picos de Europa (Norte de Espanha) e aos Alpes. O G.M. foi o primeiro grupo de conimbricenses a pisar a montanha mais alta da Europa Ocidental. Este ano destaco a denominada "Expedição ao Alto Atlas" onde, mais uma vez, fomos os primeiros conimbricenses a pôr as botas no cume do pico mais alto do Norte de África: o Ibel Toubkal com 4168 metros, situado em Marrocos.

Como é que o Ambiente liga com o teu desporto?

Por incrível que pareça, neste planeta ainda se conseguem encontrar locais selvagens onde a presença do Homem é diminuta. Porém, esses locais começam a rarear. Normalmente, o Homem conspurca todos os sítios por onde passa. E as Montanhas também não escapam. Não é nada agradável estar num local "selvagem" a apreciar uma paisagem diferente, e o cheiro de uma lata de atum caída por terra a impregnar o ar. Ou então, ir a passear por um caminho verdejante e encontrar uma lata de "Pepsi" (não são só as de "Coca-Cola" que existem...) pendurada num arbusto.

Desde a minha iniciação ao Montanhismo que vejo (e sinto) destas cenas. Infelizmente, isto acontece muito frequentemente e nos sítios mais inesperados. Não há respeito pela Natureza!...

O Montanhismo é um desporto que está intimamente ligado com o natural e o G.M. do C.C.C.C. é um dos exemplos de alguém que tenta não deixar rasto da passagem com objectos deitados fora, isto é, fazendo lixo. Se transportamos o lixo que fazemos, porque razão não o trazemos de volta à "civilização"? As embalagens, por exemplo, não só pesam menos como, esmagadas, nem ocupam muito espaço. Nos cursos de iniciação ao Montanhismo referimos sempre estes problemas porque todos nós fazemos parte deste planeta em que vivemos, e se não somos nós a tomar conta dele, quem o fará?

Na verdade, é uma pena que a consciência de certas pessoas não dê para reflectir sobre o que estão fazendo. Talvez lhes faltem umas pequenas explicações.

Já alguma vez tentáste falar com os turistas que poluem?

Lembro-me que, em Fevereiro deste ano, eu e outros elementos do G.M. estávamos a escalar em gelo o "Corredor do Inferno" no "Parque Natural" da Serra da Estrela quando, a certa altura, reparámos que diversas garrafas de cerveja (além dos blocos de gelo) caíam e estilhaçavam-se perto de nós. Tivémos que nos despachar na escalada e, por perto, nenhum vidro nos apanhou, o que não seria muito agradável pois escalávamos sem capacete. Já no cimo, reparámos num grupo de rapazes que estava no miradouro sobre esse corredor. Esperámos que eles atirassem uma garrafa e, só depois, fomos chamá-los à razão. Primeiro, disseram que não tinham sido eles; em seguida, verificando que tinham sido descobertos, ficaram aborrecidos por lhes dizermos umas "verdades" e por um de nós lhes ter chamado "estúpidos". Queriam que esse elemento retirasse o que dissera. Acabámos a conversa com um ultimato: retiramos o "estúpido" se vocês retirarem o lixo que deitaram fora. É óbvio que não o fizeram.

É por isso que me pergunto se aquele parque natural, como tantos outros por esse país fora, pode ser considerado como tal. Se aqueles que detêm o poder não sabem como se faz uma protecção eficaz a um qualquer parque natural, não precisam de ir muito longe. Basta observarem atentamente "nuestros hermanos".

Para finalizar, informo que se alguém quiser iniciar-se num desporto intimamente ligado à Natureza só tem que contactar com algum elemento do Grupo de Montanha (às quintas-feiras, à noite) pelo telefone 33408.

CONTESTAÇÃO AO NOVO REGULAMENTO DE ESTÁGIO

A contestação contra o novo regime de estágio, que atingiu o seu momento de maior projeção com a manifestação realizada em Lisboa em Dezembro último, não se poderia bastar com palavras de boa-vontade vindas de quem, manifestamente não a tem. Nesse sentido foram desenvolvidos contactos com diversas entidades pelos alunos que compõem a comissão mantida em R.G.A. para a resolução deste problema, em colaboração com a DG/A.A.C., e no seguimento do compromisso assumido perante os colegas.

Um primeiro contacto teve lugar com a Comissão Parlamentar de Juventude, sendo recebidos numa segunda audiência pela Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias. Este último contacto mostrou-se particularmente positivo, tendo os deputados presentes na reunião afirmado partilharem das críticas dirigidas pelos estudantes relativamente ao novo regulamento de estágio, especialmente contra a consagração de um exame. Adiantaram ainda pretender reunir com a Ordem dos Advogados, com vista à recolha de elementos para a elaboração de um posterior parecer sobre a matéria.



Todas estas deligências ocorreram no passado mês de Janeiro, altura em que teve lugar a tão esperada reunião entre os representantes dos alunos de direito e os representantes da Ordem dos Advogados. Assim, no dia 27 estiveram presentes na sede nacional da Ordem dos Advogados representantes dos alunos de cinco faculdades de direito (Coimbra, Clássica de Lisboa, Católica do Porto, Lusíada e Internacional) juntamente com dois representantes da Ordem. Depois de uma troca inicial de impressões procedeu-se à definição de um método de trabalho, que passaria pela realização de reuniões periódicas em que seriam apresentadas e discutidas as várias propostas de alteração ao novo regulamento de estágio. Relativamente a este último foi desde logo adiantado que, com toda a certeza, não se iria aplicar no período de estágio que se inicia am Abril por falta de condições materiais (falta de instalações para o funcionamento dos centros de estágio). Uma nova reunião foi marcada para o dia 9 de Fevereiro.

No dia 8, em fax enviado para Coimbra, é comunicada a indisponibilidade dos representantes da Ordem para estarem presentes na referida reunião, bem como em posteriores reuniões, pedindo, simultaneamente, o envio das propostas de alteração por escrito, ás quais iriam tentar dar resposta. A justificação para o facto era bastante simples – uma agenda sobrecarregada. Em face de desculpa tão esfarrapada outra conclusão não se pode tirar senão que a disposição para o diálogo não passou de meras palavras de intenção.

Mas infelizmente esta atitude não se limita à Ordem dos Advogados, tendo-se alastrado aos representantes das outras faculdades de direito (faculdades de direito e nem por isso). Tendo acordado as várias faculdades presentes na reunião do dia 27 na necessidade de um encontro prévio com vista à tentativa de apresentação de uma proposta única de alteração ao regulamento, ficou este marcado para o dia 2 de Fevereiro, nas instalações da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Porto. Para esse efeito deslocaram-se ao Porto dois elementos de Coimbra – viagem desnecessária visto não terem aparecido os representantes das restantes faculdades (incluíndo os "anfitriões"), não se tendo por isso realizado a referida reunião. Depois de muito esperar e de vários contactos na tentativa de esclarecer o sucedido, regressaram a Coimbra os elementos da comissão. A explicação só chegaria mais tarde, juntamente com as conclusões de uma reunião posterior – afinal não tinha passado de um esquecimento. Depois de Coimbra ter desempenhado um papel fundamental no movimento de contestação ao novo regulamento de estágio (foi em Coimbra que se iniciou, era de Coimbra a esmagadora maioria dos estudantes presentes na manifestação em Lisboa), não passou pela cabeça de nenhum dirigente associativo das restantes faculdades fazerem um simples telefonema para Coimbra a comunicar o adiamento da reunião marcada para o dia 2, bem como a marcação de uma nova data para a sua realização. Este "esquecimento" traduz-se, antes de mais numa grave falta de respeito pela F.D.U.C. e pela Académica que deveria, no mínimo, levar ao repensar das relações entre Coimbra e as associações de estudantes das restantes faculdades de direito. Apesar da situação de impase a que se terá chegado (pelo menos no respeitante aos contactos com a Ordem dos Advogados), o certo é que o movimento de contestação não ficará por aqui, estando já prevista a realização de uma nova R.G.A. para uma data logo a seguir ao período das frequências, em que serão debatidos todos estes desenvolvimentos.

Pedro Alexandre
Membro da Comissão.

GOETHE · INSTITUT

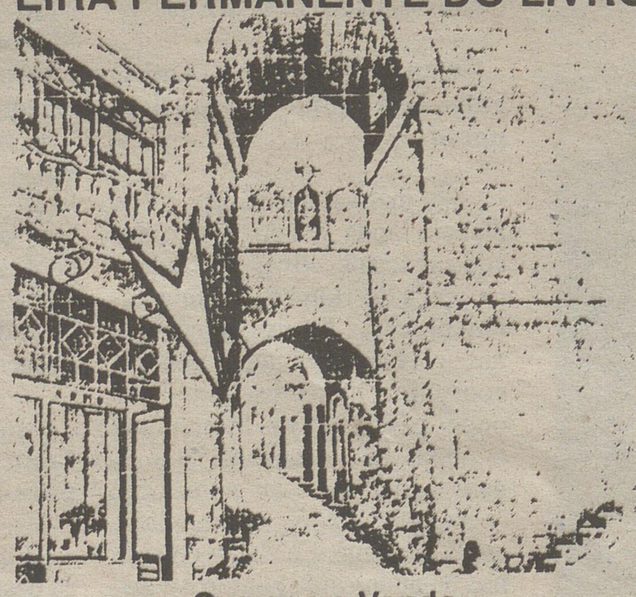
COIMBRA

APRENDA ALEMÃO NO "GOETHE"

INSTITUTO ALEMÃO

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 21 - B
3000 - COIMBRA
TEL: (039) 26925

FEIRA PERMANENTE DO LIVRO



Compra e Venda
Livros novos, usados, antigos, curiosos e velhos.
Postais, mapas, revistas, jornais, etc.
5 Anos ao serviço da cultura
ARCO DA ALMEDINA, 33 - 35 COIMBRA

Teatro Académico de GIL VICENTE



1961 - 1991
30 Anos de Cultura

☎ 29372 / 29474



DIMENSÃO

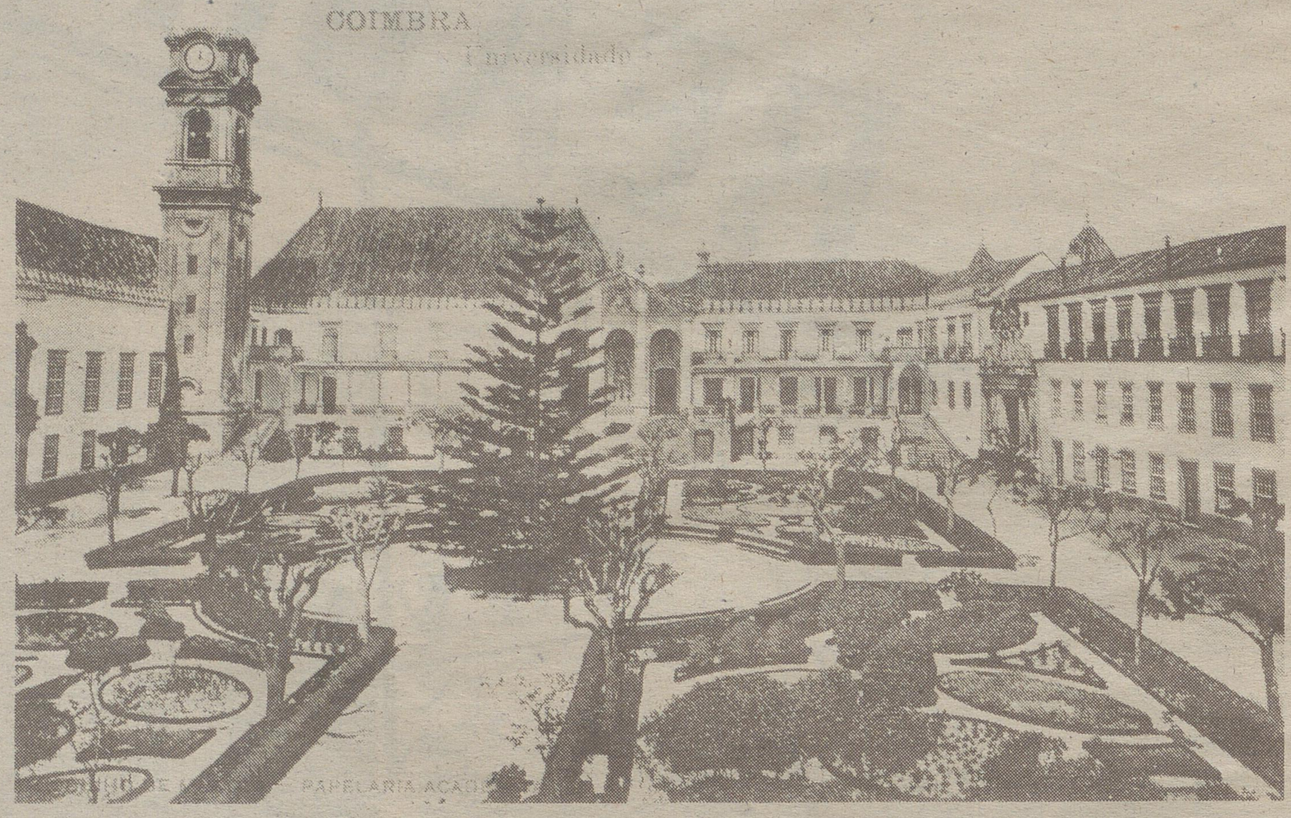
DISCOT. B

SÉTIMA DIMENSÃO

RUA DO ARNADO

3000 COIMBRA TEL 33845

UNIVERCIDADE



O estudante de Coimbra tem o privilégio de viver parte da sua vida numa das cidades que maior importância tem no panorama artistico nacional. Os seus edifícios fazem já parte do imaginário académico, tendo sido ponto de referência para várias gerações estudantis. Com a série de artigos que agora se inicia, é nosso propósito a divulgação – sem excessos de purismos técnicos que ao não-iniciado enfastiam e importunam – de algumas informações histórico-artísticas relacionadas com esses monumentos, procurando a aproximação afectiva com a defesa do património em geral e a compreensão de uma realidade insubstituivel, em particular.

Porta Férrea – Por iniciativa do Reitor D. Álvaro da Costa, em 1633 pôs-se a pregão a empreitada da construção da porta principal das Escolas à qual respondeu favoravelmente o mestre-de-obras Isidro Manuel e que, curiosamente, teve que dar alguns dos seus bens como garantia do contrato, entre os quais a própria casa onde morava. O projecto é da autoria de António Tavares, que mais tarde viria a ser nomeado mestre-de-obras da Universidade, para a qual já tinha anteriormente executado outros trabalhos.

A sua estrutura denuncia claramente propósitos de ostentação. As duas faces iguais representam, simbolicamente, o início e o fim dos cursos, como se de um arco-de-triunfo se tratasse. Está adornada, nos vãos rectangulares, com as figuras alegóricas das 4 Faculdades Maiores, possuindo também estátuas de D. Dinis, fundador da Universidade, e de D. João III, que definitivamente a transferiu para Coimbra. Coroandoo conjunto, a figura da Sapiência. Esta imaginária é produto do escultor Manuel de Sousa. Estilisticamente, "*integra-se na corrente maneirista mas num tipo popular, não erudito e fundamentalmente, anticlássico*". (1) Já se encontrava concluída em 1634.

A Torre – Comummente tida como emblemática da Universidade e mesmo da cidade de Coimbra, a Torre foi ao longo dos tempos ganhando uma carga simbólica estreitamente ligada à Inteligência e ao Saber. Iniciou-se a sua construção em 17 de Abril de 1728 tendo as obras terminado em Julho de 1733. Desconhece-se quem foi o autor do risco, sabendo-se que D. João V mandou que o "mais perito" arquitecto da Corte tomasse conta do projecto, tendo para esse efeito recebido, em 1730, um pagamento de 48 000 réis.

Em termos estilísticos filia-se no barroco de Mafra, sendo possível que o autor do projecto tenha sido o arquitecto do Convento mafrense, João Francisco Ludovice, Arquitecto-Mor do Reino.

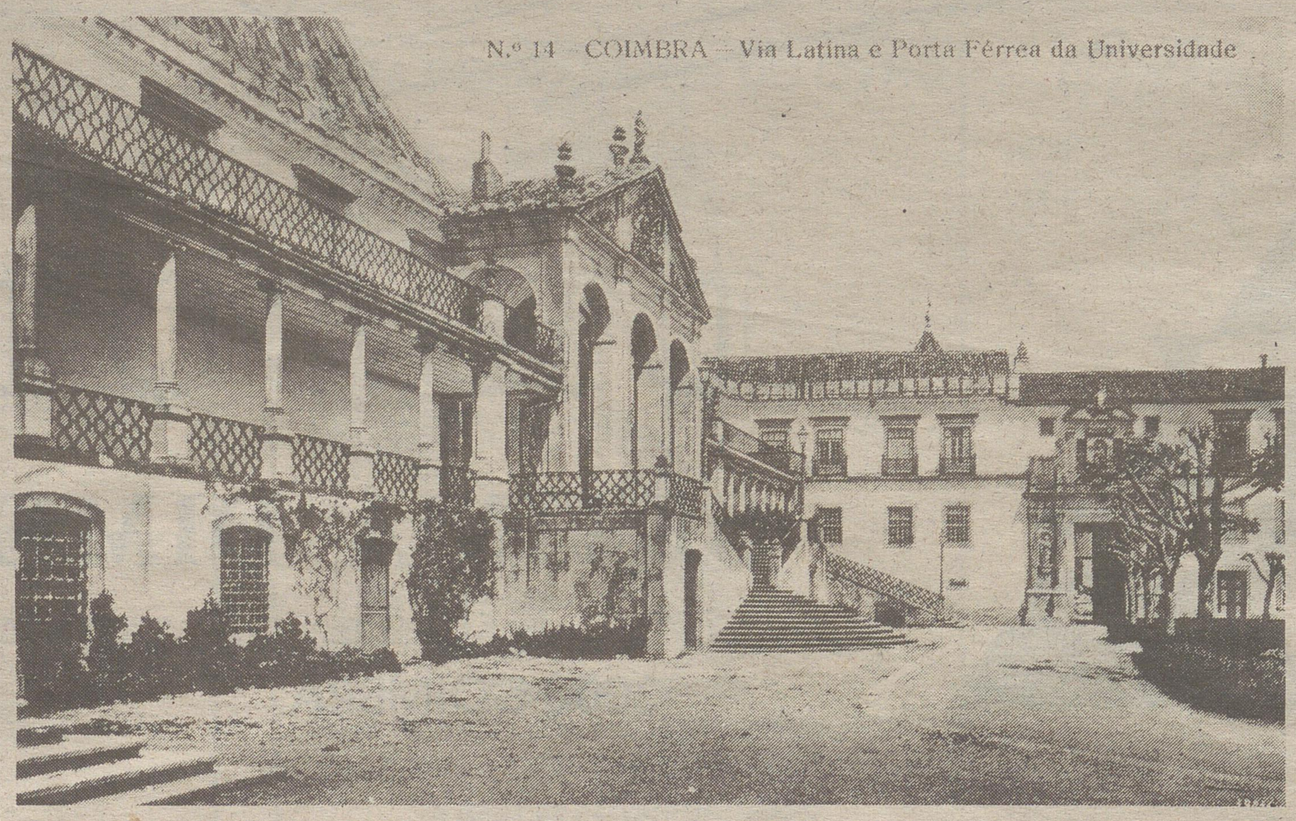
Com o objectivo de privilegiar a visualização da zona dos relógios, os sinos colocaram-se por baixo destes, o que conferiu à Torre o seu peculiar aspecto. Os seus 33,5 metros terminam num terraço avarandado que serve de mirante. Um dos sinos-o balão-data de 1561. Outro - a "Cabra" - continua com os seus toques a tentar regular a vida estudantil. O custo da obra orçou pouco mais de 14 contos de reis, mais precisamente 14 543$222.

Biblioteca Joanina – Como a Torre, também a chamada "Casa da Livraria" se integra no cíclo de construções de D. João V. Começou a construir-se em 1717 e terá terminado em 1725. Foi seu principal mestre o entalhador e arquitecto Gaspar Ferreira, desconhecendo-se o autor do risco que, na opinião de alguns autores, não terá sido Lodovice (2).

O seu exterior é muito simples e sóbrio, destacando-se apenas o vigoroso portal, ladeado por dois pares de colunas com capitel jónico e coroado por exuberante escudo nacional, bem ao jeito do reinado do *magnânimo*. Ao contrário, o exterior é extremamente policromo, constituido por três salas onde se acomodam estantes de dois andares em madeiras exóticas ricamente trabalhadas. A Biblioteca Joanina constitui, sem dúvida, um dos mais bem conseguidos conjuntos do período barroco nacional.

Via Latina - É a consequência do afã reformador da época pombalina (1772-1778). Os historiadores parecem unânimes em confirmar o seu assentamento sobre o lugar do antigo eirado manuelino, daí decorrendo o aspecto elevado da galaria. Esta é constituída por uma colunata jónica que sustenta um entabelamento corrido, interrompido por um enorme pórtico central encimado por um fontão triangular onde estão relevadas as armas nacionais. Também aqui uma estátua alegórica da Universidade encima o conjunto ladeada por quatro fogaréus. O conjunto escultónico situado no centro da galeria é um trabalho do francês Claude Laprade, realizado no início do século e reaproveitado, tendo-lhe sido acrescentado o busto de D. José, durante o reinado do qual se fez a remodelação.

João Garção



N.º 14 – COIMBRA – Via Latina e Porta Férrea da Universidade

(1) - PEDRO DIAS, *Coimbra Arte e História*, Coimbra, 1988, Ed. Intituto de História da Arte, p. 19.

(2) - VIRGÍLIO CORREIA, *Obras*, Coimbra, 1946, Acta Universitatis Conimbrigensis, p. 135: "A da Biblioteca não pode pertencer ao Mestre de Mafra, cujo italianismo elegante e seco não se coudunava com a plantu-rosa realização barroca que é a Casa da Livraria (...)".

BOTA-ABAIXO

A Real República do Bota-Abaixo nasceu entre as ruínas da Alta, na Rua do Borralho, numa casa expropriada pelo regime salazarista, empenhado em ampliar as instalações universitárias no último quarteto da 1949.

Chegou, no entanto, a hora desta casa ser destruída pelos buldozers e os doze magníficos mudaram-se para a Rua de S. Salvador. Com pesar, viram a destruição da Alta e, em consequência um dos fundadores, Mário Mendes, teve a ideia de baptizar a nova casa de *Bota-Abaixo* como forma de perpetuar o sentimento de revolta e de saudade em relação à sua Alta.

O emblema da casa foi elaborado pelo arquitecto e pintor Israel de Macedo e dele consta a imagem de um estudante, colocado sobre um barril, quebrando duas colunas e empunhando na mão um copo de vinho. Nos finais dos anos 50, acrescentou-se a Torre a este símbolo.

Os doze cavaleiros foram: Jorge Carvalho, Júlio Pinto, Horácio Jácome, José Rodrigues, Abel Oliveira, A. Riscado, C. Ferreira da Silva, J. Oliveira Lourenço, L. Megre, Mário Mendes, Sousa e Silva e Antunes Coelho.

Em 1954, o José Gonçalves da Costa, hoje Professor de Processo Penal no CEJ, pintou os murais da sala comum representando:

– O exame que se faz com os professores a dormir;

– A casa de penhores;

– O estudante nas compras com o polícia a espreitar pela porta;

– O julgamento do caloiro;

– Numa triologia de Coimbra – uma musa, uma guitarra e um garrafão.

Esta sala, porém, não resistiu até hoje, pois o piso com as danças e as infiltrações de água, ameaçou ruír, em 77 foi transladada para outra sala, onde se espelha o momento político e social da República, com murais do 1º de Maio, Marx, Zeca Afonso e Abril Vencerá. Contudo, na antiga sala permanecem os outros murais.

A casa tem sido um espelho fiel de todas as convulsões académicas e sociais.

Na Crise Académica de 61-62, obrigou o Artur Pires (hoje Professor Catedrático de Psiquiatria na Universidade de Laval-Quebec) a alguns dias de prisão por um Decretus em que as Repúblicas se solidarizaram com o General Galvão da Silva no desvio do Santa Maria. Em 69, foi a vez do Carlos Bento, por ter assinado o decreto do luto académico e consequente abolição da praxe.



Nesta década de 60 a República era um "ninho de ideias" onde pontificava o livre pensar, abrindo e fermentando um Abril novo. Nestes tempos, um amigo da casa era Zeca Afonso, dormindo no quarto vago de cada noite e convivendo com os de então. A sua dedicação a esta casa foi tanta, que o seu primeiro LP tem por capa um plano colhido da janela de um dos quartos onde muitas vezes ensaiou alguns dos seus temas.

A década de setenta, numa primeira fase, orfã de todos os que tinham feito 69, foi marcada por uma certa desilusão e pela tentativa de propor novos métodos na orientação académica, nomeadamente através de eleições indirectas. Na segunda parte da década, a República, enquanto organização interna, foi secundada pelos problemas exteriores: era frequente verem-se républicos partirem como animadores culturais para os pontos mais longínquos levar um pouco de alfabetização.

A década de 80, com a desilusão e o individualismo numa sociedade de consumo, trouxe um novo espírito a esta casa.

Por outro lado os senhorios tentaram acções de despejo para recuperarem as casas, tentativa que lhes foi frustrada, na medida em que as Repúblicas, com os seus antigos républicos, conseguiram aprovar a Lei 2/82 na Assembleia da República por unanimidade.

Em 1984 a preocupação fundamental era a recuperação física da casa, onde o telhado era pouco mais do que aparente e cuja casa de banho envergonhava qualquer congénere. Poucos anos eram volvidos, quando dois ilustres républicos viram o chão afundar-se naquilo que continuava a designar-se como casa de banho. Muita pontaria foi necessária para, durante 3 meses fazer as necessidades líquidas numa garrafa, pois as sólidas dependiam de uma grande concentração da nossa parte, bem como da ajuda das sanitas das vizinhas e de outras repúblicas.

A casa, nesta segunda metade dos anos oitenta, já sem o inimigo comum – o fascismo – tentou positivar esta nova liberdade. A nossa administração da liberdade tem-se manifestado em exposições, lançamento de livros, bem como a organização de debates e tertúlias. Nas nossas paredes já expuseram – José Daniel Abrunheiro, Felisbelo Antunes, e um grupo de alunos da ARCA. Houve igualmente duas exposições de fotografia, uma exposição de cerâmica e uma sessão de pintura livre. Procedeu-se também à edição dos Cadernos da Loucura Imediata I e II, bem como ao lançamento do primeiro livro de António Vilhena, "Do Ventre Da Terra".

Em 1988, perante o Primeiro Cartório de Coimbra, a República passou a designar-se Associação Real República do Bota-Abaixo, tendo em vista o desenvolvimento de uma actividade mais interventiva desta casa, não só na Coimbra-Universidade, como também na Coimbra-Cidade.

A partir desta data, um grande esforço foi desenvolvido no sentido de reconciliar as diferentes gerações de républicos, divididos por ideologias, bem como por desavenças pessoais. Neste período, passámos a convidar regularmente professores e colegas para debater problemas relativos, não só à academia e à cidade, mas de âmbito mais vasto.

Com professores como Gomes Canotilho, ou escritores como Manuel da Fonseca, tivémos oportunidade de confrontar ideias e particularmente enriquecê-las.

Várias vezes nos visitou igualmente o nosso Magnífico Reitor, também ele Républicq Honorário desta casa por decreto de 1988.

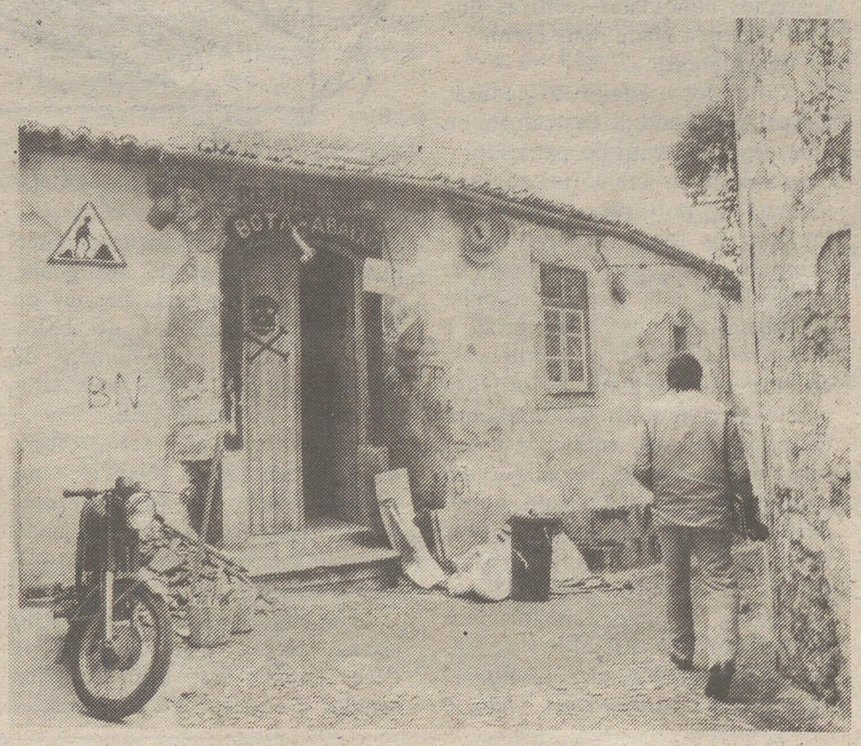
No mesmo ano é atribuído o mesmo título ao Presidente da República pelo seu espírito solícito e experimentalista, bem como pela contribuição que deu à causa da "liberdade" e que durante a presidência aberta em Coimbra (Junho 90) não deixou de nos visitar.

Nestes últimos tempos, temos tido diferentes visitas, nomeadamente a do Ex-Ministro da Defesa, Eurico de Melo, do Secretário de Estado do Ordenamento do Território, Nunes Liberato do Eurodeputado Carlos Pimenta, do Grupo Parlamentar do PCP, Candidato Carlos Carvalhas, D. João Bispo de Coimbra, o Governador Civil de Coimbra, etc.

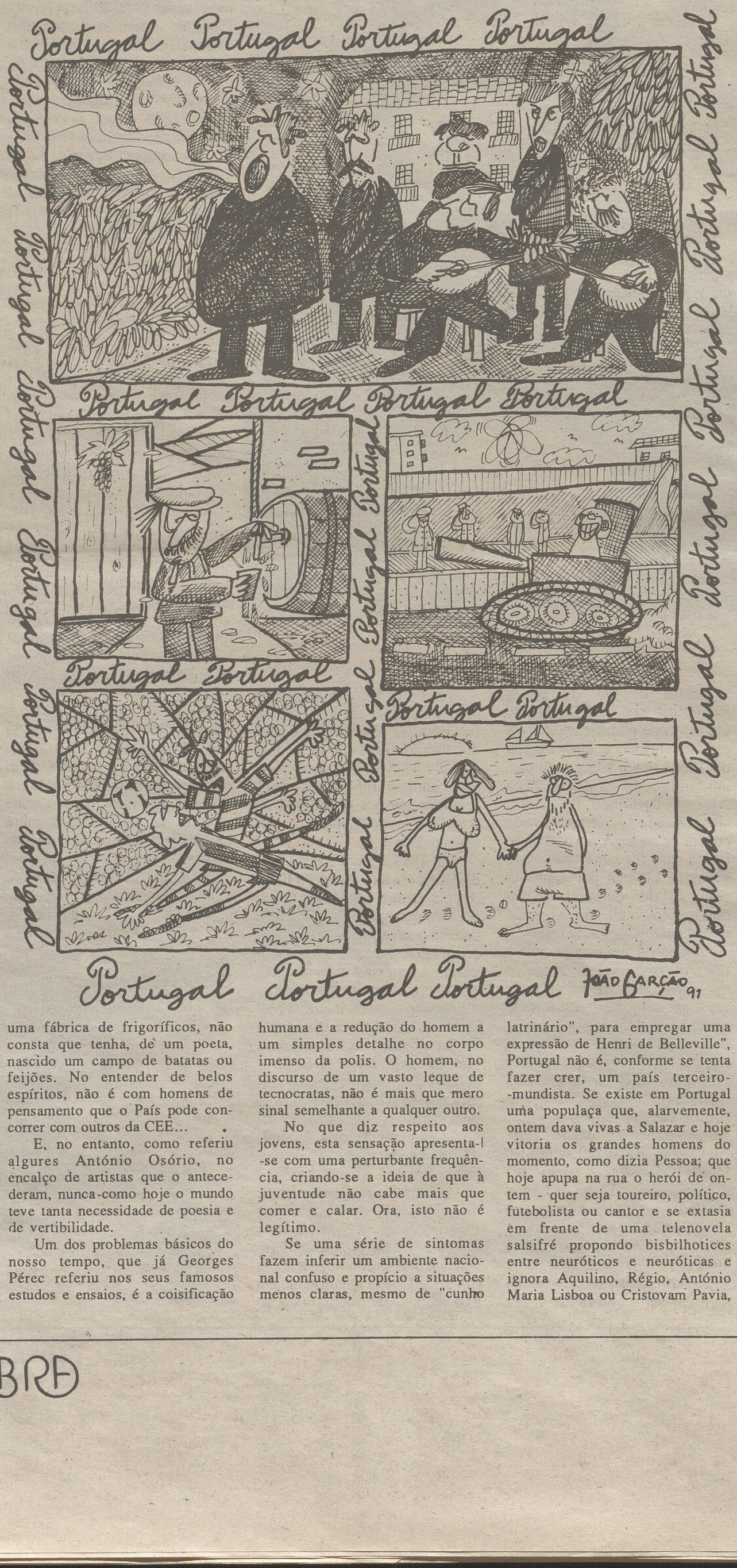
A actual direcção do Bota-Abaixo, debatendo-se com alguns graves problemas relativos ao estado físico da casa, tem tentado conciliar a tradição com as exigências da actualidade, procurando inovar, respeitando o legado histórico e humano que caracterizou essa forma de estar em Coimbra.

A concretização deste ideal manifesta-se nos Milenários, onde os antigos se reencontram e convivem, não só com as gerações sucedâneas mas também com os actuais républicos. Este ano a iniciativa tomada foi a da organização de um Sarau Académico no Gil Vicente, onde desfilaram a estudantina, João Queiroz, a Secção de Ginástica da Associação Académica, Aurelindo Costa, os Pauliteiros de Miranda do Douro e a Praxis Nova. A par deste, foi organizada uma exposição de fotografia sob o tema "A Vida Académica", cujos trabalhos nos mostraram uma visão externa, captada pelos fotógrafos lisboetas Álvaro Resende e A. Freire, bem como uma visão interna por Fontes e Paulo Ramos. Esta exposição teve lugar na sala de exposições do Teatro Académico de Gil Vicente.

No Centenário, aliou-se o lançamento do Caderno da Loucura Imediata II, sob o título de "Vozes à Solta", visto tratarem-se de uma confluência de escritos/vozes que não encontram eco na academia em geral, e poderiam, assim, acentuá-las num espaço comum.



OS JOVENS E A EUROPA


Portugal Portugal Portugal Portugal
Portugal Portugal Portugal Portugal
Portugal Portugal Portugal Portugal

O ELOGIO DO GÉNIO

Uma singela homenagem da autoria de BOTAS, GUERREIRO MILITAR, BRAGUESA e JOANE O PARVO ao sublime Marco Paulo.



O Marco Paulo não é só o melhor cantor de todos os tempos. É muito mais do que isso. O Marco Paulo é o expoente máximo da cultura portuguesa, o cúmulo duma história que começou com os Lusíadas, passou pelos Descobrimentos, pelo Júlio Dantas, pelo fascísmo e culminou no mais perfeito dos resultados da sua espantosa evolução: esse crâneo rodeado de caracóis que se chama Marco Paulo.

O Marco Paulo é bastante profundo sobretudo nas letras das suas divinas melodias de descomunal talento Pátrio.

De momento não se encontra disponível na comitiva de Cavaco Silva pois foi convidado para presidir ao Encontro Europeu de Filósofos, onde certamente levará o nome de Portugal mais longe nos Caminhos da Glória (Gaynor?)

Também o European Cultural Newspaper elegeu Marco Paulo como o mais destacado pensador e ideológo do século em Portugal, quiçá na Europa e definiu-o como "uma espécie de Buda Ocidental, mas menos superficial"

D. Cavaco quer substituir o Secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, por alguém muito mais sábio e criativo... Claro, só podia ser o homem dos caracóis.

Podemos ver uma cuidada biografia de Joana d'Arc em "Joana", um rigoroso estudo meteorológico em "sempre que brilha o sol" ou a dualidade entre o amor sensível e o amor inteligível em "Eu tenho dois amores". "Se Deus quiser" é um transcendente exercício estético em que através de uma persistente meditação metafísica estão presentes os desígnios do Criador; em "Ninguém, ninguém" há pura poesia existencialista reflectindo a solidão do homem pensante perante um mundo hostil sem um Deus que o proteja, uma canção onde podemos reconhecer o melhor de Heidegger, Sartre, Camus e Jaspers; "Ai, ai, ai meu amor" é uma ousada incursão dos meandros do amor sadomasoquista inspirada por sucessivos visionamentos de "Blue Velvet" de David Lynch; ainda "Tu és mulher, não és uma Santa", um poema musicado que Marco Paulo dedicou à actriz e deputada italiana Ilona Stater, Vulgo Cicciolina.

No entanto, Marco Paulo tem um grande problema: acha que o grande público não o compreende.

É o mal de ser intelectual.

Marco Paulo não representa só toda a evolução cultural portuguesa, diremos mesmo europeia. Os seus estudos filosóficos levam-no bem mais longe. As suas ideias completamente inovadoras só podem ser caracterizadas como ideias de vanguarda. E por esta razão não teremos a menor dúvida em afirmar que Marco surge na nossa sociedade materialista como um D. Sebastião que vem sondar novos caminhos não só na música mas também noutras artes (tal como na dança onde as suas coreografias de pendor surrealista são prova duma grande maturidade mental) – a troca do microfone do braço direito para o braço esquerdo, por exemplo, que mostra a sua imparcialidade no plano político deambulando assim entre o fascismo e o anarquismo mas não se identificando com nenhuma destas tendências.

Mas este homem tão culto não é apenas o cabecilha das culturas minoritárias. O que faz um homem tão completo é que ele lidera também a grande cultura. Marco Paulo no fundo é o resultado de vários séculos de cultura. Peguemos por exemplo no plano musical. Marco possui não só toda a naturalidade de um Mozart ou de um Strauss, como sabe, melhor que ninguém, compor melodias cuja execução requer uma grande capacidade técnica e um grande domínio sobre o instrumento (lembramos aqui nomes como Paganini e Listz).

As suas novas acepções melódicas minimalistas demonstram que se pode fazer grande música partindo da simplicidade nua e crua. Eis mais uma das qualidades deste homem tão culto e tão maturo e ao mesmo tempo tão eclético, um homem que tal como a sua arte veste de branco, dum branco puro, transparente e sincero que lhe fica melhor que ninguém, talvez até melhor que ao próprio João Paulo II.

Este nosso grande músico, poeta e filósofo é pois a fina-flor de Portugal.

Podemos colocá-lo ao lado de um Marcuse na filosofia, de um Breton na poesia, de um Johnny Rotten na música, de um Beckett no teatro, de um David Lynch no cinema, e todos estes nomes deveriam sentir-se muito orgulhosos por serem comparados ao Marco Paulo.

É que, de facto, o Marco marca, um marco marcante com uma marcada marca pessoal e intransmissível.

Não, Marco Paulo não é piroso. Marco Paulo é inovador, original, experimentalista, a última fase do desenvolvimento da canção nacional desde as primeiras tentativas dos trovadores até do produto perfeito que dá pelo nome de... Marco Paulo!

É também de considerar a aristeia do génio.

Tal como Simónides foi o cantor nacional grego no tempo das guerras medo-persas o nosso Marco Paulo é o cantor da nossa Lusa Pátria (para os que não saibam ler entrelinhas isto é um ataque escandaloso aos fascistas do nosso tempo). Quem é que leva o nome de Portugal a todos os cantos do mundo? Será a Rosa Mota? Não! Será a Amália Rodrigues com os seus magníficos concertos na Costa do Marfim perante a elite cultural centro-africano? Não! Será o vosso Presidente da República com aquela cara bolachuda e bonacheirona de alentejano de quem foi ao mar e não pescou nada? Não! Afinal quem é essa pessoa cosmopolita (sem esquecer a sua origem aldeã) que propaga a imagem de Portugal? Essa pessoa é, claro está, Marco Paulo que qual como o seu homónimo Marco Polo já viajou até à China funcionando como ligação entre a Ásia e a Europa.

Marco Paulo é um vulto importante na cultura do nosso século. Tal como Winston Churchill mas ao contrário disso não se limita a ocupar espaço moralístico.

Evidentemente que outros cantores bastante distintos surgiram influenciados pela maravilhosa obra de Marco Paulo. Em Portugal temos ainda Dino Meira e José Malhoa, em Espanha temos o Júlio Iglésias e José Luís Perales. Mas estes são, por assim dizer filhos de um Deus maior que é Marco Paulo, Zeus para os amigos.

Vamos pois manifestar-nos na Praça da República para que o Marco Paulo consiga o casamento com a Linda de Suza para que a união de ambos brote o rebento mais culto da História da Humanidade que já tem nome certo, o Juju.

Um valor importantes como é a nostalgia está presente nos seus versos ("Joana/Pensar que estivemos tão tão perto") tal como uma profunda análise ao psíquico humano ("os sonhos agora dispersos").

A verdade é que enquanto Marco Paulo se esforçou nos últimos anos por criar algo de novo os seus contemporâneos limitaram-se a debitar questões mais que rebatidas, assim Peste e Sida realizou um estudo bastante superficial sobre a personalidade alentejana e o trabalho ("vamos ao trabalho!"); Rui Veloso preocupou-se em demasia para fazer concorrência desmesurada à astróloga do reino no seu trabalho "já não há estrelas no céu" e com a precariedade da condição humana em Chico Fininho"; Madredeus debruçou-se sobre a religião.

Deixem-se lá de Rui Reininhos e de Kalus, homens saídos da Banda Desenhada belga e vão aos concertos do grande Marco Paulo. Avé Marco.

Marco Paulo não é fácil nem barato; é subtil, rodeia a força da sua mensagem com uma inspiração assaz pessoal que torna as suas letras objecto de estudo dos literatos europeus que confessam a incapacidade de qualquer ser humano em atingir o grau de plenitude e perfeição que Marco Paulo de facto é e representa neste mundo onde o seu nome se levanta como uma das poucas coisas que ainda valem a pena.

Marco Paulo é também um importante agitador social com a sua arte de pendor intervencionista que leva os ouvintes a pensar e a agir de acordo com as suas sátiras lúcidas e cruéis contra as prepotências dos plutocratas que lideram a sociedade.

E não temos dúvidas que se o Marco Paulo concorresse às eleições presidenciais venceria logo na primeira volta, mesmo sem nenhum apoio partidário.

Imaginem numa reunião de Chefes de Estado o nosso Marco de peruca em punho e microfone sorridente a trautear a Mulher Sentimental "in memoriam de Mrs. Thatcher."

Corre também para aí o rumor de què Marco Paulo vai deixar crescer a peruca e dedicar-se ao heavy, dar um pouco da sua dinâmica estética a este genero estagnando dando-lhe mais energia, vigor e mesmo pedalada.

Marco Paulo encerra a força de um exército, é explosivo como uma bomba atómica e aerodinâmico como um míssil.

Tudo se resume no seguinte: o Marco Paulo que se faz e ao fazer-se faz a História.

P.s. Se queres aderir à massa de apoiantes deste génio de caracóis escreve para:
Jorge
Fanclub Marco Paulo
R. Antero de Quental, 225, 2º
3000 Coimbra

PASSATEMPOS

Serei eu um verdadeiro cábula?

Finalmente um teste que te permitirá descobrir se es um cábula, ou se apenas te gabas disso quando convém...

Escolhe uma resposta para cada pergunta, consulta a tabela de pontuação, e somados os valores obtidos, saberás finalmente das tuas hipóteses nesta difícil arte.

1. Para ti uma fotocopiadora significa:

a) A possibilidade de reproduzir os apontamentos num formato mais reduzido e manuseável.

b) Uma forma fácil de explorar os estudantes.

c) Uma chatice rotineira.

d) A sensação de cumprir um dever.

2. Quando um Professor pede lume a tua reacção consiste em:

a) Esconder a carteira de fósforos e oferecer-lhe o isqueiro.

b) Pedir-lhe desculpa por não fumares.

c) Dizer-lhe que não tens e aproveitar para tirar um fósforo do bolso, afim de palitares os dentes.

d) Aproveirar para lhe cravar um cigarro.

3. No início do ano lectivo:

a) Acorres alegremente para as aulas.

b) Vais-te lentamente habituando à ideia, começando por frequentar as da tarde.

c) Aproveitas para achar que as aulas começaram muito cedo, e vais protestar com os amigos, em volta de várias cervejas.

d) Ai é? Não sabia que as aulas já tinham começado...!

4. Enquanto caloiro, o teu grande problema consistiu (ou consiste) em:

a) Descobrir um colega com boa letra, simpático, e oferecer-lhe uma esferográfica preta para escrever apontamentos.

b) Adaptares-te à comida da cantina.

c) Descobrir truques para passar o tempo nas bichas.

d) Encontrar um bom alfaiate, especializado em capas e batinas.

5. O que fazes numa véspera de exame?

a) Apanhas uma bebedeira monstruosa.

b) Fazes uma directa a marrar a matéria "enorme e nunca vista...".

c) Calmamente, fazes uma revisão final e confiante.

d) Deitas-te mais cedo e, de manhã, tomas banho, barbeias-te, perfumas-te, e veste o teu mais distinto fato.

6. Qual o teu sistema favorito para cabular?

a) O sistema soviético. Cantas os barqueiros do Volga para distrair o Professor, e pões "O Dicionário" à frente da sebenta.

b) O sistema americano: tiras o sapato, encosta-lo disfarçadamente à orelha e decifras as respostas codificadas nos microgravadores.

c) O sistema polaco: colocas-te na bicha com uma senha de racionamento e esperas que te dêem a nota. Se fores vítima das precedências, inscreves-te no Solidariedade.

d) Não tens sistema.

7. Se o teu Professor te apanha a copiar...

a) Tremes como varas verdes, gageuijas, e dizes sim e não ao mesmo tempo.

b) Descontraído, olhas o Prof. com a atitude do Paul Newman na Golpada, sacas um cigarro, e dizes: "Quem estava a copiar eras tu!"

c) Fazes um discurso sobre as tuas próprias virtudes morais, confessas-te indignado com a acusação, e exibes as cábulas a toda a turma enquanto perguntas: "Pessoal, quem é que deixou isto aqui?!"

d) Tens um ataque de choro convulsivo, cais no chão de joelhos e bates com a mão no peito. Depois de esfregares as botas do Prof. com os cabelos, teris uma crise de história e retiras-te para o manicómio em sinal de protesto.

8. Na rua, quando deparas com um Prof...

a) Cumprimentas, abraças e convida-lo imediatamente para um copo, falando intimamente dos colegas.

b) Encara-lo timidamente, e dizes: "Não me reprove, se não dou-lhe um murro na cabeça".

c) Pões a sebenta em destaque, por baixo do braço, cumprimentas respeitosamente, e mostras-te muito ocupado numa exaustiva busca bibliográfica.

d) Ignoras muito simplesmente que ele é teu Professor, porque ainda não tive tempo para ir à faculdade conhecer os teus novos professores.

PONTUAÇÃO

1 - a) = 2; c = 1
2 - a) = 2; d = 1
3 - a) = 2; c) = 2
4 - a) = 2
5 - a) = 1; d) = 2
6 - d) = 2
7 - b) = 1; c) = 2
8 - d) = 2

Se o total que obtiveste estiver compreendido entre 0 e 4, apenas te podemos aconselhar a leitura deste jornal, todos os dias, em jejum. caso tenhas obtido entre 5 a 8 pontos, parece-nos que o teu grande problema foi uma educação autoritária que ainda te inibe. Mas se mudares de companhias, ainda tens hipóteses. Entre 9 e 12, serás aquilo a que se chama um cábula medíocre, porque em tudo na vida não consegues ultrapassar a mediocridade; a leitura deste jornal, talvez te possibilite uma subida de nível. De 12 a 16, tudo bem. Podes passar pela nossa Redacção, e levar uma assinatura gratuita. Bem a mereces.

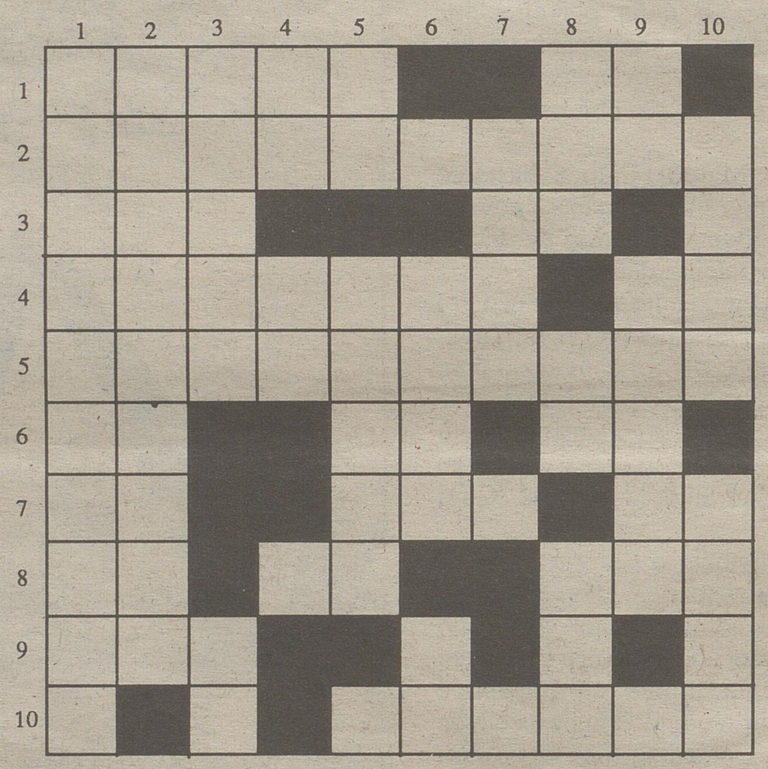
Caso o número que totalizas-te seja ímpar, põe-te a pau: os astros indicam que muito em breve poderás ser apanhado em flagrante delito de cabulanco.

Mas se esse número for par, terás de ser muito burro para não copiares e cabulares à vontadinha pelo ano inteiro fora. Os astros auguram-te segurança, com total isenção de riscos, e impostos.

LEIA A CABRA

QUEBRA A MONA

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1. Conjunto de signos pensamento – acção pertinente a uma actividade e, ou, modo de ser-estar (em Coimbra assume uma especial dimensão); o sujeito da acção. **2.** Moradia de estudantes **3.** Ex-coligação partidária; berro republico–tribal. **4.** O pai da praxa crua e nua. **5.** Boca em latim. **6.** Sujeito de acção (francês); pronome reflexo; artigo definido (plural) **7.** Citação (latim); o que é demasiado igual; guardião da constituição (inic.) **8.** Idem; a carta mais alta e propensa a batota; o bicho doméstico com o qual mais nos identificamos. **9.** Maior associação de estudantes (sigla) **10.** Auxiliar de memória

Verticais: 1. Nome de República **2.** Rés pública **3.** Forma do verbo assuar; sentas-te nele **4.** Iniciais de melhor resposta à melhor pergunta do Orlando **5.** Como estamos sempre **6.** Cidade; naquele lugar **7.** Zero **8.** João da Ega era ele; Câmara do distrito de Aveiro **9.** Suspiro do melhor. Impede de **10.** Arte (latim). Aquelas pessoas que dão sempre seca

SOLUÇÕES:
HORIZONTAIS: 1. PRAXE – EU **2.** RESIDÊNCIA **3.** APU – UA – R **4.** QUENTAL – OT **5.** UBISEDORBI **6.** IL – SE – OS **7.** SIC – OMO – TC **8.** TC – AS – CAO **9.** AAC **10.** CÁBULA.
VERTICAIS: 1. PRAQUISTÃO **2.** REPÚBLICA **3.** ASUEI **4.** XI– NS – A **5.** ED – TESOS **6.** ADEM – LA **7.** NULO **8.** EÇA – RO – CMU **9.** UI – OBSTA **10.** ARTI – COLA

MANIFESTO PELA PAIXÃO

Anda o Mundo triste, falta-lhe o brilho das horas completas.

Andam caladas as vozes do coração, os rios já não transbordam, há um mau feitio que não nos deixa ser felizes. Há um cheiro nauseabundo entranhado na pele que sufoca as emoções, vestígios de medo em busca do sorriso certo para semear manhãs nos olhos dos amantes.

É tudo a metade, tudo incompleto, feito para não existir. É esta vida que não se chega a viver até ao fim que faz sofrer a humanidade, que tem um corpo mas apenas metade do coração- Falta tanta coisa a esta gente para saborear a liberdade de estar aqui, para cantar os silêncios que unem montanhas.

Foram muitos, os de sempre, os que escreveram sobre a Paixão, a mais incompleta de todas as manifestações do coração. Devia-se lutar pela eternidade destas coisas para que fosse possível descobrir uma estrela nos olhos dos que se perdem nas neblinas das fantasias.

ANGÚSTIA PARA UMA PAIXÃO

A paixão vem semear a alegria onde a vida se gasta. Traz os recados que as mãos não entendem e esvoaça para o infinito de ninguém. Muitos anos, muitos, depois da angústia ter florido nos seios da menina loira que virou a esquina, refez-se o luar das serenatas. O tempo passa.

Dantes havia outra magia, as tardes eram pequenas e as noites não cabiam nos sonhos. As palavras eram breves e o mar investia no corpo como um veludo azul. Havia sempre um perfume e um gesto de ida-e-volta que embalava o desejo da eternidade.

Mas hoje o vento traz os sons dos poemas que não escrevi na sua pele, das confidências que não eram sinfonias. É preciso que os sentidos do coração tenham os sentidos da vida. Às vezes é tarde. Não é possível recosntruir o velho e o novo na pirâmide das fantasias, nem soletrar as horas para desnacer.

Há dias de todas as cores que não cabem no destino dos ausentes. Só os poetas e os artistas de outros destinos regressam à

MEMÓRIA DOS AMANTES

Cai a noite nos teus olhos cansados
E eu aceno-te do lado antigo da margem
Do fundo de mim, dos sonhos
Que enchem o mundo

E agora vejo-te aí arrependida
De uma parte de ti
Moída no silêncio do teu lado incerto
Onde as respostas avançam devagar
Não vá o vento colher-te

Treme a terra toda dentro de nós
A memória cansada dos corações
Deste tempo de ir embora.

ULTIMATUM

Semeai os sentimentos por ruas e praças, por bancos de jardins a horas impróprias. Sede capazes de gritar os segredos da vossa paixão. Sede capazes de enfrentar os gestos bem comportados da moral e em cada beijo louco derramar a vossa indiferença por quem vos excumunga. Não contemporizeis com as fardas, elas são o escárnio, os símbolos da castração.

É preciso ousar. É urgente evitar o contágio do olho avulso que se espreguiça para chegar à intimidade dos outros. Devia ser proíbido plantar relva que não servisse para cultivar a paixão, rebolar os corpos ou enfeitiçar as estrelas. É mais belo um beijo ardente no "Jardim Botânico" que um rubi da Rainha de Inglaterra.

Saltai o muro do "Portugal dos Pequenitos" e recuperai a memória da vossa infância, da vossa ingenuidade, dos bibes e balões, dos passeios ao fim da tarde com o espanto todo deste mundo onde há um lamento universal, um choro envergonhado que tem as marcas do desencanto.

Roubai flores em nome dos pecados do coração, onde a vida se condensa; ofereçam-nas. escrevam também nas paredes onde habitam as vossas "caras-metades" e denunciam que ali começa e acaba o sentido das vossas vidas, talvez da vossa existência. Os sentimentos não conhecem a vergonha, não há algemas para os impulsos do coração.

Todos somos poetas quando a inquietação é um labirinto a quem nos entregamos para salvar o outro lado que a vida nos consumiu. Não escondam a energia dos vossos desejos. Soltem-se! Molhem os pés no Mondego fora de horas e depois brinquem às escondidas, representem a própria paixão nesta alegoria, onde os elementos do princípio do mundo se adoçam. Regressem ao imaginário da vossa adolescência e escrevam em papelinhos mensagens de esperança, recados de amor para um princípe encantado e metam tudo isso numa garrafa que saiba o caminho para a felicidade. As correntes fortes ajudam a descobrir as esquinas do labirinto!

À PAIXÃO O QUE É DA PAIXÃO

António Vilhena

AI, A QUEIMA

Por BERNARDO TEIXEIRA DA CUNHA

Eh malta! Acordem! Tirem os olhos dos livros e façam pela vida! Já repararam que só faltam dois meses para a Queima? Dois míseros meses. Depois vai ser só do bom e do melhor - boa pinga, boa música, boas mulheres, homens bons (modéstia á parte...) Acordem os vossos instintos adormecidos e despertem para a vida.

O vosso mal é pensar que nasceram para estudar e que é para isso que estão em Coimbra. Nada de mais errado. Não julgem que foi esse desígnio que vos trouxe para cá. Ou que foi o acaso. Não. Deixem-me que vos diga que nós estamos para Coimbra como os hebreus estão para a Terra Prometida. Nós somos os estudantes escolhidos e este é o nosso paraíso. Cabe-nos a nós disfrutar dos seus prazeres. E contra o destino não há nada a fazer. Disfrutemos e deixemo-nos de merdas.

Eu cá por mim já estou à espera da Queima. Que venha ela que eu já estou de pernas abertas. Eu pela Queima dou-me todo. Não sobra nada. Principalmente dinheiro.

Ganhem juízo e façam como eu - vão com calma que isto não é para se fazer, é para se ir fazendo. E sobretudo não se esqueçam: mais vale uma na mão que as duas no soutien.

P.S.: *Essa merda de os redactores d' A Cabra serem todos uns cabrões é uma boca muito foleira. O ideólogo desta provocação sofre da minha mais profunda antipatia.*



opinião formada

Obrigatoriedade do Desporto na Universidade

Numa altura em que muito se fala de História é interessante saber o que pensavam os nossos colegas de sessenta. Saber dos seus problemas, das questões e soluções de então é sem dúvida interessante. Preocupante não será, no entanto, palavra vã quando se verifica que, 26 anos depois os problemas do desporto universitário mantêm-se inalterados. Desporto Universitário quo vadis?

Para darmos o carácter euritmico à análise do Desporto Universitário, iniciado no nosso anterior escrito, temos que ter, agora, em conta a própria congeminação das mentalidades e das estruturas sobre as quais desejaremos um perfeito acrisolamento do nosso Desporto, e o contrastante pandemónio em que as coisas se agitam actualmente.

Assim, a razão por que achamos conveniente uma análise de uma hipótese por vários eventuais e que se traduz na obrigatoriedade de actividades gimno-desportivas nas nossas escolas superiores. Apriorística e paradoxalmente a nossa opinião: é útil mas descabida tal pretensão.

Ao afirmarmos isto temos muito mais em conta a estruturação sobre que assenta a orgânica universitária, e a mentalidade dos que a compõem (do vértice à base), do que uma aversão a tal ideia.

Vejamos porquê.

Todos nós nos lembramos bem dos tempos do liceu e da obrigatoriedade a que estávamos sujeitos de, duas horas semanais, darmos uns saltos e flexões, feitos à pressa, entre um toque de campainha para a entrada e outro, 50 minutos após, para a saída. Tudo isto com o equipar, o "chamar" e o desequipar pelo meio. Claro que os resultados não eram óptimos, nem pelo menos satisfatórios. Era tudo feito a correr, sem consciência nem justeza, com a forçada transpiração, resultante do natural, ainda que parco, desgaste fisícoanímico, a ser arrefecida na aula imediata, que podia ser de história ou matemática.

Ora com estes exemplos tão flagrantes e de todos conhecidos, poderemos aspirar a que na Universidade as coisas se processem de diferente modo? Cremos que não! Isto porque a conjuntura actual do nosso ensino _ e da nossa mentalidade _ é tão má nas escolas médicas como nas universidades. Desconfiamos – para não dizer "temos a certeza" – que no ambiente universitário os mesmos erros continuariam a existir e veriamos a mesma apostasia por parte dos executantes.

Mas ainda é necessário entrarmos na pormenorização das incompatibilidades de horário entre e na maioria das faculdades, para se conseguir um plano de actividades que a todos agradasse e conviesse. Na verdade com a distribuição de aulas que vemos abundar pelas diversas escolas, cremos muito difícil uma possibilidade de solução lógica e positiva. À parte Direito, único curso que não tem aulas de tarde, todas as restantes Faculdades assoberbam os seus alunos com um horário exaustivo que, as mais das vezes, nem lhes permite um distribuir equitativo e racional do seu tempo de estudo e descanso. É, pois, deste modo, natural que compreendamos o tom deletérico com que os nossos colegas de letras ou Ciências recebem tal hipótese de se verem obrigados a, juntando-se ao esforço intelectual, um desgastante e inconveniente período de actividade gimno-desportiva, bisemanal, pelo menos. E têm razão.

Isto sem que deixemos de apoiar organizações de outros países onde existe tal obrigatoriedade. Por exemplo, na maior parte das Universidades da América do Norte os alunos estão obrigados a, cumulativamente com a aquisição do "canudo" do seu curso profissional, agregarem a aprovação de, pelo menos um, de dois desportos à sua escolha.

Claro que isto é na América. E ainda há países onde a solução é mais profícua... Em tais países existe um equilíbrio na distribuição da cultura, nos seus caracteres intelectual e físico. Tal, infelizmente, não acontece entre nós! Portanto que, antes de nos debruçarmos sobre uma organização, ou antes, organização das actividades gimno-desportivas circum-escolares, com o aventar de hipóteses e soluções, nos devamos concentrar numa reforma pedagógica da própria Universidade. Deixaremos isso a quem se dedica a esses estudos.

Em resumo, pois, temos a impossibilidade imediata de uma obrigatoriedade do Desporto na Universidade, devido á conjuntura organizatória e pedagógica da Universidade em geral. E enquanto se mantiver este "statu quo" será onírica qualquer esquematização de uma actividade gimno-desportiva circum-escolar. Quando muito poderão surgir "remendos", mais ou menos bem concebidos, mas que nunca passarão disso mesmo.

"Em Portugal há uma deformação da ideia desportiva. Esta, nascida com o seu carácter mais puro nas escolas inglesas (...) define-se, então Desporto como competição, esquecendo-se a convivência, a formação e a valorização pessoal, que lhe cabem como fins indiscutíveis" – transcrevemos para as nossas notas pessoais esta frase, escrita já não sabemos por quem, lida algures. Não fazemos rebuço em aderir ao seu espírito. Sem dúvida que a convivência social, a formação moral e humanista, a valorização técnica, física e cultural do atleta são dos objectivos que mais essencialmente devem presidir ao Desporto, mormente quando ele se pratica, ou deve ser praticado, a um nível de cultura que supere os ouropéis da vitória. Defendemos isto em princípio e como princípio. Não quer dizer, todavia, que em ocasião e lugares diferentes, quiçá com uma mentalidade cultural e desportiva mais desenvolvida, não convenhamos na existência de um mais apurado espírito competitivo. É que na base existe já a preparação que permite encarar a competição sem as veleidades de um momento de vitória fácil. É assim a modos que uma prova de doutoramento, após alguns anos de trabalho e esforço que permitem chegar a "ser bom"... Ora como nós ainda somos "caloiros" – ou nem isso: – é de ter sempre bem presente aquela ideia inicial, para evitar possíveis desfazamentos de algo que ainda nem construído está.

Mas há mais uma achega a fazer a esta nota preliminar deste capítulo.

Quando no anterior "Boletim" citámos a definição de desporto dada por Pierre de Coubertin, o paladino dos Jogos Olímpicos puros, sérios e honestos, logo aclarámos o seu "lirísmo", próprio da época romântica em que viveu. Os tempos são outros. Assim, que mais à vontade adoramos a Georges Hébert, quando afirma ser o Desporto todo o género de exercício ou actividade física, tendo por objectivo o estabelecimento de um resultado superior e cuja execução assenta essencialmente sobre a ideia de luta contra um elemento definido: distância, adversário ou, por generalização, contra si próprio".

Achamos de grande visão e objectividade tal afirmativa. Tanto mais que ela, ao fim e ao cabo, congrega os "lirísmos" de Coubertin, reafirma os termos valorativos e formativos que acima defendemos para o nosso Desporto, e traduz uma realidade que os nosso tempos exigem.

Simplesmente no nosso país, no momento actual, ao nível universitário – o que nos interessa: – nem existem lirismos, nem a complementaridade cultural, nem o espírito competitivo do desporto. Em resumo: não existe mentalidade desportiva!

É bem verdade que o português não é congenitamente um desportista. Como não é intelectual. O hóquei em patins é uma excepção que os sábios não deveriam saber explicar, se fossem inquiridos. O futebol nem sequer é excepção, apesar da teimosia paternal em exercitar os filhos a pontapearem uma bola, mal eles se iniciam no andamento vertical _ para mais tarde brindarem com as meias solas gastas numa "peleja" no colégio...

Quanto à maioria dos desportos, a sua existência tem uma aceitação tolerável, porque desconhecida. Mesmo os desportos "duros", "praticados por doidos", nunca chegam a receber uma crítica forjada no conhecimento das vantagens ou inconvenientes que possam acarretar em si.

Ora se a mentalidade geral do nosso povo se circunscrever à idolatria de "mitos" efémeros, por um lado, ou à denegação absoluta do desporto, com actividades de mentecapatos ou pequeno-burgueses de mentalidade atarracada, no outro lado antagónico, é natural que o universitário também se inclua em uma destas duas "correntes". É verdade. E isto importa para o desenvolvimento do tema de hoje, por quando esta realidade não permite encarar com êxito a hipótese de se ver o Desporto na Universidade. Aqueles que integramos na primeira "corrente" apenas se interessam pela competição e seus títulos. E em boa verdade o que se deve ter essencialmente em conta "sem se descurar o nível técnico, é sobretudo o nível de mentalidade, devendo-se negar, pois o nível técnico como base do desporto. A qualidade virá por acréscimo". O Desporto é hoje uma força social e, mais do que isso, é uma força educativa e estruturadora da evolução e capacidade de um povo.

Portanto esta "camada" de universitários não pode aceitar, para já, um Desporto pelo Desporto, ou mais propriamente, um Desporto como mola impulsionadora do desenvolvimento do povo.

Quanto aos outros, também não se pode aspirar a que adreguem aceitar aprioristicamente uma função que pensam secundária, alienada da sua posição de mentores de uma evo-

opinião formada

lução social-cultural, onde apenas o pensamento tem lugar. Eles têm em parte razão. No estado em que se encontra o Desporto federado no nosso país é sempre de aceitá-lo – ou repeti-lo – com uma certas reticências. Todavia, "enquanto o Desporto Federado não for, por sua vez corrigido, a convivência íntima com o Desporto Universitário evita que ele caia irremediavelmente na lei da selva" – como disse, há tempos, o Dr. Orlando de Carvalho. Sem dúvida que ao universitário, de mentalidade mais evoluída, cumpre uma função correctiva do que está errado e nunca um pretensioso abstencionismo de um problema que ele considera inferior. para mentalizar o povo, cultivá-lo, há igualmente que o fazer compreender seu fanatismo quase mitológico para as coisas do Desporto e encaminhá-lo para um entendimento daquilo que o desporto pode e deve trazer de bom.

Desta segunda alínea do nosso trabalho podemos tirar conclusões finais, quais sejam a da enexistência de um espírito capaz de aceitar a actividade gimno-desportiva na Universidade como obrigatória. É demais para já! Quando se não compreende a essência de uma coisa que deve ser exercida de "motu próprio", como aceitá-la com bosn olhos quando ela é importante? É forçoso um desfazamento entre o conteúdo e a sua concretização. temos, pois, que aguardar melhores dias e lutar para que cheguem breve.

Um terceiro ponto a ter em conta, para o alicerceamento da nossa ideia inicial quanto á impossibilidade de se implantar, em régime obrigatório, o Desporto na Universidade , é a falta de instalações que permitam um perfeito exercício, a todos, das várias modalidades.

Como admitir que os 6 000 alunos da nossa Universidade pratiquem Desporto com um único ginásio – se é que é ginásio; não nos conseguem convencer de que a ideia inicial do arquitecto foi a de lhe atribuir uma finalidade quase exclusiva de "salão de festas" –, com dois rectângulos relvados" lá na outra banda", onde ainda estão as pistas de atletismo e... pouco mais? Claro que é impossível! Sem material adequado não se pode fazer seja o que for. Sem instalações convenientes não se pode praticar Desporto; muito menos obrigar-se a sua prática.

Tem que se ter em conta, é certo, que as nossas instalações desportivas estão em construção (ainda!) e que, portanto, dentro em breve tudo estará resolvido. Mas é puro engano. Mesmo com a finalidade do plano do estádio Universitário – "romântico, por entre as fragâncias do rio" – não podemos ter a veleidade de considerar todo o problema de instalações resolvido. Analisando a "planta" do Estádio Universitário, nela vemos inseridos: a) I Pavilhão, b) I Restaurante; c) I Ginásio; d) I Campo de jogos relvado; outro para treinos; e e) I Ringue de Patinagem; f) I Court de Ténis; g) I Campo de Volei e Basquetebol; h) I Piscina aberta; outra coberta; i) I Tanque de recreio; j) I... Parque para automóveis.

Como plano parece não estar mal. E talvez não estivesse se a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra tivesse tido algum discernimento do que convém, é prático, simples e funcional, e não se apegasse a saudosismos balofos, cada vez mais obsoletos. A Cidade Universitária(?!) à "sombra" da velha torre, baluarte do turismo coimbrão, as instalações desportivas "na outra banda", a quilómetros de distância. Funcional e prático, não há dúvida! Já surgiram várias soluções para minimizar esse inconveniente de distância.

E até já vimos escrito a hipótese de um teleférico. Não seria má ideia.

O que é certo, em suma, é que as instalações desportivas de Stª Clara continuam, e continuarão, a ser insuficientes. E como óbice maior está, claro, a distância. Porque, se defendemos que o desporto deve ser praticado o mais possível ao ar livre e fora de zonas profundamente urbanizadas, também temos em conta que o universitário tem de ter as maiores facilidades e o menor desgaste de tempo para preencher as horas livres dos estudos na prática de desporto e exercícios físicos.

Assim, e apoiando a opinião já expressa pelo Dr. Armando Rocha, julgamos que o ideal para um perfeito saneamento do caotismo actual das instalações e práticas desportivas será "puxar" o mais possível aquelas para próximo das Faculdades. Se se teima em construir a Cidade Universitária à "sombra" da torre, lute-se agora para que as instalações desportivas também estejam protegidas por essa "sombra". Enquanto tal não suceder, enquanto o estudante se tiver que dispersar para cantos remotos da cidade, à procura de lugar próprio ao exercício físico, será filacioso querer obrigá-lo à prática da Ginástica ou do Voleibol.

É bem verdade que o Campo de Stº Cruz ainda não foi arborizado consoante estava em mente da vereação coimbrã. Pensamos que nós, estudantes, temos que nos esforçar para que isso não aconteça e, ao contrário, vejamos transformar-se uma "fonte de relíquias" em objecto prático e útil, actualizado.

Ao dizer isto não temos outra intenção do que defender a ideia de que a superfície actualmente ocupa pelo velhinho campo de Santa Cruz bem se pode transformar em funcionamento ginásios, a uma meia dúzia de passos da Faculdade e atractivo para todos aqueles que não sentem, por enquanto, o valor e importância do desenvolvimento físico.

Este ponto, porém, só por si, daria para um trabalho isolado. E porque não queremos alongar, ainda mais, a redacção e hoje, eis porque apenas fazemos enunciação superfícial de um trabalho sobre o qual nós, e as autoridades, nos devemos debruçar com a maior acuidade.

Mas não queremos terminar este capítulo sem transcrever uma frase proferida por alguém cuja responsabilidade muito pesa na nossa orgânica desportiva – O Inspector Nacional do Desporto Universitário:

– "Todos os recintos para Desporto não são demais; bancadas, essas, sim, são demais as que existem já e prejudiciais (os actores desportivos nacionais lançaram a nossa juventude, pode dizer-se que na sua totalidade, para as bancadas (...)".

Como síntese geral temos, então, que:

a) – Não existe disponibilidade de tempo, por parte do universitário, para se poder obrigá-lo à prática do Desporto e da Educação Física _ isto mercê de uma anacrónica estruturação pedagógica.

b) – A mentalidade que paira sobre o Desporto é de displicência quanto à justificação da sua actividade e reduz-se à patologia da "clubite" ou dos louros da vitória.

c) – A Universidade não possui os meios adequados para que possa oferecer – ou obrigar – os seus elementos estudantis uma actividade complementar da sua cultura intelectual.

Por tudo isto não defendemos a obrigatoriedade do Desporto na Universidade.

E se tudo o que não existe for construído e o que está mal for emendado? – nesse caso seremos dos primeiros a defender tal causa.

Ainda que pensemos que, então, o estudante, por si mesmo, se sentirá atraído para a prática do desenvolvimento físico. Mas se tal não acontecer, então que se o obrigue a reconsiderar.

Agora sermos paladinos de uma utopia, isso não...

LIVRE DIRECTO

TORNEIOS ABERTOS 91-

BASQUETEBOL

LOCAL: PAVILHÃO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO (1)

1ª JORNADA	**05 MAR.91**	
Palácio da.Mecha	– Adega.C.Matorra	21.00H
Super K	– ESAC	21.00H
Rockopo	– ISEC	22.15H
2ª JORNADA	**07.MAR.91**	
Adega C da Matorra	– Super K	21.00H
ESAC	– Rockopo	21.00H
ISEC	– Brig. Reumática	22.15H
3ª JORNADA	**12.MAR.91**	
Rockopo	– Adega C. Matorra	21.00H
Super K	– Palácio Mecha	21.00H
Brigada Reumática	– ESAC	22.15H

FUTEBOL DE SALÃO

SÉRIE A PAVILHÃO DA SOLUM

1ª JORNADA	**4 MAR. 91**		
SCUD	– Turma do Chuto		15.00H
Esac	– **A Cabra**		17.00H
Bits	– P. Dominantes		16.00H
2ª JORNADA			
Turma do Chuto	– Esac	7 MAR	15.00H
P. Dominantes	– Scud	11 MAR	15.00H
A Cabra	– Bits	11 MAR	16.00H
3ª JORNADA			
Bits	– Turma do Chuto	12 MAR	15.00H
ESAC	– SCUD	14 MAR	15.00H
P. Dominantes	– **A Cabra**	18 MAR	15.00H

SÉRIE B PAVILHÃO DA SOLUM

1ª JORNADA	**5 MAR 91**		
Inadaptados	– C. Medellin		15.00H
Direcção Geral	– Loureiro		17.00H
Copofónicos	– Secadegas		17.00H
2ª JORNADA			
C. Medellin	– Direcção Geral	7 MAR	16.00H
Secadegas	– Inadaptados	11 MAR	17.00H
Loureiro 17	– Copofónicos	11 MAR	16.00H
3ª JORNADA			
Copofónicos	– C. Medellin	14 MAR	16.00H
Direcção Geral	– Inadaptados	18 MAR	17.00H
Secadegas	– Loureiro 17	9 ABRIL	16.00H

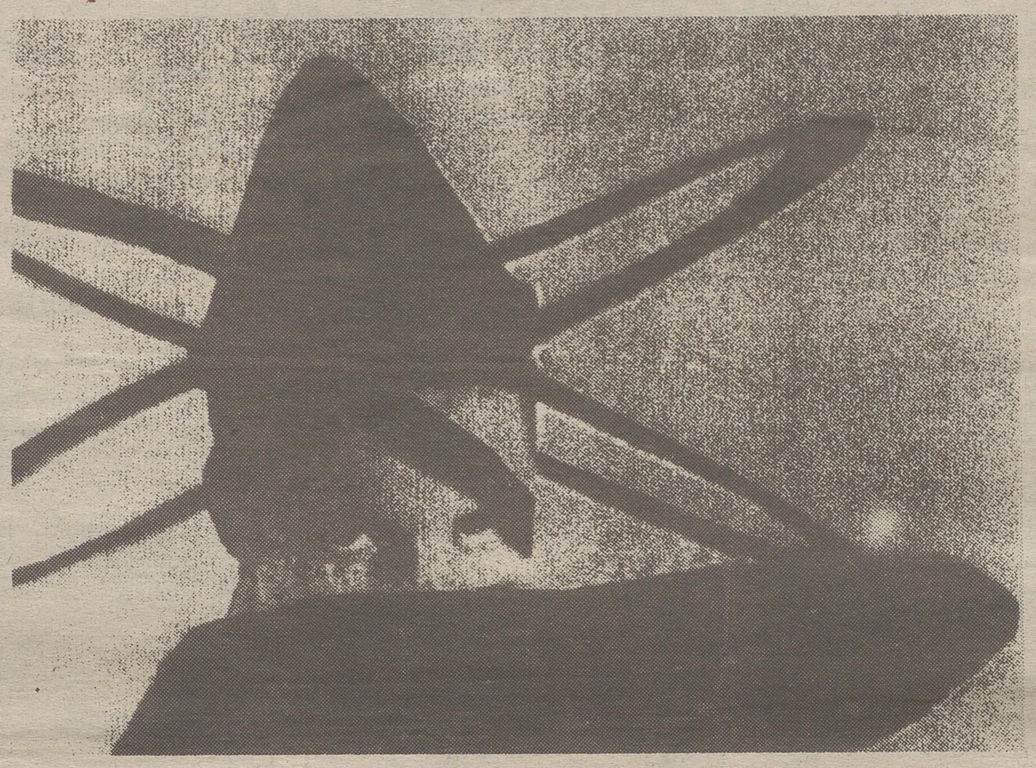
Golo do Mês

No passado número, Livre Directo noticiou a aquisição de um autocarro de nove lugares, dizíamos na altura que muito jeito iria fazer às secções. Hoje, podemos acrescentar que, igualmente, muito jeito tem feito à campanha eleitoral.

A DG actuava com inteligência e sobriedade, a bola era jogada à flôr da relva e ao primeiro toque. Na bancada alguém evocava o bons tempos do Mestre Cândido de Oliveira. As secções respondiam da forma que podiam, desiquilibradas pelo carrocel do adversário. Foi, então, que numa rápida jogada junto à grande–área das secções o experiente ponta–de–lança da DG fez-se à falta – A DG, propôs às secões que pagassem parte do custo da carrinha, uma vez que estas seriam as beneficiádas, as secções acederam. O árbitro correu prontamente para o local da pretensa falta, sancionando o lançe com livre-directo. Para a marcação da falta aprestou-se o médio centro da Lista D, número 10 nas costas, todo ele era técnica. ... parte para a bola e o inevitável aconteceu GOLO – a carrinha era agora usada para colocar cartazes e faixas de campanha. "– Foi em folha seca; – O guarda–redes não tinha hipóteses" lamentava-se de um lado; "– viva!" gritava-se do outro.

ATITUDES E POSTURAS

Crítica ao sujeito da situação situacional de quotidianos plurais. A abordagem analítica do seu abstrato.



A pressa nas ruas da cidade, as linhas verticais paralelas, razoabilidade, plausibilidade, a praça na sua, as esplanadas avançam rapidamente para nós como o sol e a desejada Primavera. O tempo e o ar excita-nos completamente. Amamos hoje também este desamar, os barcos flutuam e derivam a sua infinita deriva como a estrela mais livre, mais fascinante desse céu negro sobre nós.

Desalternativou-se a alternativa, a televisão, o sexo e o telefone. Precisam-se e apreciam-se a medida, o tempo, o espaço, o design, a composição e os materiais.

O cosmopolismo desordenado, a urbanologia racionalistaa- funcional de Corbusier, o design Bauhaus, Kandinski, os riscos, os sentimentos, a composição, o plano, o sonho de espaços amplos, madeiras raras em soalhos extensos e extensos e um cobertor para fugir segundos cronometrados, fazer amor e minimalizar, a ausência de almofadas de couro redondas, baixas e de design oriental, cortinas enfunadas, uma sala despida, uma janela grande a ampla semi-aberta.

Somos os polícias da nossa liberdade, moral, fisíca, coordenada, intensidade e referência psicosocial. Criamos desconforto e ausência. Todos e nenhum, a performance está na Autonomia e não na Felicidade. A conversa, os sentidos, a jogada, o risco e o choro oportunos. Este drama quotidiano da espera, da ruptura e da ambição.

A performance está na Autonomia
Não na Felicidade na Felicidade

Imperadores da nossa razão, crença, gosto, café, puxadores das portas, regulamos cuidadosamente a água quente e fria no banho, como a toalha seca o cabelo ao espelho grande reflexo confirmativo de si, do seu plano e sorri-lhe a esse espelho asséptico e confiável.

O ritual de um pequeno almoço de cereais, sumo e café forte, que se repete dia após dia, sózinho, nada frágil como aparentemente podia supor. As coisas são-lhe absolutamente claras, definidas no fundo das suas mais intimas e complexas ambiguidades. O pequeno almoço é calmo e organizado. Previamente determinado, até aqui que o mais simples resulte do estudo e da valoração, é pois, organizado, calmo e imperador da sua razão.

Quando era pequenina 5, 6, 7 anos, era já lourinha e tinha cabelos até aos ombros e olhos azul mar para o diáfano. A sua camisa de noite era de tecido fino branco-luz e dava-lhe pelos joelhos, à volta do pescoço tinha 2,5cms de bordado inglês branco. Os soquetes com que dormia eram também brancos. O Pai e a Mãe deitavam-se cedo, na altura ainda não tinha irmãos, ficava sentada à janela sózinha sempre, estática, espectadora absorvida de uma vida em que não participava. Havia noites mais claras em que o luar era mais intenso, havia a vida das aves nocturnas, das toupeiras, dos lagartos, das árvores, das borboletas da noite e das ervas daninhas. Ficava aí sentadinha, na sua janela. A janela é a sua cconformada relação com o mundo. Ficava aí então a sonhar com paisagens e panoramas distantes, longes, com um namorado porreiro, cabelo curtinho, louro e bronzeado e que risse espontâneo e natural de tudo pré-admitidamente sério e convencional negro. Paisagens, panoramas, o namorado porreiro, carros e motas, imaginava-se uma personagem plena, cheia, segura, agora mais calma, mais sabida, experimentada, cheia de orgulho nos erros que cometeu, que não cometeu, que não comenta, nunca diz nem 1/3 do que é ou do que pensa. É a maldade. É a sua doce maldade. Sedução. Serena conturbação. Prazer em Viver.

Os anos modificam-nos. Hoje, às vezes, em momentos curtos em que quase-serena ou tranquila vê os seus próprios olhos no espelho grande, acaba por sorrir a aquele em que é reflectida, à incogruência entre esse outro e o seu pensamento, ao sombreado que lhe envolve os olhos menos receptivos, à expressão continuamente mais complexa, mais ambígua, às palavras mais cortadas, afastadas, a quilómetros, afastamento, o movimento que optou distanciou-a aos poucos. Elegeu-a e à sua natureza, à sua liberdade, ao corpo, à representação, ao cenário, aos carros, aos cavalos e às motas que amou, à glória, à fama, à liberdade, à desigualdade, à incompatibilidade, à incompreensão, aos ressentimentos, silêncios, confidências, simples e máquinas, máquinas perfeitas para Amar.

Várias vezes aquela que poderia ser a pessoa mais importante da sua vida, só por ela passou como uma brisa leve que nem a areia desloca. Assim fora no liceu, assim fora num jantar em Florença, assim fora em África e continua a ser.

O carro seguia-a. Eram 50m. A noite e a rua estavam escuras e negras. Na rádio ouvira uma violação de uma prostituta miúda de 12 anos, completamente indefesa, sodomizada até mais não. "Eu não vou ser essa prostituta". Treme excitada a antever a abordagem do sacana do mercedes branco podre ferrugem, velho e sujo. O atrasado mental já mandou uma boca e ri, aproxima-se é como se fosse tudo dele. Já pôs a música mais aolto, já fez sinal de luzes. Ela treme cada vez mais excitada, até já ri e provoca. Ele sonha talvez o feito ali à pressa, com os beijos mais rápidos, intervalados com umas porradas doidas, mais violentas cheias e repletos de ansiedade e vertigem. Ela já mudou o andar, as suas mãos percorrem as calças pretas fuseau cachemira, é Chanel, intervala com os dedos a mexerem-lhe os cabelos louros óptimos já vermelhos a ferver, sedução. Toda ela é ferro e aço a arder, vermelho incadescente. "Ela quer ser possuída, e eu já estou a ficar louco, louco..."_ a voz dele em off. Ela continua a andar e encosta-se finalmente a um portão ferro pesado, grande e antigo, Os sapatos, as meias, as pernas perfeitas um pouco afastadas, as costas contraídas contra o portão verde grande de ferro, os olhos aflitos, a nuca e as palmas das mãos no portão. O Medo.

Depois suavemente, agora, a representar racionalmente, sem libído e com o prazer e o espírito de um verdadeiro assassino, dum vingador retira devagarinho da carteira também Chanel uma arma de tambor, seis balas. Ele vê. Ela vê. Ele ri, quer que ela não ria e mostre medo para poder avançar, ali numa rua escura de paralelo sob as luzes do seu Mercedes, a 6 metros não pode avançar, recuar nem olhar para a frente ou para trás. Ela já não treme, ri à gargalhada e pensa "cabrão, fodi-te".

A Rainha Ave vingará o seu
vôo
Brilham castanhas as penas
lisas e fôfas
... se as nuvens e ares se te
oferecem

Está muito escuro. Está tudo negro. Ele foge e corre, sob as luzes amarelas que rompem do Mercedes e pum pum cai como um pombinho, ela ri e repete em pensamento "fodi-te cabrão", ri à gargalhada já não pode mais. Ouvem-se gritos. Ela dispara mais e mais, treme a noite toda, transtornada, suada, alucinada, o seu rosto sob as luzes fortíssimas que se acenderam, dá-nos os melhores lábios do mundo, os olhos acabados de chorar agora a sorrir, a não compreender de tão bem tudo entender e ter entendido. E acende um cigarro entre soluços convulsivos riso e choro. Continua o seu caminho, é escuro.

A ponta do cigarro vermelho e a camisa branca, tinha o casaco caído, cada vez se vê menos, a câmara está ao nível do passeio. "Corta". A equipe avança, o electricista, este e aquele falam disto e aquilo. Por hoje está tudo filmado.

Os soluços, os vincos que aparecem ao espelho. Intervalos tristes e incontrolados. O silêncio. Importante é não envolver demasiado a mente. A mente é para meditar, viajar nas perspectivas negro vermelho lazer verde bolas, horrendo forte azul também negro e sintéticò para o campo. A vida é boa é no campo. A vida deste deslocalizou-se, opta-se pelo sentido do respirares mais fortes e ritmado do castigo, do brilho, riso e fogacidade, castigo, festas e alegria, propostas, vestidos lindos em costas decotadas lindas e lisas, belas, perversas de mais, elas são tantas ali e todas como máquinas humanas perfeitas que dizem o que é bom ouvir sério ou não, aparente ou presente, o que é bom de ouvir. O geometricamente perfeito. O racional, Medicina, Psicologia, Direito, crime, alucinação, holografismos, óculos escuros, comida sintética, modelos a passear, pormenores, panorama, paisagem e champanhe. As mãos movem-se lentamente à volta das ancas.

É uma inquestionável, irreprimível, inaparente e infantil espontânea, pura, agressiva, cruelmente meiga, desafiadora "ama-me lingueril", intimidade.

Ramiro Correia